

**INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS  
CAMPUS OURO PRETO**

**Carmem da Boaventura da Silva**

**TIPOLOGIA DAS ESQUADRIAS DE MARIANA  
DO SÉCULO XVIII AO XX**

**OURO PRETO  
MINAS GERAIS - BRASIL**

**2014**

**Carmem da Boaventura da Silva**

**TIPOLOGIA DAS ESQUADRIAS DE MARIANA  
DO SÉCULO XVIII AO XX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Campus Ouro Preto, como parte das exigências do Curso de Tecnologia em Conservação e Restauro.

Orientador: Alexandre Mascarenhas

**OURO PRETO  
MINAS GERAIS - BRASIL**

**2014**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pois sem ele não teria forças para chegar até o fim do curso. A toda a minha família: irmãos, tios, primos, sobrinhos, e em especial aos meus filhos Iata, Amanda e Ana Laura, meu neto João Carlos e os genros Danilo e Vinícius.

Aos mestres, em especial o mestre, professor, amigo e orientador Alexandre Mascarenhas, que sempre esteve ao meu lado me dando forças, aprendizado e seu ombro amigo.

Aos meus amigos que tanto me ajudaram e contribuíram para este trabalho, em especial Tânia, Lúcia, Sandra, Luana, Maria Auxiliadora, Hudson, Talita, Maria José, Emília, Luciano, Ronaldo, Angélica, Andréia, Lucas, Wilson, Nair, Maria Luíza, Glorinha, Luara, Lélío, Raquel, Simone, Hudnei, Tarcísio, Fábio.

Aos meus colegas de classe e os funcionários do IFMG.

A todos, Muito Obrigada!

*As nuvens mudam sempre de posição, mas são sempre nuvens no céu. Assim devemos ser todo dia, mutantes, porém leais com o que pensamos e sonhamos; lembre-se, tudo se desmancha no ar, menos os pensamentos.*

*Paulo Beleki*

## RESUMO

O presente trabalho trata da análise da Tipologia das esquadrias da cidade de Mariana, Minas Gerais, dos séculos XVIII ao XX. Essa avaliação compreende as residências selecionadas dentro do perímetro urbano da cidade, mais precisamente na Praça Gomes Frei e nas Ruas Dom Silvério, João Pinheiro, Dom Viçoso e Frei Durão. É um estudo de grande importância, uma vez que são escassos os trabalhos sobre o patrimônio histórico da cidade de Mariana, principalmente no que diz respeito aos elementos arquitetônicos que caracterizam e identificam suas residências. Trata-se de diferentes técnicas construtivas e materiais, que não só resgatam a história e a cultura da cidade como são de enorme importância para a arquitetura brasileira. Diante disso, o objetivo desse trabalho foi o de identificar as esquadrias mais usuais, estabelecendo vínculos com a época de construção e os materiais empregados, além de consolidar o conhecimento sobre a evolução dessas esquadrias e a importância para a identidade das construções, que caracteriza uma forma de preservação do bem cultural e transmissão de seus significados para as atuais e futuras gerações.

**Palavras-chave:** Tipologia. Esquadrias. Cidade de Mariana. Elementos Arquitetônicos.

## **ABSTRACT**

This paper deals with the analysis of the typology of frames the city of Mariana, Minas Gerais, the eighteenth to the twentieth centuries. This evaluation selected within the city limits, more precisely in Gomes Square Frei and the Streets Dom Silverio, João Pinheiro, Don Lush and Frei Durão residences. It is a study of great importance, since there are few studies about the historical heritage of the city of Mariana, especially with regard to architectural elements that characterize and identify their residences. It's different construction techniques and materials that not only rescue the history and culture of the city as they are of enormous importance for the Brazilian architecture. Thus, the aim of this study was to identify the most common frames, establishing links with the era of construction and materials used, as well as consolidate the knowledge about the evolution of these frames and the importance to the identity of buildings, featuring a form of cultural preservation and transmission and their meaning for present and future generations.

**Keywords:** Typology. Frames. City of Mariana. Architectural elements.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 DESENVOLVIMENTO URBANO E ARQUITETÔNICO EM MINAS GERAIS: UMA BREVE ANÁLISE CONTEXTUAL.....</b>	<b>11</b>
<b>3 MARIANA: POVOAMENTO E URBANIZAÇÃO.....</b>	<b>17</b>
3.1 Povoamento e Urbanização.....	17
3.2 Arquitetura e Construção Civil.....	21
3.3 Mestres de Ofício.....	23
<b>4 VÃOS: TÉCNICAS E MATERIAIS.....</b>	<b>30</b>
4.1 Autores.....	30
4.1.1 <i>Sylvio de Vasconcellos</i> .....	30
4.1.2 <i>José Wash Rodrigues</i> .....	35
4.1.3 <i>Comparação entre Sylvio de Vasconcelos e José Wash Rodrigues</i> .....	38
4.2 Tipos (forma, estilo, material, etc)   Vergas e Ombreiras   Cores.....	40
<b>5 ESTUDOS DE CASOS.....</b>	<b>47</b>
5.1 Análise contextual do entorno.....	47
5.2 Inventário.....	50
5.3 Análise construtiva, estética e temporal.....	104
5.3.1 <i>Relação entre Vergas e Tipos de Janelas   Relações entre prováveis épocas e construção e outros aspectos</i> .....	104
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>106</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>108</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estradas Reais.....	13
Figura 2 - Capelinha Bandeirante de Nossa Senhora do Carmo.....	17
Figura 3 – A primeira Casa da Câmara, em 1711.....	18
Figura 4 – Antiga Casa de Câmara e Cadeia.....	18
Figura 5 – Planta da cidade de Mariana com o novo traçado urbano ortogonal.....	20
Figura 6- Casa do Barão de Pontal.....	23
Figura 7 - Casa do Conego Bhering.....	23
Figura 8 - Casa de José Laves Maciel.....	23
Figura 9 - Fachada da Igreja de São Pedro dos Clérigos.....	27
Figura 10 - Igreja S. Francisco de Assis.....	28
Figura 11 - Catedral de N. S. <sup>a</sup> de Assunção.....	28
Figura 12 - Serradores horizontais, 1821 (Aquarela de Jean-Baptiste Debret).....	28
Figura 13 - Serradores, 1822 (Aquarela de Jean-Baptiste Debret).....	28
Figura 14 – Construção sugerida por Sylvio de Vasconcelos.....	35
Figura 15 - Elementos da esquadria de janelas.....	42
Figura 16 - Tipos de vãos.....	43
Figura 17 – Sacada corrida.....	44
Figura 18 – Sacada isolada.....	44
Figura 19 – Tipos de vergas.....	45
Figura 20 – Sobreverga.....	45
Figura 21 – Tipo de fechamento das janelas.....	46
Figura 22- Vista da Praça Gomes Freire com o coreto.....	47

Figura 23- Vista da Praça Gomes Freire (Jardim Municipal).....	48
Figura 24 - Casa do Arcebispo situada na Praça Gomes Freire.....	48
Figura 25 – Casas à Rua Conde da Conceição.....	49
Figura 26 – Mapa das edificações selecionadas para o inventário.....	51
Figura 27 – Mapa do tipo de vergas da janelas.....	52
Figura 28 – Mapa da tipologia das janelas.....	53

## 1 INTRODUÇÃO

O tema escolhido propõe a análise da Tipologia das esquadrias da cidade de Mariana/MG, dos séculos XVIII ao XX, aproximando das fontes bibliográficas mais específicas, em sua maior parte, indicada pelo professor orientador. A análise compreende as residências selecionadas dentro do perímetro urbano da cidade de Mariana, mais precisamente na Praça Gomes Frei e nas Ruas Dom Silvério, João Pinheiro, Dom Viçoso e Frei Durão. Outras fontes também foram utilizadas, que se relacionam com os sistemas construtivos empregados ao longo dos séculos XVIII ao XX, e com o contexto histórico e social em que se desenvolve o emprego das esquadrias.

Estudos sobre as primeiras produções arquitetônicas e seus elementos são raras de se encontrar e, na grande maioria, estão esgotadas. Vários nomes são conhecidos e esses versaram sobre arquitetura brasileira, voltando-se sempre para os edifícios religiosos. Os autores José Wash Rodrigues e Sylvio de Vasconcelos realizaram desenhos detalhados sobre os elementos da arquitetura mineira, sendo as principais referências específicas empregadas. Com o embasamento teórico, o passo seguinte foi o levantamento das esquadrias das residências selecionadas, que foram relacionadas com outras informações pertinentes sobre os aspectos construtivos.

O tema proposto se justifica pela falta da bibliografia específica voltada para o patrimônio histórico da cidade de Mariana, principalmente no que se refere aos elementos arquitetônicos que caracterizam e identificam muitas residências, o mapeamento e comparação das esquadrias das construções escolhidas vão fornecer preciosos detalhes arquitetônicos que passam despercebidos aos olhos dos leigos, além da possibilidade de documentar a cidade em diferentes épocas, mostrando a sua evolução.

A produção arquitetônica em Minas Gerais, especificamente na cidade de Mariana, a primeira cidade surgida a partir das expedições de bandeirantes paulistas, agrega diferentes técnicas construtivas e materiais, acentuando a sua importância e complexidade. Considerando o valor cultural e histórico das residências, o conhecimento detalhado das esquadrias contribuirá para o reconhecimento da história da cidade e como elas evoluíram com o aperfeiçoamento das técnicas construtivas.

Pretendeu-se identificar as esquadrias mais usuais, estabelecendo vínculos com a época de construção e os materiais empregados. Além consolidar o conhecimento sobre a evolução das esquadrias e importância para a identidade das construções, que caracteriza uma forma de preservação do bem cultural e transmissão de seus significados para as atuais e

futuras gerações.

A metodologia de pesquisa e desenvolvimento adotada para atingir os objetivos desse trabalho consistiu em:

- Revisão bibliográfica a partir de pesquisa em bibliotecas, arquivos, acervos e instituições públicas para análise e identificação da formação e evolução da arquitetura de Minas Gerais nos séculos XVIII a XX, do povoamento e urbanização da cidade de Mariana/MG, das técnicas construtivas empregadas e seus materiais;
- Delimitação das residências de abrangência da pesquisa, posterior levantamento e caracterização das suas esquadrias;
- Estabelecer as possíveis relações entre as vergas e os tipos de janelas presentes nas edificações, bem como a época de ereção e demais aspectos.

Esta pesquisa foi estruturada em seis partes, a saber:

1. **Introdução:** apresenta-se o contexto da pesquisa e justificativa sobre o tema, seguida pela descrição dos objetivos, metodologia e estrutura do trabalho apresentado;
2. **Desenvolvimento urbano e arquitetônico em Minas Gerais:** realiza-se um recorte sobre a arquitetura mineira dos séculos XVIII ao XX, revisando sua formação e evolução;
3. **Mariana: povoamento e urbanização:** efetua-se uma revisão sobre o processo de povoação e caracterização urbana da cidade de Mariana, da produção arquitetônica e os responsáveis pela sua execução, os mestres de ofício;
4. **Vãos: Técnicas e Materiais:** análise dos vãos, das vergas e obreiras e dos seus materiais, estilos, formas e cores empregadas nas residências em estudo;
5. **Estudo de caso:** aborda a história e evolução do entorno das edificações selecionadas para a pesquisa, ressaltando características fundamentais como a estética, a técnica construtiva e a temporalidade, para posterior estabelecimento de relações entre as vergas e os tipos e janelas, as prováveis épocas de construção, dentre outros aspectos;
6. **Considerações finais:** dispõe sobre as conclusões obtidas acerca da pesquisa e sugestões para trabalhos futuros.

Finalizando, apresentam-se as Referências empregadas na redação do trabalho.

## **2 DESENVOLVIMENTO URBANO E ARQUITETÔNICO EM MINAS GERAIS: UMA BREVE ANÁLISE CONTEXTUAL**

Os portugueses, desde a descoberta do Brasil, se viam azarados por não encontrarem ouro ou prata nas terras colonizadas, as atividades de extração de especiarias e corantes, e posterior desenvolvimento de engenhos de açúcar no litoral do nordeste, refletia a frustração econômica. Para promover a fixação e a exploração do território, além de proteção contra invasões, a coroa estabeleceu feitorias e entrepostos e depois as capitânicas hereditárias.

Através de ordens reais, grupos eram incentivados a desbravar o território à procura de metais preciosos; em especial após a queda do comércio açucareiro português, em meados do século XVII, e com a ampliação do ciclo da caça aos índios para escravização (embora o objetivo principal fosse a busca das riquezas no solo ainda não desbravado). Um dos grupos que se aventurou, recolheu amostras mineralógicas na região leste de Minas, por volta de 1570, instigando pesquisas mais aprofundadas em busca de tesouros. As descobertas seguintes foram simultâneas e em locais diversos, compreendendo os anos de 1693 e 1695.

Ainda que o primeiro descobrimento seja bastante discutido, há um razoável consenso entre os historiadores de que tenha sido feito em 1693 por Antônio Rodrigues de Arzão, segundo um depoimento da época, de Bento Fernandes Furtado de Mendonça. Para outros, o responsável pela preciosa descoberta tenha sido Duarte Lopes, segundo Hélio Vianna "um obscuro participante da bandeira de Fernão Dias Pais", que encontrara ouro nas proximidades da atual cidade de Mariana. (MELLO, 1984, p. 21)

A bandeira de Fernão Dias Pais partiu de São Paulo, em 1674, em direção nordeste, alcançando a região do Vale do Jequitinhonha; sendo o seu nome o mais significativo no que se refere ao desbravamento do território mineiro, explorou a região por cerca de sete anos, porém não encontrou as preciosas esmeraldas e as ricas jazidas prata. Contudo, a região passou a receber um contingente de bandeirantes cada vez maior e o ouro tão cobiçado logo foi encontrado.

Com a divulgação do fato, já em 1694, outras bandeiras se organizaram sendo que a chefiada por Manuel de Camargos, da qual participava Bartolomeu Bueno de Siqueira, teria também encontrado ouro na área de Itaverava. [...] Na turbulência das descobertas sucessivas do ouro, outros nomes ficaram registrados na história, como os de Antônio Dias de Oliveira e do Padre João de Farias Fialho, na área de Ouro Preto, do Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, no Ribeirão do Carmo (atual Mariana) e, no Rio da Velhas, Manuel Borba Gato. (MELLO, 1984, p. 21).

A região então passou a ser denominada Minas Gerais dos Cataguases pelo Governador do Rio de Janeiro, Artur de Sá, primeira autoridade responsável pela região. Esse nomeou Domingos da Silva Bueno como o guarda-mor, mas uma ordem real sobre as capitâneas hereditárias delegou a autoridade a Garcia Rodrigues Pais.

A ausência de tradições locais resultou em uma produção arquitetônica onde mesclava as culturas que haviam se formado no Brasil, as peculiaridades da região e a cultura portuguesa. Os núcleos urbanos surgidos se desenvolviam sem projetos nas regiões mineradoras e apresentavam o desenho da cidade medieval portuguesa; com o auxílio da igreja, construía-se uma capela, e com a expansão, esta passava para o patamar de cúria onde permanecia um padre, e o núcleo para arraial. Para residir, as construções, sejam elas rurais ou urbanas, apresentaram certa uniformidade de partido arquitetônico, incluindo pormenores de caráter local, devido às condições geográficas e climáticas da região de implantação, sem prejuízo do partido geral da composição e da respectiva fisionomia plástica. Em geral, as construções tinham aspecto simples e os elementos decorativos se ausentaram, visando sempre a funcionalidade. “Assim, as primeiras construções foram ranchos precários, inicialmente de um único cômodo, uma trempe, um catre ou jirau utilizado para descanso”. (CAMPOS, 1998, p. 7).

Ranchos que até hoje se espalham por todo o território pátrio como solução mínima do problema da casa própria. Quatro esteios de pau roliço, quatro frechais e uma cumeeira ao alto, roliços também os caibros que receberão as fibras vegetais da cobertura: sapé, folhas de palmeira, etc. De princípio simples telheiros que acolhem o homem e seus trastes, seus animais, suas ferramentas; depois fechando-se, na periferia, com tramas ainda de pau roliços e varas, esqueleto que servia para a sustentação do barro com que se acabam. Tem então início a arquitetura propriamente dita, que se manifestaria quase igual à de todo o resto da colônia, com ligeiras variantes. (VASCONCELLOS, 2004, p. 120-121)

O Ciclo do Ouro se inicia e com ele o processo de ocupação e propriedade na região. Uma nova rota que facilitasse a segura ligação do litoral à região mineradora fez-se necessária (Figura 1), e esta tarefa foi incumbida pela Coroa Portuguesa também a Garcia Rodrigues Pais. Visando enriquecimento fácil e rápido inúmeros aventureiros se deslocaram para região mineradora.

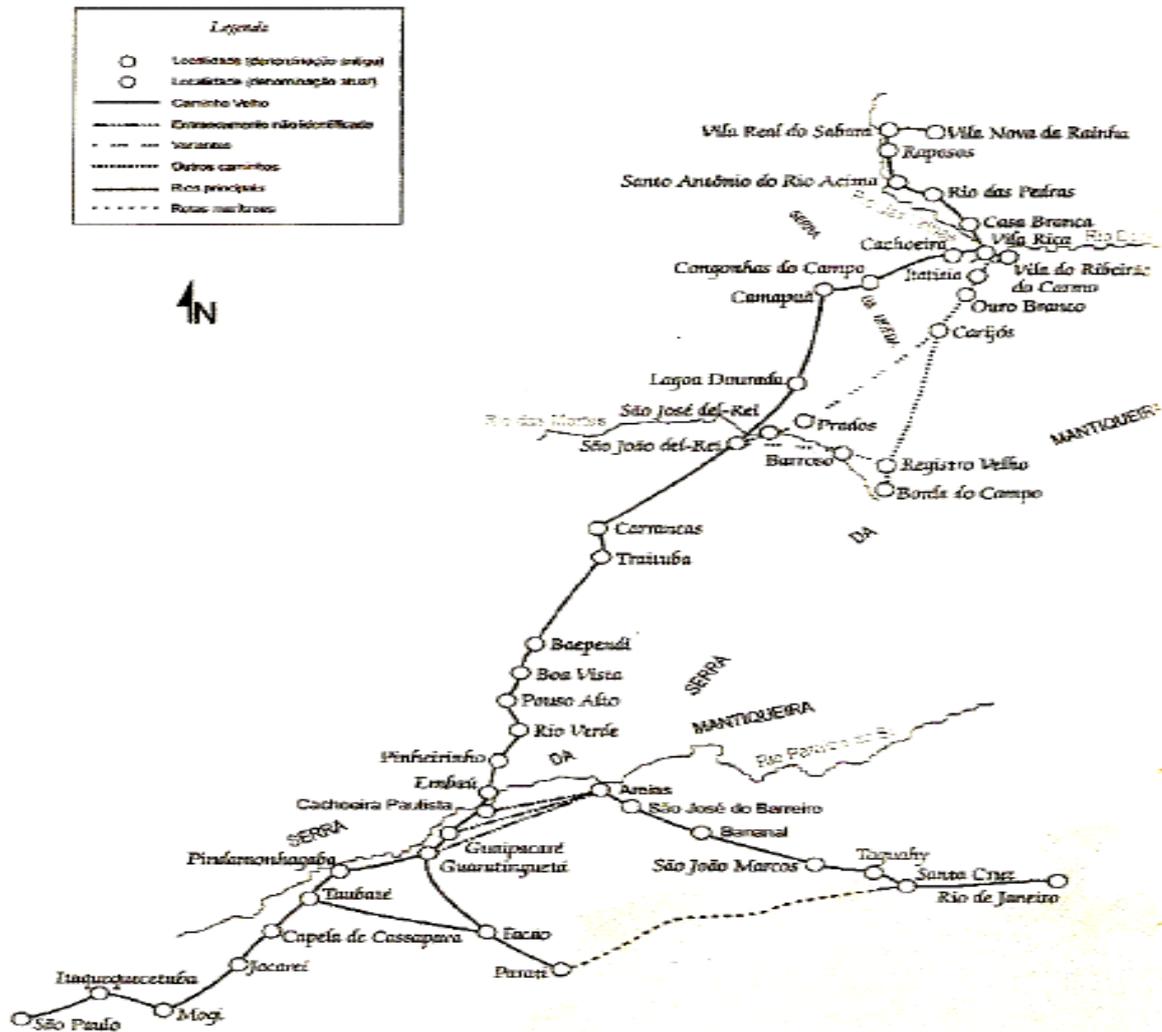


Figura 1 - Estradas Reais  
 Fonte: Programa RUMYS / Projeto Estrada Real

Como previsto nas Ordenações Filipinas, era realizada a cobrança do "quinto"; as frequentes sonegações e contrabando influenciaram a criação do 'Regimento dos Superintendentes, Guarda-Mores e Oficiais Deputados para as Minas do Ouro', em 1702. Apesar da medida adotada, a Coroa Portuguesa estava sendo prejudicada pelos constantes conflitos, sendo o mais conhecido a Guerra dos Emboabas.

Em resumo, porém, a designação de emboaba, englobava, genericamente, tanto os reinóis quanto os brasileiros vindos do Rio, da Bahia e de Pernambuco visto que, para os paulistas que desbravaram o território mineiro e dele se consideravam donos, eram os mais indesejáveis intrusos. De diversas escaramuças a situação evoluiu para choques sérios e traiçoeiras emboscadas como a do chamado "Capão da Traição", próximo do Rio das Mortes, quando cerca de cinquenta homens - entre paulistas, índios e mestiços - foram friamente massacrados pelo "emboaba" Bento do Amaral Coutinho em 1708. Nessa altura, os paulistas viram-se forçados a recuar para o sul e a região mineira ficou sob a "administração" do português Manuel Nunes Viana que, originário da Bahia, transformara-se em próspero minerador. (MELLO, 1984, p. 23-24)

Com isso, foi criada a Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, em 1709, sendo nomeado Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho o governador da mesma por Carta Régia. Para aperfeiçoar o controle da Coroa sobre o território colonial, no século XVIII foram criadas várias vilas: em 1711, a Vila do Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo (atual Mariana), a Vila Rica de Albuquerque (Ouro Preto) e a Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabará; Vila de São João Del Rei (1713); Piedade de Pitangui (1715); Vila Nova da Rainha (Caeté) e Vila do Príncipe (Serro), ambas no ano de 1714. Para alcançar o status de vila necessitava da liberação da coroa através de cartas régias, pois acarretava em determinada autonomia administrativa, requerendo a construção de uma casa de câmara e cadeia e delimitação do perímetro que compreende a vila. A função da igreja também se desenvolvia, a capela se tornava uma freguesia, com autonomia para realizar batizados, registros e casamentos, além da contabilização de documento pela instituição da paróquia; e elevação da capela à matriz.

Outro mecanismo encontrado para melhorar o controle sobre a extração do ouro foi a transferência da sede do Governo Geral de Salvador para cidade do Rio de Janeiro a fim de reduzir as distâncias. E para melhorar o rigor do recolhimento do quinto, em 1718 foram implantadas Casas de Fundição na região de Minas, gerando insatisfação dos poderosos mineradores, pois todo o ouro extraído era obrigatoriamente recolhido para fundição e, apenas depois de “quintado”, o ouro era devolvido ao proprietário, sendo proibida a circulação de ouro em pó ou em pepitas como era encontrado na natureza, sob risco de penas severas aos que descumpriam. Um exemplo da força adquirida pela Coroa foi a ordem de enforcamento e esquartejamento de Felipe dos Santos, este foi arrastado pelas ruas de Ouro Preto por cavalos. Em 1720, D. João V optou pela divisão da capitania e consequente criação da Capitania de Minas Gerais após trágicos acontecimentos provenientes de uma administração conjunta.

O aparecimento da ordem pública concomitante à população crescente – composta por pessoas ricas ligadas à mineração, familiares, escravos e marginais urbanos – despertou a necessidade de maior conforto, dessa maneira as casas são erigidas com cômodos diferenciados, materiais duradouros.

Ao lado desse componentes, e por força da própria demanda da vida social e política que ali se desenrola, há que se registrar a presença de profissionais liberais de diversificadas áreas de atuação e, por fim, mas não menos importante, a de artistas, artífices e artesãos. (BOSCHI, 1988, p. 11)

A urbanização estava presente desde as primeiras aglomerações e acompanhou o adensamento demográfico da região alimentado pelo comércio de ouro, embora não seguissem os traçados reguladores para o estabelecimento dos demais núcleos coloniais no Brasil. Estendeu-se “ao longo dos caminhos e estradas, nas encruzilhadas ou nas travessias de cursos d’água, à margem dos locais onde o ouro e o diamante eram encontrados” (SILVA TELLES, 1978/79, p. 46). De modo geral, a produção arquitetônica colonial mineira pode ser dividida em três grupos: religiosa, residencial e civil.

O poder exercido pela igreja era sempre limitado pela coroa portuguesa, onde as ordens religiosas não tiveram permissão para se fixar<sup>1</sup>. A capela foi a primeira manifestação da arquitetura religiosa, apesar da simplicidade, era um ponto de referência e reunia os núcleos urbanos em suas festas, abrangendo as primeiras décadas do século XVIII. O sucesso da exploração aurífera impulsiona e o desenvolvimento do comércio, divide a população “em classes sociais: pobres, ricos, trabalhadores braçais, comerciantes, administradores, brancos, pretos, etc.” (VASCONCELOS, 2004, p. 128). O crescimento populacional possibilita a construção de uma paróquia e o enriquecimento de alguns, a de uma matriz, compreende o período de 1710 a 1760, com características do barroco. A partir de 1740 surgiram algumas ordens nas principais vilas: as irmandades dos negros, de Nossa Senhora do Rosário; a dos brancos, as Ordens Terceiras de São Francisco e de Nossa Senhora do Carmo e; a confraria das Mercês, agrupando os crioulos, representando importantes elementos da integração da sociedade. Na segunda metade do setecentos verifica-se a influência rococó na reconstrução das primitivas capelas, construção de novas e decadência das matrizes, momento em que as classes sociais estão em rivalidade, acentuando-se as suas diferenças. No final deste século e início do próximo, o declínio econômico cessa as construções, apenas finaliza-se algumas construções imperfeitamente.

A arquitetura residencial também evolui de acordo com o tempo. Os ranchos iniciais com planta quadrada e única se dividem em cruz, as paredes recebem revestimento com argamassa de cal e areia ou de barro. As esquadrias começam a aparecer timidamente, centralizadas em meio ao pé direito baixo, com cerca de dois metros e meio. As primeiras casas podem ser esquematizadas em “plantas quadradas, cômodos quadrados, quadradas as janelas postas à meia altura exata das paredes. A cobertura se faz de telhas semicilíndricas de

---

<sup>1</sup> Na Capitania das Minas, a presença das ordens primeiras e segundas foi proibida. Diante do grande número de uniões ilegítimas, a Coroa Portuguesa pretendeu estimular os casamentos impedindo a presença de conventos masculinos e femininos. Existiram apenas alguns recolhimentos como o de Macaúbas (Santa Luzia), que ensinava as primeiras letras, formação cristã, bons costumes, preparando as mulheres para o casamento. (CAMPOS, 1998, p. 4)

grandes dimensões” (VASCONCELLOS, 2004, p. 121). A constituição de famílias também refletiu no partido das casas, para atender a necessidade de multiplicados cômodos, os puxadinhos aproveitam a mesma cobertura e a planta evolui para U e L. O apuro pelo conforto reconfigura as residências e, conseqüentemente, a planta:

Aparece o corredor de entrada ou o saguão, o quarto de hóspedes, a grande sala de receber e a varanda de trás de serviço. Cozinhas continuam a preferir puxados posteriores, insinuando pátios internos. Cobrem-se as peças de forro de madeira, lisos ou emoldurados com suas abas e cimalthas, janelas em almofadas perfiladas a capricho. Material novo, de maior dura. A peça começa a insinuar-se nas construções em alvenarias, enxilharias, portais, cunhais, escadas, etc.. (VASCONCELLOS, 2004, p. 122)

No auge do povoamento e alta demanda de moradia, as casas foram construídas apertadas pela escassez de terrenos arruados. Restringida ao mínimo possível, as residências eram implantadas em lotes urbanos com traçado retangular, onde as casas ocupavam a testada do lote nas ruas sinuosas definidas pela sequencia do casario. A sala estava na frente, as alcovas no meio e a peça de serviço ao fundo, além do corredor lateral para acesso à vivenda, circulação interna e acesso da rua ao quintal. Surgem os sobrados para atender outras necessidades, principalmente o comércio. As atividades eram realizadas em baixo, no térreo, com um a planta simplificada pela eliminação das divisões, em geral um salão; e a moradia no pavimento superior, as fachadas estreitas e altas são marcadas pelas janelas rasgadas, sacadas e parapeito entalado.

A arquitetura civil ou do poder português esteve presente através magnificas construções das Casas de Câmara e Cadeia e da Casa dos Governadores, esta em Vila Rica. A autoridade portuguesa também se edificou nas Casas de Intendência e Fundação. Encomendadas pelas Câmaras das Vilas foram construídas com pedra: chafarizes, pontes e Pelourinho, este era um símbolo da Justiça colonial.

### 3 MARIANA: POVOAMENTO E URBANIZAÇÃO

#### 3.1 Povoamento e Urbanização

A expedição do Coronel Salvador Fernandes Furtado, exausta por mais um dia de viagem, após o sinal de marcha do Coronel, “erguendo então os machados, fizeram retumbar o côncavo da floresta e desceram a serra, pelo nascente, ouvindo o estrépito soturno das águas” (VASCONCELOS, 1947, p. 7). Alcançando as margens do manancial, deslumbraram-se com a grande quantidade de ouro, era 16 de julho de 1696, dia da Virgem do Carmo, sendo chamado então de Ribeirão do Carmo, nas suas margens acamparam e decidiram da posse. O capelão da bandeira, padre Francisco Gonçalves Lopes, rezou a primeira missa na manhã seguinte.

Foram erguidos os primitivos acampamentos de mineradores às margens do Ribeirão, e nas proximidades da rústica capelinha dedicada à Nossa Senhora do Carmo (Figura 2), edificada como símbolo da sacralização do domínio, mostrando a forte relação existente no período colonial entre a Igreja e a Coroa. O sucesso da exploração originou dois núcleos populacionais, Mata Cavalos e de São-Gonçalo, que logo se transformaram no Arraial de Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo. Entre 1697 e 1698, a região enfrentou um período de fome, interrompendo o crescimento do arraial neste período.

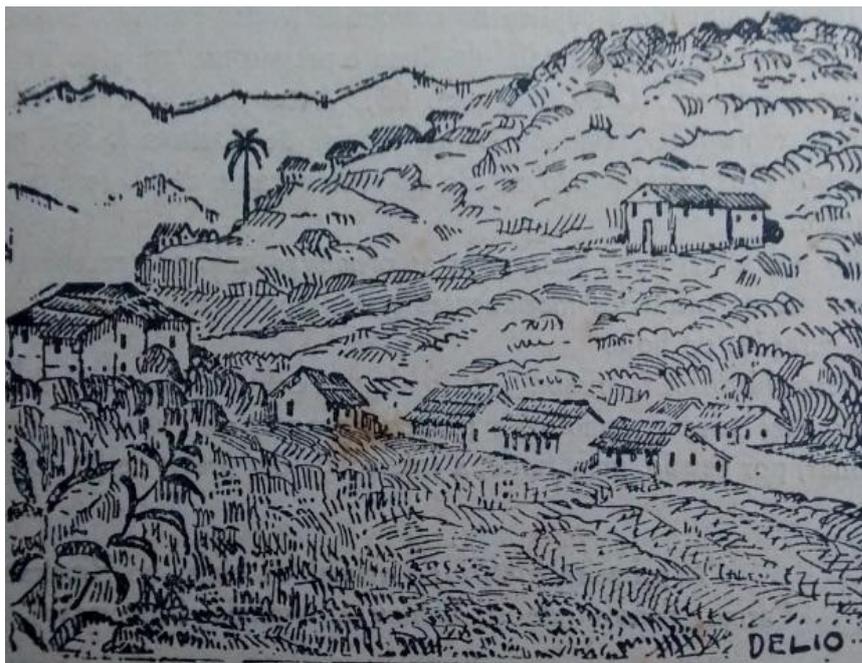


Figura 2 - Capelinha Bandeirante de Nossa Senhora do Carmo  
Fonte: Vasconcelos, 1947, p. 9

A numerosa população que ali residia permitiu que o Coronel Salvador Furtado solicitasse a criação de uma paróquia na capelinha do Carmo em 1698. Somente em 1701 o pedido foi atendido pelo Bispo do Rio de Janeiro, que nomeou o Padre Manuel Brás Cordeiro como o primeiro pároco. Outra evasão se sucedeu na região, desta vez mais significativa, entre 1701 e 1702, também pela ausência de alimentos; apenas Francisco Fernandes e Manuel da Cunha foram os proprietários de data minerais que permaneceram na região. Datas adquiridas, em 1703, pelo desbravador português Antônio Pereira Machado, fundador de Bonfim do Mato Dentro e de Antônio Pereira.

Passados estes dois períodos de fome que assolou a região, voltaram antigos moradores e novos aventureiros chegaram, estes trabalharam nas minas e residiram nas terras de Antônio Pereira, chamada como Arraial de Baixo em distinção ao núcleo de Mata Cavalos, denominado Arraial Velho por seus moradores terem retornaram para São Paulo ou se dirigiram para locais onde as condições naturais se mostrassem mais propícias.

Em 1711, o arraial foi elevado oficialmente à condição de vila: Vila do Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo, implicando na construção da igreja-matriz pelo ao poder religioso. Foi edificada, então, a Matriz de Nossa Senhora da Assunção, atual Catedral Basílica.

No interior destas matrizes explode o barroco, em seu momento de maior magnificência e fausto ornamental, verdadeiro atestado da opulência de um tempo em que mais de 100 arrobas de ouro anuais chegaram a ser enviadas a Portugal. A talha dourada extravasa no âmbito dos retábulos para recobrir também as paredes e arco cruzeiro das igrejas [...]. (OLIVEIRA, 1987, p. 12-13)



Figura 3 – A primeira Casa da Câmara, em 1711.  
Fonte: Vasconcelos, 1947, s/p.



Figura 4 – Antiga Casa de Câmara e Cadeia.  
Fonte: Vasconcelos, 1947, s/p.

Ao receber os foros de vila, a existência da Câmara e de uma Cadeia era necessária. Assim, até que pudesse erigir a Casa de Câmara e Cadeia, estas funções foram exercidas temporariamente em outros locais. O edifício da primeira Câmara (Figura 3) estava situado no arraial de cima, na Rua Direita do Rosário, dando fundos para o Ribeirão; e que Pedro Frazão de Brito foi o primeiro juiz, “eleito no pelouro para presidente da Câmara de 1711” (VASCONCELOS, 1947, p. 13-14), Pedro era um minerador influente e proprietário de datas de Mata Cavalos.

A Câmara tinha os cargos de vereadores e juízes ordinários, arruadores e juízes de ofícios das câmaras, ouvidores e corregedores, superintendentes, oficiais e eventualmente engenheiros militares. Dentre as funções atribuídas a esses “funcionários” estavam:

- 1) Adequação das estruturas construídas preexistentes: concessão de aforamentos sobre propriedades já estabelecidas por moradores; “licenças” para “reforma”, reconstrução e “retificação” de casas mais “decentes” e “seguras”, com materiais mais dignos, como o barro e a telha, em substituição à palha; “endireitamento” e realinhamento de arruamentos, a fim de assegurar a “decência” da povoação; eventualmente construções ou “partes” destas deveriam ser “demolidas” para se atingir principalmente continuidade nos alinhamentos das vias, em nome da “conveniência” pública e da “formosura” da povoação;
- 2) “Aumento” da povoação e das edificações. No âmbito edilício, “Aumento” da povoação e das edificações. No âmbito edilício, o termo “aumento”, também freqüente na documentação primária, significava, naquele tempo, tanto expansão física como “acrescentamento” de “dignidade”, assegurada através de: abertura de “praças” e novos “arruamentos” melhor “alinhados” e “decentes”; concessão de novos aforamentos para edificação de novas casas; construção de novos edifícios públicos, câmara e cadeia, chafarizes e pontes; construção “ornada” de capelas leigas e igrejas paroquiais; consolidação de largos e praças;
- 3) “Conservação” das várias “partes” da povoação: “reformas”, “reparos” e “correições” urbanas parcelares, ou seja, em “partes” da povoação, públicas e particulares, que visavam a manutenção “conveniente” da sua estrutura física e a “correção” de sua aparência; manutenção da “comodidade”, da “decência” aparente, da “limpeza” e do “asseio” da povoação. (BASTOS, 2006, p. 45-46)

O edifício oficial da Casa de Câmara e Cadeia (Figura 4) foi planejado e executado José Pereira Arouca, O mestre e projetista iniciou as obras em 1768 e finalizou em 1798, executada toda de “pedra, desde a base às cimalthas, os portais e vergas em pedra verde-claro, com talhas e aplicações artística, e, encimando o pórtico um bonito florão com as armas reais” (VASCONCELLOS, 1947, p. 47).

Em 1745, a Vila de Ribeirão do Carmo foi elevada à cidade e, em homenagem à rainha de Portugal, D. Mariana da Áustria, foi chamada de Mariana. Também foi criado o Bispado de Mariana, dentre as festividades de posse do primeiro bispo, Dom Frei Manuel da Cruz, está a cerimônia intitulada Áureo Trono Episcopal. A escolha da Vila do Ribeirão do Carmo para elevação à condição de cidade considerou a comodidade do seu sítio, que uma

topografia mais plana em relação às outras vilas, e, a sua conveniência pela exploração aurífera e oportunidade de comércio.

Mudanças nos hábitos e nos estilos de vida marcaram a instalação da administração episcopal em Mariana: o traçado urbano da cidade foi reorganizado (Figura 5) para se adequar ao novo *status*; inúmeras construções religiosas além de outros monumentos significativos foram realizadas, como o Seminário Menor, a Casa Capitular, o Palácio Velho dos Bispos, a Igreja de São Pedro dos Clérigos e a Catedral. Essa, pelas condições financeiras, foi instalada no edifício da antiga Matriz após uma série de adaptações.

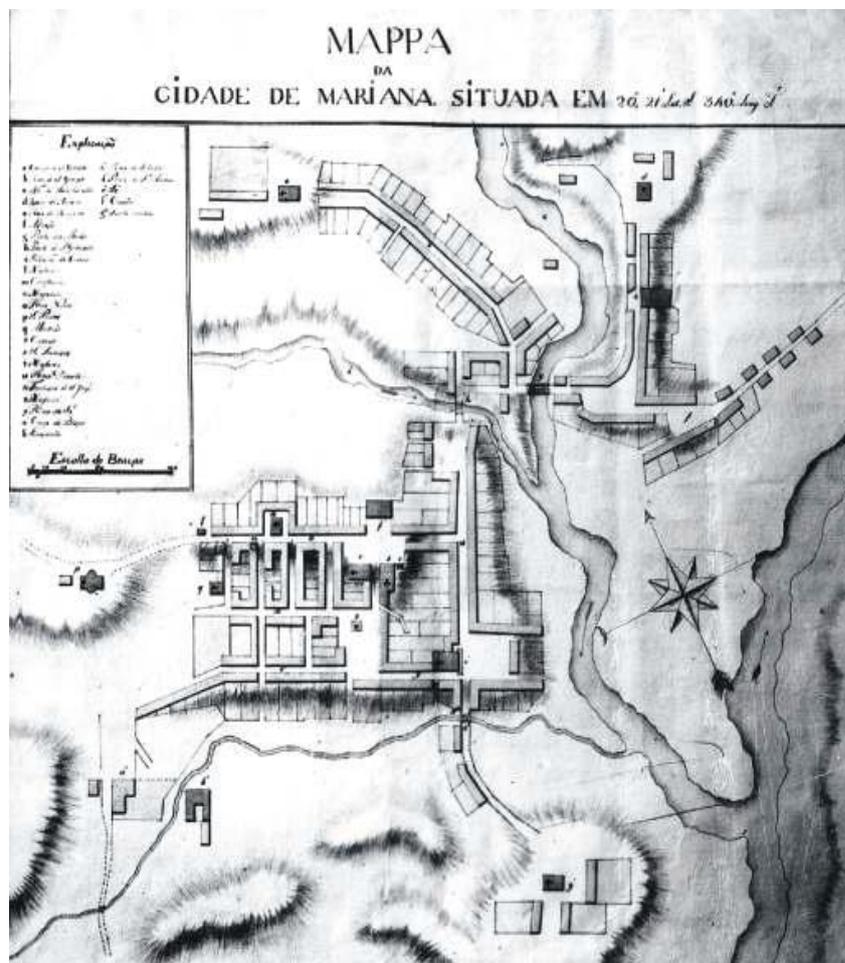


Figura 5 – Planta da cidade de Mariana com o novo traçado urbano ortogonal.  
Fonte: Mariana Imagens, p. 63.

O plano urbanístico idealizado por José Fernandes Alpoim, em 1745 para a cidade, previa conformar algumas estruturas existentes às novas ruas e praças em uma trama ortogonal, como por exemplo, fazer o arruamento da Rua Direita<sup>2</sup> e definir as quadras a serem preenchidas por lotes simétricos e blocos uniformes. A reconfiguração da cidade se dava ao

<sup>2</sup> Antigamente chamada de caminho de cima, ligava a praça da Conceição ao Rosário e a São Gonçalo, caminho que também passava pela chácara do capitão Antônio Pereira Machado (VASCONCELLOS, 1947, p. 56)

longo dos três eixos que se prolongavam na direção sul: a estrada de Itaverava, a Rua dos Cortes e a Rua Nova, além dos eixos naturais representados pelos córregos do Catete e do Seminário (FONSECA, 1988).

O declínio da extração mineral começou por volta de 1750, com isso a Coroa buscou impôs novos meios de arrecadação de impostos, a insatisfação da população crescente resultou em uma série de conflitos e, em 1789, na Inconfidência Mineira.

No século XIX, com o advento da Proclamação da República e com a transferência da capital do Estado de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte reduziu significativamente a população da antiga capital e das cidades circunvizinhas, que é caso de Mariana, que também perdeu muito prestígio com a quebra da aliança entre o estado e a igreja, existente durante o período colonial e império.

Em Mariana, no século seguinte, como em outras cidades, passou por situações de descaracterização da paisagem urbana devido à implantação da rede ferroviária, e em meados da década de 50, ao intenso processo de urbanização e adensamento. Estes decorrentes da expansão e desenvolvimento das atividades industriais na região, assim como do setor terciário.

### **3.2 Arquitetura e Construção Civil**

Hábitos urbanos foram praticados desde o começo do primeiro arraial, e "com a progressiva inserção de um aparelho administrativo português, a Câmara Municipal, há a tentativa de se corrigir certas praticas, principalmente depois do projeto urbanístico lusitano" (BORSOI, 2011, p. 21). Havia um rígido controle sobre a produção espacial.

O terreno cedido para patrimônio da Câmara compreendia um espaço delimitado e chamado de rossio, sendo uma "parte pública utilizada para festas e cerimônias, pastos e retirada da madeira, e [para] a demarcação de lotes destinados à habitação chamada de aforamento ou tombamento" (BORSOI, 2011, p. 11). As construções não ocorriam em espaços espontâneos, os lotes eram doados ou comprados pela população após requisição e concessão dos mesmos com as medidas para a construção em braças já fixadas, seguindo os critérios da Câmara. A Câmara também cuidava do ordenamento do espaço construído e das formas de construção, o escrivão e arruador do Senado sempre deveriam estar presentes para que a obra fosse executada. Quando era necessária a manutenção do espaço construído, a obra era divulgada em praça pública e o menor lance arrematava a obra.

A mão de obra escrava que executava as técnicas construtivas do casario, em geral, primitivas e precárias. As técnicas de pau a pique, adobe ou taipa eram realizadas nas residências mais simples, enquanto nas mais importantes havia a utilização de materiais mais nobres, como a pedra, o barro e mais raramente tijolos.

A simplicidade e o funcionalismo, características do casario do início do século XVIII, são evidenciados nas casas térreas com guarnições dos vãos em madeira e vergas retas. Com o crescente número de prédios residenciais, os sobrados começam a se destacar, recebem um tratamento mais apurado.

Durante o século XVIII as casa e edifícios públicos brasileiros continuaram a seguir sem grandes variações os modelos portugueses congêneres. Na mãe-pátria o século divide-se em três períodos que aproximadamente correspondem aos reinados de três soberanos, cada qual com sua significação artística marcada. No reinado de D. João V (1706-1750) predomina a influência barroca romana dos fins do século XVII. Com D. José I (1750-1777) entra em moda o rococó francês, e com Dona Maria I (1777-1816) começa a impor-se o espírito da arquitetura neo-clássica internacional. (SMITH, 1969, p. 98)

No casario colonial marianense predomina, atualmente, a alvenaria de tijolo. Esse fato pode ser justificado pela vontade de modernização das edificações pelos seus proprietários. Deve-se levar em conta também a dificuldade de manutenção das técnicas construtivas com materiais tradicionais, seja pela ausência de recursos, seja pela falta de mão de obra especializada.

Diferente das demais cidades oriundas da exploração aurífera, Mariana se desenvolveu em terrenos de declive suave, o que facilitou a implantação de praças, jardins e ruas perpendiculares. As praças da cidade se derivaram dos antigos largos, onde se instalavam as principais edificações da cidade, a sua configuração ortogonal foi também parte do Projeto Alpoim.

A ampla Praça de Nossa Senhora da Assunção, atual Cláudio Manuel, comandada pela Catedral, a Praça da Independência com seu pitoresco ajardinamento ao gosto do século XIX e, principalmente, a Praça João Pinheiro, antigo Largo do Carmo, sem dúvida um dos mais harmoniosos espaços urbanos do século XVIII mineiro. Nela, três monumentos se defrontam: as importantes e elegantes Igrejas das Ordens Terceiras do Carmo e São Francisco, e a antiga Casa de Câmara e Cadeia, sendo atualmente da Prefeitura Municipal (OLIVEIRA, 1987, p. 22)

Em Mariana, as casa térreas predominaram, apenas na Rua Direita encontra-se os sobrados concentrados. Nestes sobrados residiram importantes personalidades que fazem parte da história de Mariana, cujos nomes são referência na identificação dos mesmos. Por

exemplo, a Casa do Barão de Pontal (Figura 6), que possui todas as sacadas em pedra-sabão rendilhada, a Casa do Conego Bhering (Figura 7) e a Casa de José Alves Maciel (Figura 8).

À Rua Dom Silvério, antes designada Rua Nova porque foi a última a ser aberta depois da cidade edificada, encontramos a Arquiconfraria de São Francisco, única capela que apresenta o frontispício quebrado em três planos; logo abaixo o Colégio Providência, e outros exemplares da arquitetura colonial mineira.

A religiosidade foi demonstrada na construção de igrejas e capelas ao redor da cidade. A Catedral de Nossa Senhora da Conceição com sua rica decoração é uma das mais antigas de Minas. As Igrejas de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco de Assis se defrontam à Casa de Câmara e Cadeia na Praça Minas Gerais, que também possui o Pelourinho. Outras edificações compõem este acervo religioso. O Velho Seminário foi a primeira construção educacional mineira, inspirado nos famosos mosteiros portugueses.



Figura 6- Casa do Barão de Pontal  
Fonte: Vasconcelos, 1947, s/p.



Figura 7 - Casa do Conego Bhering  
Fonte: Vasconcelos, 1947, s/p.



Figura 8 - Casa de José Laves Maciel  
Fonte: Vasconcelos, 1947, s/p.

### 3.3 Mestres de Ofício

Os profissionais da construção civil no período colonial, assim como em Portugal, recebiam designações de acordo com as funções que desempenhavam, não existindo o termo arquiteto, e, como os engenheiros militares representavam um contingente que não supria a demanda da região, estes projetavam as obras públicas, sejam elas militares, civis ou religiosas. As construções eram de responsabilidade dos mestres de ofício, incluindo funções que muitas vezes englobavam o projeto, a execução, a supervisão e/ou o arremate.

A Câmara por ser a esfera dos poderes administrativos e judiciais, também exercia “atribuições semelhantes aos da atual justiça do trabalho, composto de juizes e escrivães de ofício, eleitos pelos oficiais mecânicos e confirmados pela câmara” (BARRETO, 1947, p. 31). E as corporações de ofício representavam a união de cada classe de oficiais mecânicos<sup>3</sup>, os membros das corporações eram organizados hierarquicamente em aprendizes, oficial e mestres<sup>4</sup>. Para exercer o ofício, o profissional tinha que apresentar a carta de exame à câmara para obter a respectiva carta de habilitação, porém muitos artífices não respeitavam esta burocracia.

Segundo Boschi, os artistas e artesãos que desejassem obter a carta de habilitação do ofício eram submetidos a um exame de qualificação prático perante dois juizes do ofício, caso aprovado, apresentava carta de exame à Câmara para confirmação e reconhecimento público. Este documento permitia ao oficial abrir sua própria loja, tenda ou oficina, além de arrematar obras. Assim, como tinham profissionais que não passavam por este processo, eram encontrados profissionais que exerciam o trabalho livre; os que tinham licença com fiador, pelo período de seis meses a um ano; e os que obtinham a carta de habilitação.

As obras públicas oficiais seguiam a burocracia estabelecida pelas Ordenações do Reino de Portugal, nas vilas o número de funcionários envolvidos era menor. De forma geral, o projeto após ser finalizado, estava composto por plantas, apontamentos diversos, orçamento e as condições de execução. Todo processo era repassado ao governador, que o enviava ao Conselho Ultramarino para sua aprovação.

Uma vez aprovado, o governador convocava o vedor geral para que mandasse "pôr em lanços a dita obra, e se arremate, a cuja arrematação deve assistir o engenheiro-principal da província com o Vedor Geral". Na Vedoria, na presença do vedor geral e de dois engenheiros ou mestres responsáveis pelo "risco", procediam-se aos "lances da arrematação" – "os primeiros, pelo que toca à forma do trabalho, bondade dos materiaes, brevidade, e escolha das partes em que se ha de continuar o trabalho; os segundos por tudo o que pertence à melhor arrecadação da Real Fazenda" – e a escolha recaía no(s) empreiteiro(s) que apresentasse(m) melhor preço para os diferentes tipos de obras que deveriam ser realizadas. Finda a arrematação, o vedor geral, representante da Fazenda Real, fazia a escritura e mandava examinar a capacidade dos fiadores que os empreiteiros davam para garantir o dinheiro que lhes era adiantado em confiança. Os fiadores eram aceitos na medida em que fossem capazes de arcar com os custos da obra em caso de morte ou inadimplência do responsável pela arrematação da parte em questão. A execução das obras públicas

<sup>3</sup> O termo oficiais mecânicos designava o profissional possuidor de destreza ou mestria na prática de determinado ofício. Sua Principal particularidade era a de ser livre para trabalhar e para vender o seu produto ou mesmo a sua própria força de trabalho. (BOSCHI, 1988, p. 16)

<sup>4</sup> A mesma hierarquia existente no interior nas corporações portuguesas foi adaptada para a organização dos ofícios no Brasil: ao longo do aprendizado do ofício os artesãos eram denominados *aprendizes*; o artesão que obtinha perfeita preparação técnica era denominado *oficial*; aquele que conduziam e ensinavam os serviços eram chamados *mestres*. (MARTINS, 2008, p. 30)

oficiais de maior porte era supervisionada pelos próprios engenheiros ou mestres responsáveis pelo projeto, acompanhados dos "olheiros" e "apontadores", vigilantes de confiança do vedor geral. (BUENO, 2012, p. 324)

No caso das construções religiosas, era necessário ainda seguir as normas eclesiásticas para serem aprovadas pela Mesa da Consciência e Ordens, com sede em Lisboa, que analisava minuciosamente se o requerente da construção possuía verba para a edificação.

Projetadas em etapas, obtida a autorização das instâncias superiores (ou licenças provisórias), em hasta pública, as partes eram leiloadas e arrematadas em função do menor preço, o que nem sempre implicava em qualidade, sendo habituais as queixas sobre desvios de materiais, burlas nas condições de execução e outros tantos descaminhos entre projeto e “fábrica”, comprometendo o resultado final. [...] as construções se estendiam ao longo de décadas e cada etapa era protagonizada por novos atores, havendo descaminhos no decorrer de sua efetiva realização. (BUENO, 2012, p. 325-236)

A partir do século XVIII, com o aumento da população, os artífices mecânicos são melhores definidos e começam a serem documentados. Na região de estudo, os mestres pedreiros e os mestres carpinteiros eram os arrematadores da alvenaria e carpintaria, eram brancos, portugueses natos e sempre contavam com os seus subordinados escravos.

Dentre os primeiros registros de oficiais mecânicos no período colonial estão aqueles que vieram com as primeiras expedições para auxiliar na montagem do aparato para a colonização, chegando em maior abundância a partir de 1549. Esses oficiais mecânicos estavam vinculados à Companhia de Jesus e o desempenho dos ofícios era de responsabilidade dos jesuítas. Na Companhia eles se dividiam em duas espécies de ofícios: os ofícios domésticos comuns e os ofícios mecânicos – alfaiates, sapateiros, pedreiros, barbeiros, ferreiros, torneiros, carpinteiros ou entalhadores, livreiros, encadernadores, agricultores, enfermeiros, cirurgiões, construtores navais e outros. (MARTINS, 2008, p.29)

As funções de alguns dos ofícios mecânicos existentes no período colonial eram:

[...] *carpinteiros* eram aqueles ofícios que detinham o domínio amplo do setor, ao passo que os *marceneiros*, menos expressivos numericamente, eram os que lavravam a madeira destinada à confecção de móveis [...]. O *carapina* [...] não chagava a ser uma auxiliar de carpintaria, mas não tinha a aceitação que os demais mereciam. [...] o *entalhador*, oficial que executava trabalhos em talha, isto é, representava, gravava, lavrava ou esculpia “lançarias, flores, folhagens, brutescos... de meio-relevo” em madeira. (BOSCHI, 1988, p. 17-18).

*Pedreiro*, segundo um dicionário da época, era o “oficial que trabalha em obra de pedra e cal, em obras de alvenaria ou cantaria”. [...] *canteiros*, oficiais que lavraram as pedras de cantaria, ou seja, pedras rijas lavradas e destinadas a serem assentadas em canto ou ângulos das obras de alvenaria. Todos esses oficiais tinham nos *pintores* os finalizadores de suas obras. (BOSCHI, 1988, p. 20)

Dentre os oficiais da época está o Aleijadinho, mulato e filho de português, responsável pela execução das principais obras nas irmandades brancas. Segundo Martins (1974), Aleijadinho trabalhou em Mariana como arquiteto, escultor e entalhador do Chafariz da Samaritana – atualmente preservado no Museu Arquidiocesano - e das imagens de Sant'Ana, S. João Nepomuceno, S. Joaquim e dois bustos relicários. Seu pai, Manoel Francisco Lisboa, atuou como carpinteiro e mestre de obras reais nos Quartéis dos Soldados, no Palácio do Bispo (1752 e 1753), na Catedral (1752 e 1760), e na Igreja de Nossa Senhora do Rosário (1756).

Outro nome conhecido é o de Manuel da Costa Ataíde (1762-1830), pintor e natural de Mariana, trabalhou na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, na Catedral, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, na Igreja de São Francisco de Assis e na Câmara. Em 1818, requereu para a cidade de Mariana a criação de uma Aula de Desenho, Arquitetura e Pintura, sendo a resposta recebida no mesmo ano através de um atestado de professor das Artes de Arquitetura e Pintura (MARTINS, 1974, p. 54).

Outros profissionais da construção atuaram na época. Seus nomes foram levantados pela Judith Martins e publicados no seu livro *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII em Minas Gerais* (1974), onde mostra o ofício de cada um, o local de atuação, além dos seus respectivos serviços prestados e ano de desenvolvimento. Os ofícios identificados foram carpinteiro, ferreiro, pedreiro, ourives, marceneiro, carapina, serralheiro, pintor e engenheiro. O engenheiro referido foi o português Sargento Mor José Fernandes Pinto Alpoim (1700-1765), autor da nova planta urbana da cidade.

Apesar dos nomes supracitados, o “construtor” da cidade de Mariana foi José Pereira Arouca (1733-1795), mestre pedreiro e carpinteiro. Nasceu em Portugal, na Freguesia de São Bartolomeu da Vila de Arouca. Seu primeiro registro na cidade de Mariana foi em 1753, onde "prestava-se como fiador de José Pereira dos Santos, na assinatura do contrato para que este executasse a obra da Capela de s. Pedro dos Clérigos, de Mariana" (MARTINS, 1974, p. 60). Este teria sido discípulo de José Pereira dos Santos, conforme o segundo vereador da Câmara de Mariana, Joaquim José da Silva. Quanto ao seu domínio da técnica construtiva e manuseio das ferramentas, há uma hipótese de ter frequentado a escola de aprendizagem de pedreiros e entalhadores do Mosteiro de Arouca em Portugal, e, os trabalhos desenvolvidos em Mariana teriam características semelhantes, também com influências do arquiteto Carlos Gímac e do mestre pedreiro Gaspar Ferreira (VEIGA, 1999).

Dentre as obras que atuou, estas podem ser divididas em arquitetura religiosa, arquitetura civil, obras públicas e intervenções em outras construções. A Igreja de São Pedro dos Clérigos (Figura 9) teria sido a primeira experiência de trabalho de Arouca em Mariana, em 1753. Em seguida, assumiu o projeto da Igreja de São Francisco de Assis (Figura 10), em 1762 - obra executada em pedra e cal - quando houve alguns contratemplos durante a execução devido à falta de pagamento dos serviços prestados e da recusa em prosseguir com as obras. Ajustes realizados e pagamentos efetivados, a construção prosseguiu, e, pela grandiosidade, prolongou-se após a morte do mestre. Destacamos ainda o Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, a Capela-mor e Sacristia da Igreja do Bom Jesus de Furquim, a Pedra tumular da sepultura de D. Frei Manuel da Cruz, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, a Pia Batismal da Capela de Nossa Senhora da Oliveira, a Igreja de Nossa Senhora das Mercês, a Sé Catedral (Figura 11), e as Matrizes de São Sebastião e da Freguesia de Santo Pereira. No campo da arquitetura civil e obras públicas, mencionamos aqui apenas algumas das obras de maior relevância: a Casa Capitular, a Casa de Câmara e Cadeia, e a Estrada que liga Mariana e Ouro Preto.



Figura 9 - Fachada da Igreja de São Pedro dos Clérigos. Foto: Luisa Oliveira  
Fonte: <http://alemdoqueedito.wordpress.com/tag/mariana/>



Figura 10 - Igreja S. Francisco de Assis  
Fonte: Mariana Imagens – Fotografia de Marcel Gautherot, s/d.



Figura 11 - Catedral de N. S.ª de Assunção  
Fonte: Mariana Imagens – Fotografia de J. Brandi, 1897.

Em função da excelência do trabalho desempenhado, Arouca foi eleito juiz do ofício de pedreiro em 17 de abril de 1762; juiz do ofício de carpinteiro em 2 de junho de 1764; novamente eleito juiz do ofício de pedreiro em 16 de maio de 1772 e em 18 de maio de 1774. Depois, em 1º de abril de 1780, "[...] foi nomeado porta-estandarte da 2ª Companhia de 1º Regimento Auxiliar de Mariana" (MARTINS, 1974, p. 72).

A hierarquia na execução das obras refletia divisão social da época, onde os brancos eram os mestres de ofício, responsáveis pelos projetos e execução das obras, no topo da pirâmide; enquanto os escravos representavam a base e realizavam o trabalho pesado como é possível observar em cenas retratadas por Debret (Figura 12-13).

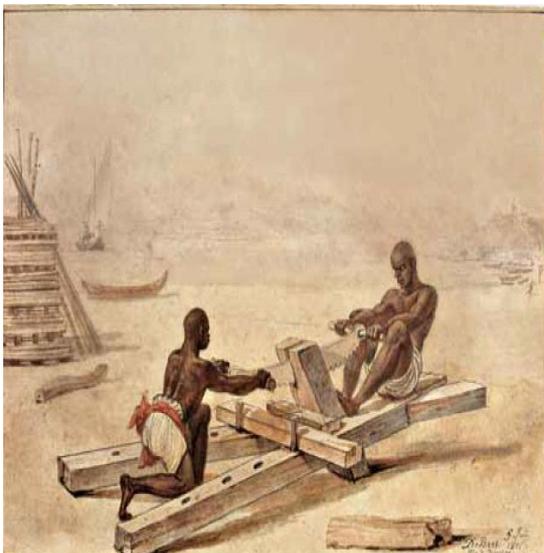


Figura 12 - Serradores horizontais, 1821 (Aquarela de Jean-Baptiste Debret).  
Fonte: Bueno, 2012, p. 340.

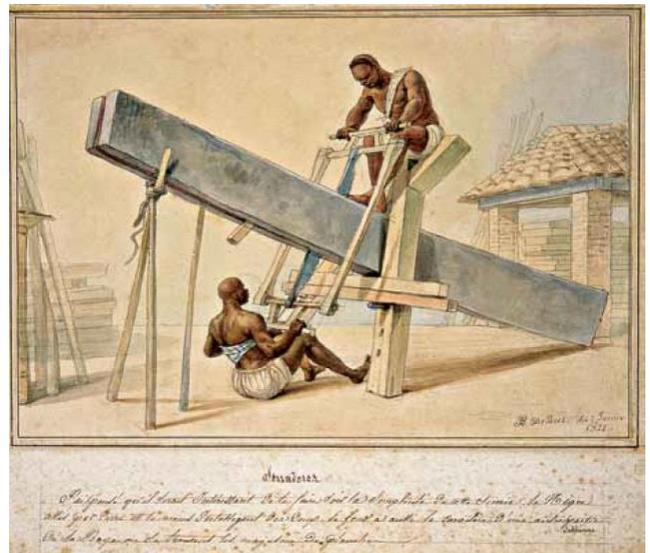


Figura 13 - Serradores, 1822 (Aquarela de Jean-Baptiste Debret).  
Fonte: Bueno, 2012, p. 340.

Os ferreiros e serralheiros pertenciam à bandeira da Irmandade do Glorioso Mártir São Jorge, e à Irmandade do Glorioso Santo Elói pertenciam os ofícios de ourives de ouro e prata. A Irmandade Patriarca de São José era a bandeira dos ofícios de pedreiros, carpinteiros e outros anexos, José foi um simples carapina que trabalhava para servir o seu povo e para melhorar as suas condições de vida, características presente na oração de São José.

Ó querido São José, servo fiel e prudente do Senhor, como operário, foste solidário com teus irmãos mais fracos, como noivo, guardaste a fé da tua juventude, como pai adotivo de Jesus e marido de Maria, continuaste fiel a todos os filhos de Deus. Sê nosso bom protetor e guarda a Igreja de teu filho em obediência ao Pai, hoje e na hora da nossa morte. (NIENHUIS, 1987, p. 109)

As corporações de ofícios, seus juízes, escrivães e mestres foram abolidos com Constituição de 1824.

## 4 VÃOS: TÉCNICAS E MATERIAIS

### 4.1 Autores

#### 4.1.1 *Sylvio de Vasconcellos*

Sylvio de Vasconcellos nasceu em 14 de outubro de 1916, na cidade de Belo Horizonte, em uma família típica de classe média. A mãe era professora de música e o pai, taquígrafo, apesar de ser formado em Direito e Medicina. Sylvio frequentou as melhores escolas da capital mineira, como o Jardim de Infância Delfim Moreira, o Grupo Escolar Afonso Pena e o Colégio Arnaldo. Em Barbacena, estudou no Ginásio Mineiro e em São João dei Rei, no Ginásio. Assim que completou o ginásial passou a trabalhar como escriturário. Somente aos 24 anos de idade ingressou no curso de Arquitetura. Formou com louvor em 1944, como arquiteto, e, em 1951, como urbanista (BRASILEIRO, 2007).

Brasileiro (2007) ainda destaca que Vasconcellos se tornou catedrático na disciplina "Arquitetura no Brasil", em 1953, quando foi aprovado em concurso público. Sua carreira teve prosseguimento na Universidade do Chile (1966) e na Universidade de Brasília (1968). Como acadêmico, sempre se voltou ao tema do patrimônio histórico e artístico.

Participou voluntariamente da escrita de "Igrejas de Mariana" para auxiliar o pai: "Pedi-me meu pai que o ajudasse com o negócio de procurações. Estava cansado delas e queria dedicar-se a pesquisas históricas sobre a Mariana de sua infância e seus antepassados." (VASCONCELLOS, 1976, p.185).

Conforme destaca Segawa (2002), Sylvio de Vasconcellos em 1939 (apesar de ser se formado apenas em 1944) trabalhou, a convite de Rodrigo Mello Franco de Andrade<sup>5</sup>, no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), sendo que, posteriormente, assumiu o posto de Chefe do Distrito de Minas Gerais, onde a memória histórica passou a fazer, definitivamente, parte de sua atuação profissional.

---

<sup>5</sup> Rodrigo Mello Franco de Andrade exerceu a advocacia e o jornalismo em Minas Gerais. Foi um dos funcionários públicos mais respeitados em sua época, devido à seriedade e dedicação com que dirigia o órgão defensor da cultura e do patrimônio brasileiros. Foram muitas causas tramitadas em foro judicial para a defesa de igrejas ou casarões e seus talentos de advogado e de escritor foram fundamentais para a vitória em diversos casos. Muita jurisprudência foi criada pelo próprio Rodrigo. Antigo e moderno, ele conseguia conciliar admiravelmente a busca pela modernidade e o respeito pela tradição.

A atuação pública consolida-se na participação em entidades de classe, como o Instituto dos Arquitetos do Brasil, seção Minas Gerais (IAB/MG), do qual foi presidente em 1955, e o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHG/MG). Também foi membro do conselho e atuou como curador do Museu de Arte de São Paulo (MASP) e na IV Bienal de Arte de São Paulo - seção Arquitetura, juntamente com Marcel Breuer (1902-1981) e Philip Johnson (1906-2005), dois referenciais para a arquitetura modernista. Era membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) e da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA). No caso do Museu de Arte da Pampulha (MAP), Sylvio, além de ter participado ativamente dos esforços para a fundação, atuou também como diretor. A mesma atividade foi exercida junto ao Instituto Cultural Brasil - Estados Unidos (ICBEU), em Belo Horizonte, entidade para a qual Vasconcellos projetou o edifício-sede na Rua da Bahia (BRASILEIRO, 2007, p. 42).

Na década de 1960, Vasconcellos se afastou da UFMG e viveu por um ano no Chile, e, logo em seguida, reassumiu a docência na Escola de Arquitetura, revisando seu currículo, incorporando o Urbanismo à formação. Além disso, se voltou à prática da pesquisa, que levaram à publicação e várias publicações e à organização do Laboratório de Fotodocumentação que hoje leva o nome Sylvio de Vasconcelos (BRASILEIRO, 2007).

Cabe destacar que em 1966 exerceu, no Chile, o cargo de Chefe da Unidade de Urbanismo do Centro de Desenvolvimento Econômico e Social para a América Latina (DESAL), e entre os anos de 1970 e 1973, já radicado nos Estados Unidos, foi o Coordenador da Região II, Divisão de Desenvolvimento Urbano, Departamento de Assuntos Sociais e Institucionais da Organização dos Estados Americanos (OEA), o que denota seu envolvimento com os problemas das cidades, em especial nos países latino-americanos (BRASILEIRO, 2007, p. 43).

Sylvio de Vasconcellos faleceu em 14 de março de 1979 na cidade de Washington. Deixou registrado em documento que suas cinzas fossem depositadas junto ao jazigo do pai, na cidade de Mariana. A significação desse importante arquiteto, como intelectual e em sua participação pública, pode ser percebida em um depoimento dado por uma colega de trabalho e amiga, professora Suzy de Mello:

[...] Sylvio era uma personalidade dinâmica, de cultura profunda, de múltiplos interesses. Nunca tive a oportunidade de lhe dizer mas o comparava a um renascentista tal a sua capacidade de pesquisar, observar, criar. Era uma figura do "Quattrocento", surpreendentemente surgida na Minas. Conversava e polemizava muito, exigia debates e a partir de discussões que levantava articulava novas teorias que desenvolvia em escritos nos jornais. (MELLO, 1979, p.18).

Por fim, Gontijo (1999) resume bem a importância de Sylvio de Vasconcelos, quando destaca que ele é considerado o precursor da arquitetura modernista em Minas Gerais. Seu valor pode ser visto diante dos diversos estudos, artigos e pesquisas bibliográficas deixadas pelo autor, principalmente sobre o Barroco Mineiro, a formação dos primeiros povoados em

Minas Gerais e sobre a arquitetura moderna e o modernismo. Essas obras foram traduzidas para diversos idiomas.

Vasconcellos, avaliando a arquitetura de Belo Horizonte - o maior foco de seus estudos -, percebeu que desde a sua inauguração até o início dos anos 50, vários elementos e estilos influenciaram os aspectos arquitetônicos dessa época, dizendo que se trata de "[...] uma avalanche de influências exóticas [...] ou loucura desenfreada [...]" (VASCONCELLOS, 1946. p. 42). A nova capital do estado de Minas Gerais recebeu grande influência da arquitetura francesa, com predominância do ecletismo, muito criticado por Sylvio, "Veremos então a eclosão da arquitetura 'yignolesca', acrescentada dos vários modos dos estilos consagrados posteriores, como sejam o 'renascimento', isto e aquilo, quase todos modificados pelo espírito francês com seu grande apego ao classicismo." (VASCONCELLOS, 1947, p.79).

Em seguida, Vasconcellos destaca que o ecletismo, o qual ele muito critica, pois para muita liberdade no emprego das formas não permite a síntese entre a função, a técnica e a plástica, se estende por outros períodos:

O estilo, tão apegado às decorações, às ousadias, aos requintes se exprime caracteristicamente nos monumentos religiosos, mas, também, se extravasa com naturalidade, espontâneo, não no comportamento das fachadas, de linhas desprezenciosas, mas nas soluções estruturais, no desapego ao formal, ao estático, na conjugação dos volumes e na comunhão variada de seus grupos residenciais, agenciados na povoação linear, com um caráter eminentemente dinâmico.[...] Regras empíricas, na maioria codificadas no Renascimento, ordenando a composição arquitetônica em obediência aos quadrados, aos retângulos por eles gerados, ao paralelismo das diagonais, à relação numérica das várias dimensões dos planos e volumes, às propriedades das linhas horizontais, verticais, oblíquas ou curvas, etc.. não deixaram de fazer-se presentes com maior ênfase nas edificações de maior vulto mas mantém por reflexo, na arquitetura residencial. E enquanto as frentes das casas que cordeiam as vias públicas, de certo modo se apuram, se formalizam, arrumadas, para o interior, os fundos se esparramam num à vontade típico, ajeitando-se como podem à difícil topografia local, resolvendo com franqueza, e naturalidade os seus programas, orgânicos e funcionais. [...] Ê, pois, da aparente desordem, da variedade, fruto da pobreza, das modas sucessivas dos arranjos, da diversidade de tratamento e desigualdade na conservação dos trechos, que resultou a fisionomia do lugar [...]. (VASCONCELLOS, 1951, p.160-161).

(...) Descortinou-se o excesso que define inapelavelmente, a decadência e morte do "estilo". Quando se procura apenas a originalidade, em lugar da expressão sensível, não há mais remédio: tudo está perdido. A liberdade transforma-se em anarquia e aventureirismo. Não estou mais disposto a engolir esta e outras baboseiras similares. Não mais. Rompo definitivamente com essa pretensa arte, embora resguardando meu amor pelas honestas liberdades. Reconheço que pode tudo ser atribuído a minha velhice, como já confessei; decrepitude, senilidade ou burrice esclerótica. Contudo, além de não compreender, já não gosto nem aceito essas besteiras que crescentemente nos são impingidas como arte (VASCONCELLOS, 1967, p.6).

Brasileiro (2007) destaca, porém, que ao longo de sua carreira o arquiteto revê suas críticas á liberdade e ao ecletismo da Arquitetura, e passa considerar essa possibilidade:

A tendência agora é valorizar o passado. Contudo, só consideramos 'passado' o anterior a 1800. Parece que um século e meio, ou dois, é nosso padrão de tempo na escala das antigüidades. Século XIX é ainda uma classificação quase pejorativa: coisas do principio do século em curso não passam de trastes velhos. Da arquitetura correspondente nem se fale, meu Deus; que horror!

Quando chegar o século XXI (bem próximo, aliás), perguntarão nossos pósteros aflitos: onde estão as construções dos séculos XIX e XX? **Que houve no Brasil neste período que não deixou pegada?** Por que estranha razão sobreviveram os conjuntos coloniais e desapareceram todos os traços materiais dos séculos dezanove e vinte? Mistério. amigo, profundo mistério. (VASCONCELLOS, 1974, p.1, grifos do autor).

Assim, nota-se que Vasconcellos já tem uma visão antecipada do que irá acontecer a partir dos anos 80:

Para os modernistas incluindo Sylvio, o apelo da "arte pela arte" era válido tão somente para as artes plásticas, e não se aplicava à arquitetura, daí as críticas ao Ecletismo e outros estilemas, anteriormente discutidas. A Arquitetura poderia ser considerada, então, tema diverso, alheio aos princípios da arte pura, caracterizada como uma atividade responsável por conciliar beleza e função (incluindo, aí, as questões de ordem material e técnica), logo, superior (BRASILEIRO, 2007, p. 65).

Quando Vasconcellos questiona, nos anos 70, a natureza artística acaba se reaproximando da essência da Arquitetura, dessa vez não mais abrangendo o estético, mas debatendo sobre a composição espacial, os mecanismos de produção artística e arquitetônica (GONTIJO, 1999).

No campo das artes plásticas, por exemplo, a consciência espacial, bastante favorecida pela descoberta da perspectiva racional, aumentou consideravelmente quando se verificou que os elementos utilizados para a reprodução dos objetos reais, vale dizer - a cor, a linha e os espaços por estes criados - tinham um valor próprio que podia prescindir do motivo ou da similitude com o objeto real. Este valor era a composição, a linha, a cor, etc. em si mesmas. O elemento utilizado, o meio, passou então a ser encarado como um possível fim, independente da representação que antes configurava. Da mesma forma pela qual o espaço, que antes era apenas conhecido como o meio, onde a matéria se objetivava, passou a ser havido como o fim perseguido em íntima relação com os fins pretendidos pela matéria. (VASCONCELLOS, 1981, p.17-18, grifos do autor)

Essa nova visão fez surgir novos elementos nas artes e na arquitetura:

A grande consequência deste progresso [o desenvolvimento de materiais artificiais como o ferro e o concreto armado], além daquela ligada diretamente à técnica, foi a nosso ver a valorização dos elementos fundamentais da arquitetura, vale dizer, os planos. Se antes as paredes ou os tetos só funcionavam e se perdiam como suporte de decorações ou de meios interessados a determinados fins. Agora começaram a ser encarados, assim como a linha ou a cor na pintura, como elementos fundamentais,

por si mesmos válidos na concepção arquitetônica. A função se confunde com a intenção plástica, utilizados os aludidos elementos fundamentais na sua própria conformação, no seu intrínseco valor, sem os recursos de qualquer superposição. O plano não mais compõe volumes ou massas, pois evita os ângulos de junção, procurando soltar-se independente um dos outros em um jogo de planos harmônicos, cuja beleza se baseia em suas próprias proporções e na posição relativa que ocuparem no espaço. (VASCONCELLOS, 1981, p.27-28).

Sylvio de Vasconcellos, no início dos anos de 1980, entendia que se os modernistas focavam em uma arquitetura voltada à forma e função, era o momento correto para se instituir novas técnicas construtivas capazes de expressar efetivamente os princípios modernos.

Pois bem: no século XIX ocorreram estas novas bases - o ferro e, logo depois, o concreto. Ocorreram ainda inovações na estética consubstanciadas, principalmente, pela química das cores e pelo maior conhecimento da luz e dos fenômenos óticos. Rompida estava a barreira. Ultrapassada estava a fase técnica compreendida pela utilização dos materiais naturais - a pedra, a madeira e o barro. Os novos materiais - por assim dizer artificiais - ofereciam outras possibilidades estáticas: flexão e distensão que antes, quando existentes, eram extremamente precárias. Com essas novas possibilidades desenvolveu-se, é claro, o cálculo, permitindo sua racional aplicação. (VASCONCELLOS, 1981, p.27)

Ou seja, era importante que os modernistas, para serem coerentes com os princípios da boa arquitetura, deveriam conciliar a função a ser exercida, a materialidade da obra e seu aspecto plástico.

Um fato a se considerar, é que Sylvio lembrava as casas que viveu e visitou na infância e na adolescência e tinha especial apreço pela varanda, pelo quintal e pela cozinha, pois são os locais de maior contato familiar. Ele comenta que:

No meio havia um avarandado largo, aberto para o pátio ajardinado. Manacá de flores púrpuras e brancas misturadas. Jasmineiro por cima do banco de cimento. Doce perfume das tardes quentes. [...]  
Do outro lado estendiam-se, ao comprido para os fundos, os dormitórios, abertos para a ampla sala de jantar. O primeiro quarto, com janelas para a rua, era o maior. Tinha um móvel de madeira com pia de louça decorada em flores e um espelho por cima. Ampla cama de casal. Em seguida vinham os quartos de minhas irmãs mais velhas e, antes da cozinha, com seu enorme fogão a lenha, insinuava-se o banheiro e uma minúscula peça destinada, previamente, a ser despensa. Nela eu dormia. [...]  
A casa era bonita e grande. A um lado da varanda, coberta de vidro, a sala de visitas e de música. Tinham as paredes revestidas de papel aveludado, vermelho em desenhos. Rolos que meu pai trouxe, um dia, e todos ajudamos a espichar, cortar e colar com grude de polvilho. Uma festa. Um brinco, dizia meu pai. Mas brinco inacessível, proibido, cuja existência só se denunciava pelos sons que algumas vezes, se infiltrava do piano para o resto da casa. (VASCONCELLOS, 1979, p.1).

A Figura 14 mostra um tipo de construção recomendado por Sylvio de Vasconcelos, em casas construídas em Belo Horizonte e na cidade de Mariana.

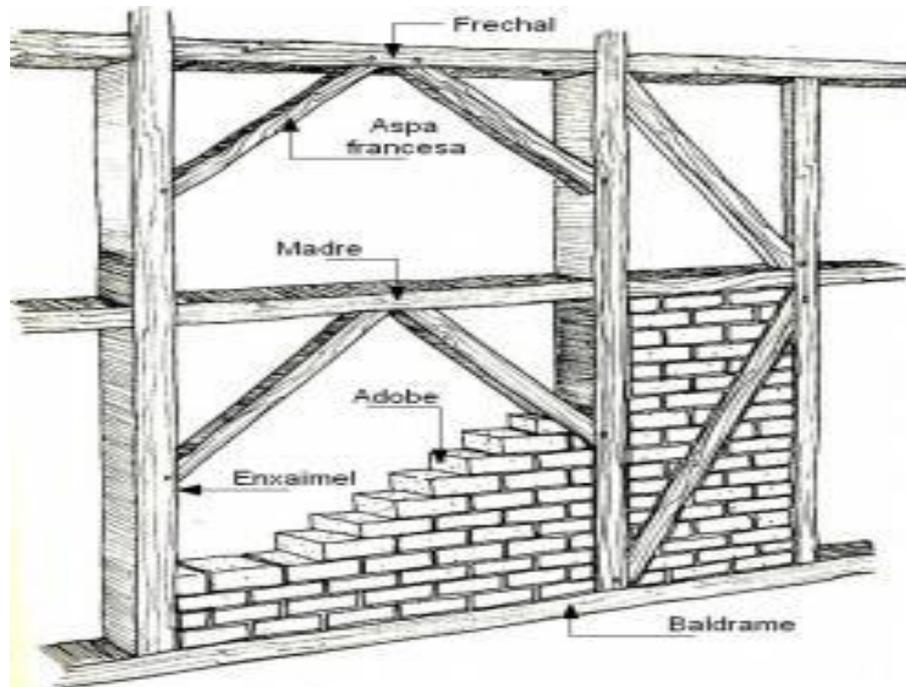


Figura 14 – Construção sugerida por Sylvio de Vasconcelos  
Fonte: Scully (2004)

A figura acima trata da estrutura principal das casas onde se tem o vão entre os esteios, estes também denominados *enxaiméis*, e as madres, baldrames e frechais, é reforçado com peças inclinadas nos cantos ou na diagonal dos quadros. É uma técnica milenar, utilizada na Europa medieval, e muito popular no sul do país. Mas Sylvio de Vasconcelos a trouxe para a região mineira, mas com traços de modernidade. No entendimento de Scully (2004) essas características das casas de Belo Horizonte e Mariana trazem mostram tônica principal de Sylvio Vasconcelos e o porquê ele é considerado o principal arquiteto modernista mineiro: a arquitetura democrática.

#### 4.1.2 José Wasth Rodrigues

José Wasth Rodrigues, nascido na cidade de São Paulo, em 1891, era desenhista, ceramista, ilustrador, historiador e professor. No Brasil estudou com Oscar Pereira da Silva, entre 1908 e 1909, e outros importantes pintores, que viriam a fazer parte da sua trajetória profissional. Em 1910 viajou para Europa, mais especificamente Paris, depois de conseguir uma bolsa de estudos do Pensionato Artístico do Estado de São Paulo. Passou a ter contato

com nomes célebres como Jean-Paul Laurens, um importante pintor de história em seu tempo, e também foi aluno na *École National des Baux-Arts* de Lucien Simon e Nandi (AZEVEDO, 1999).

Em 1914, retornou a São Paulo, onde inaugurou com Georg Elpons e William Zadig (1884 - 1952) um curso de desenho e pintura. Nesse retorno ao Brasil, organizou uma exposição na qual demonstrou suas obras recém-pintadas, principalmente as contendo paisagens brasileiras interioranas (CAVALCANTI; AYALA, 1973; 1980).

Ainda para esses autores, em 1916 Wash abriu um curso de arte onde lecionou juntamente com outros amigos de diferentes profissões. Ainda nesse ano, iniciou os estudos quanto à arquitetura colonial criando pinturas à bico-de-pena e aquarela, numa viagem para o estado de Minas Gerais. A partir de então, passou a viajar por toda extensão territorial do norte do país.

Em São Paulo, no ano de 1917, foi um dos vencedores do concurso instituído pelo então prefeito Washington Luiz para a criação do brasão heráldico da cidade, e alguns anos depois foi o responsável pela criação dos brasões heráldicos do município de São José dos Campos, Petrópolis, Guarulhos, Ubatuba, Ribeirão Preto (CAVALCANTI; AYALA, 1973; 1980).

Seguindo essa linha de ilustração, trabalhou em obras publicadas no Brasil e no exterior: de Gustavo Barroso, *Uniformes do Exército Brasileiro*; de Clóvis Ribeiro, *Brasões e Bandeiras do Brasil*; de Alcântara Machado, *Vida e Morte do Bandeirante*; de Guilherme de Almeida, *Horas de Sórora Dolorosa* e *A flor que foi um Homem (Narciso)*; de Afonso Schmidt, *A vida de Paulo Eiró*, dentre outras.

Tornou-se mais conhecido como desenhista e ilustrador quando ilustrou alguns importantes livros, em especial de Monteiro Lobato, dentre eles *Urupês* com traços de tendências realistas.

Como historiador foi o autor ou participou de importantes publicações, abrangendo diferentes áreas como: *Documentário Arquitetônico Relativo à Antiga Construção Civil no Brasil (1945)*<sup>6</sup> e *Mobiliário do Brasil Antigo e Evolução de Cadeiras Luso-brasileiras (1958)*<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Trabalho que conta com 160 pranchas, reproduzindo igrejas, residências e chafarizes, e a maioria engloba o território mineiro.

<sup>7</sup> Seus textos e artigos foram publicados em renomadas fontes: como a Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; o Jornal Estado de S. Paulo; A Cia Editora Nacional; AGUSA editora, dentre outras.

Nas viagens pelo interior do estado de Minas Gerais, conforme já mencionado, efetuou visitas a diversas cidades realizando uma série de aquarelas e desenhos: Barbacena, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, São João Del Rei, Ouro Preto, São João do Morro Grande, Santa Bárbara, Santa Luzia e Tiradentes. Também fez uma pintura a óleo sobre tela da paisagem de Ouro Preto, na qual se tem, em primeiro plano, a suposta casa do Inconfidente Alvarenga Peixoto, destacando seu apreço pela arquitetura colonial (ANDRADE, 2001).

Para Bruand (2005), colocando suas habilidades em prática, a partir de 1922, Washth inicia seus trabalhos “manuais” aceitando os trabalhos no estado de São Paulo, mais especificamente Santos, colocando sua genialidade em obras como painéis de azulejaria, painéis decorativos e monumentos, por meio de diferentes materiais e técnicas adotadas por ele.

Em Ouro Preto, Washth é convocado a realizar os desenhos dos bancos e das grades de ferro para a obra de restauração da Igreja de Nossa Senhora do Rosário (1935 à 1936), em Ouro Preto, colocando em prática os diversos profissionais (desenhista, ceramista, ilustrador e historiador) existentes em sua pessoa.

Na última década de vida, ele integrou comissão do 1º Salão Paulista de Belas Artes e do conselho de Orientação Artística do Estado de São Paulo, além de exercer um importante cargo: o de Técnico Consultivo da diretoria do SPHAN.

Pode-se perceber a importância de José Washth, a partir da seguinte observação:

Foi Pesquisador, para a revista do SPHAN escreveu sobre "Móveis Antigos de Minas Gerais", e "A Casa de Moradia no Brasil Antigo". Publicou também documentários sobre a antiga construção civil, fardas do Reino Unido e do Império, trajes civis e militares em Pernambuco durante o domínio holandês, tropas paulistas de outrora; desenhou e aquarelou os uniformes do exército brasileiro para o livro de Gustavo Barroso, e também ilustrou o livro Brasões e Bandeiras do Brasil, de Clóvis Ribeiro. Deixou centenas de brasões e ex-libris. Conhecia profundamente o estilo D. João V, D. José e D. Maria, entalhados tanto no Brasil como em Portugal. Dedicou-se também a ilustrar revistas e iluminuras. Junto com Guilherme de Almeida, fez o brasão da cidade de São Paulo. Mesmo pintor, J. W. Rodrigues nunca deixou de ser um historiador, o que influenciou enormemente sua obra, inúmeros são os trabalhos que deixou a lápis, bico de pena, aquarela e óleo sobre o Brasil colonial. Considerado especializado em interpretar ambientes coloniais, fez paisagens de São Paulo, segundo velhas estampas espanholas e uma dezena de ruas do séc. XIX. Pintou damas paulistas de 1808 a partir de estampas de John Mawe e Rugendas, soldados da legião Paulista da Cisplatina e um gaúcho, casas coloniais de Santos, segundo desenhos de Florence. Todos estes quadros se encontram hoje no Museu Paulista (TARASANTCHI, 1986, p. 445-446)

Em relação à morte de José Washth Rodrigues, que ocorreu em 1957, no Rio de Janeiro, foi cercada de mistérios:

Não vi nos jornais do Rio notícia do falecimento de José Wash Rodrigues, ocorrido na noite de 21 de abril, nesta mesma cidade. Isso dá idéia do que foi esse homem ilustre e discreto, que podia muito bem reivindicar para si o título de um dos maiores historiadores brasileiros não pela palavra escrita, mas pela imagem. Todo o imenso trabalho de Wash Rodrigues, muito estimado pelos estudiosos, é quase desconhecido do público. Ele nada fez por tornar-se notícia. Sua sombra me desculpará se agora o converto em crônica (TARASANTCHI, 1986, p 303).

#### 4.1.3 *Comparação entre Sylvio de Vasconcelos e José Wash Rodrigues*

Se for feito um paralelo entre o mineiro Sylvio de Vasconcelos e Paulista José Wash Rodrigues, percebe-se que ambos são de fundamental importância para a arquitetura e para as técnicas construtivas que influenciaram o acervo arquitetônico brasileiro. Além disso, são os principais responsáveis pelo processo de validação do barroco como estilo não só mineiro, mas nacional. Tanto Sylvio, que viveu um tempo no Chile e outro nos Estados Unidos, como Wash, que morou em Paris por uns anos, procuraram abrir os horizontes fora do Brasil, para estudar estilos vários e conhecer autores diversos e a tendência mundial prevalente. Essa vivência dos dois foi primordial para que se conseguissem interpretar as ideias europeias, em especial a visão barroca, além de perceber as formulações existentes nos anos 30, 40 e 50 pelos ideólogos norte-americanos, europeus e sul-americanos do patrimônio.

Sylvio de Vasconcelos era um arquiteto nato, voltado ao tema do patrimônio histórico e artístico, o que demonstra que se trata de um “artista”, pois percebeu a influência de vários segmentos da arte na arquitetura e institui que um não caminha sem o outro:

Não se dão nas Minas meras transposições culturais, enxertias de galhos já em frutos, transplantadas. Nelas todas as influências se casam em semente, flores cujos polens se misturam, províncias da metrópole, da África, da Ásia longínqua, sujeitas à fermentação local, à germinação condicionada pelo solo duro, de onde brota, afinal, uma nova espécie, uma nova gente, uma nova cultura. (...) Nas Minas se condensa a tipologia nacional de todos os quadrantes, sem prevalências ou hipertrofias (VASCONCELLOS, 1967, p. 49)

Além disso, Vasconcelos foi um estudioso dos tipos elementos e estilos que ao longo da história vinham influenciando os aspectos arquitetônicos da época, foi um crítico ácido do ecletismo exagerado e isso pode ser visto em sua fala: "[...] uma avalanche de influências exóticas [...] ou loucura desenfreada [...]" (VASCONCELLOS, 1946. p. 42).

Outro aspecto do perfil de Vasconcelos está no fato em que ele relaciona decoração, artes plásticas, pintura, religião, natureza, materiais artificiais, originalidade, mas também

regras, formas, dimensões, espaço, passado, presente, progresso, dentre outros elementos para criar sua própria característica arquitetônica.

Ademais, Sylvio de Vasconcelos fazia um “link” entre o homem, casa, estilo de vida e os “aspectos sentimentais”, em suas concepções de arquitetura e nas construções. Percebe-se esse ponto quando Vasconcelos lembrava as casas que viveu e visitou na infância e na adolescência e carinho especial pela varanda, pelo quintal e pela cozinha, pois são os locais de maior contato familiar. Tudo isso era levado em conta nas construções recomendado por Sylvio, em casas construídas em Belo Horizonte e na cidade de Mariana, no que diz respeito às portas, janelas, esquadrias, vergas, etc.

Portanto, entende-se o porquê de Sylvio de Vasconcelos ser considerado o principal arquiteto modernista mineiro e ser o precursor da arquitetura democrática.

José Wash Rodrigues era mais eclético em termos de formação: desenhista, ceramista, ilustrador, historiador. Além disso, procurou conviver, estudar e trabalhar com vários mestres, como, por exemplo, o pintor Oscar Pereira da Silva e o escritor Monteiro Lobato. Isso foi responsável pela base artística de diversas vertentes que se percebe em todas as suas obras. Era um apaixonado pelas paisagens brasileiras, em especial a mineira. E essa paixão foi a responsável pelas tendências barroca de suas pinturas, desenhos, ilustrações,

O fato de Wash ser um historiador foi fundamental para que os vários estilos artísticos e arquitetônicos fossem considerados em suas obras. Essa mesclagem pode ser percebida em importantes publicações, abrangendo diferentes áreas como *Documentário Arquitetônico Relativo à Antiga Construção Civil no Brasil, em 1945*, e *Mobiliário do Brasil Antigo e Evolução de Cadeiras Luso-brasileiras, em 1958*. E, assim como Sylvio de Vasconcelos, tinha uma especial simpatia pela arquitetura colonial e pelo Barroco.

Toda essa experiência histórica e artística, em várias áreas, seu contato e sua genialidade fez com que ele se introduzisse definitivamente em trabalhos obras como painéis de azulejaria, painéis decorativos e monumentos, por meio de diferentes materiais e técnicas adotadas por ele.

Foi chamado para desenvolver desenhos dos bancos e das grades de ferro na restauração da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Ouro Preto, de modo que ele pode colocar em prática os diversos profissionais (desenhista, ceramista, ilustrador e historiador) existentes na pessoa de José Wash Rodrigues. Sua importância foi consagrada quando foi convidado para ser Técnico Consultivo da diretoria do SPHAN.

Wasth, diferentemente de Vasconcelos, era uma pessoa mais reservada e discreta e morreu sem nenhum alarde, sendo que nada se sabe sobre seu pós-morte. Vasconcelos, antes de seu falecimento, deixou em carta o pedido para ser cremado, ao invés de ser enterrado, em Mariana

Pode-se dizer que se trata de dois grandes mestres da arte e ambos têm enorme influência na arquitetura até hoje. Sylvio de Vasconcelos é considerado o precursor da arquitetura modernista em Minas Gerais e seu valor pode ser notado pelo enorme número de estudos, artigos e pesquisas bibliográficas deixadas por ele, principalmente sobre o Barroco Mineiro, a arquitetura moderna e o modernismo. Era um esplêndido arquiteto, intelectual e uma significante pessoa pública.

José Wasth Rodrigues é considerado um dos maiores historiadores brasileiro, tanto pelo o que deixou escrito, mas principalmente pelas artes várias deixadas. Desenhista, ceramista, ilustrador, historiador, pintor, sempre valorizou a natureza brasileira, mas soube relacionar com vários estilos, em especial o Barroco, e seu ecletismo foi essencial para a construção de seu estilo próprio.

Fazer uma relação entre esses dois artistas está no fato de que eles, com suas peculiaridades, se completam, pois um é um arquiteto, com traços de arte em suas obras, e o outro é um artista e com traços arquitetônicos. O respeito e a admiração de um pelo outro sempre foi evidente e ficava claro que nunca pretenderam serem profissionais adversários, mas aliados em favor da arte e da arquitetura brasileira.

#### **4.2 Tipos (forma, estilo, material, etc) | Vergas e Ombreiras | Cores**

O vão, de forma geral, é o espaço vazio entre dois apoios ou a abertura em uma elevação. Em uma estrutura, o vão é o espaço existente entre dois apoios, como por exemplo, em uma viga, é o espaço entre dois pilares vizinhos, ou em uma ponte o vão livre é o espaço entre os apoios; temos também o vão de uma escada, o vão de um telhado, e outros. São destinados à iluminação, passagem, ventilação, comunicação, observação, dentre outras funções nas paredes, além disso, as aberturas são destinadas à instalação de portas, janelas, vitrais, óculos, seteiras e outros. Apresentam formas variadas: quadradas, retangulares, ovais, rosáceas e outros.

Os vãos precisam ser estruturados com a incorporação de seus elementos; uma vez que os espaços vazios que caracterizam os vãos interrompem os esforços que agem na parede, estes geram novas forças e as concentram em determinados locais. São guarnecidos pelas esquadrias, termo comumente empregado para os vãos de portas, portões e janelas. As esquadrias devem satisfazer alguns requisitos básicos<sup>8</sup>, tais como:

- Garantir a iluminação natural, em níveis satisfatórios de acordo com a construção e também vedar essa iluminação quando necessário;
- Proporcionar um contato visual (janelas) e físico (portas) entre os ambientes, tanto internos quanto externos;
- Permitir a ventilação em taxas satisfatórias;
- Estanqueidade com relação à água e ao ar quando em quantidades prejudiciais;
- Isolar acusticamente tanto ruídos externos como internos;
- Contribuir para o conforto térmico;
- Resistir à solicitação de temperatura, umidade, cargas de manuseio, segurança quanto a tentativa de intrusão;
- Facilidade de manuseio e limpeza;
- Conservação da qualidade ao longo tempo.

Os elementos que compõem os marcos das esquadrias são a verga, o peitoril ou soleira e as ombreiras (Figura 15). A verga é um elemento estrutural que suporta as cargas sobre o vão e a descarrega nos apoios laterais, nas ombreiras, peça componentes do marco das portas e janelas. O peitoril é a travessa horizontal inferior de guarnecimento do vão de uma janela, quando a esquadria for de uma porta, recebe o nome de soleira. As ombreiras servem de apoio para a verga e descarregam suas cargas sobre a contraverga e esta distribui suas cargas na alvenaria abaixo existente, nas portas a soleira é um elemento classificado como pavimentação.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <[http://www.arq.ufsc.br/arq5661/trabalhos\\_2004-1/construcao/acabamentos.htm](http://www.arq.ufsc.br/arq5661/trabalhos_2004-1/construcao/acabamentos.htm)>. Acesso em: 15 mar. 2014.

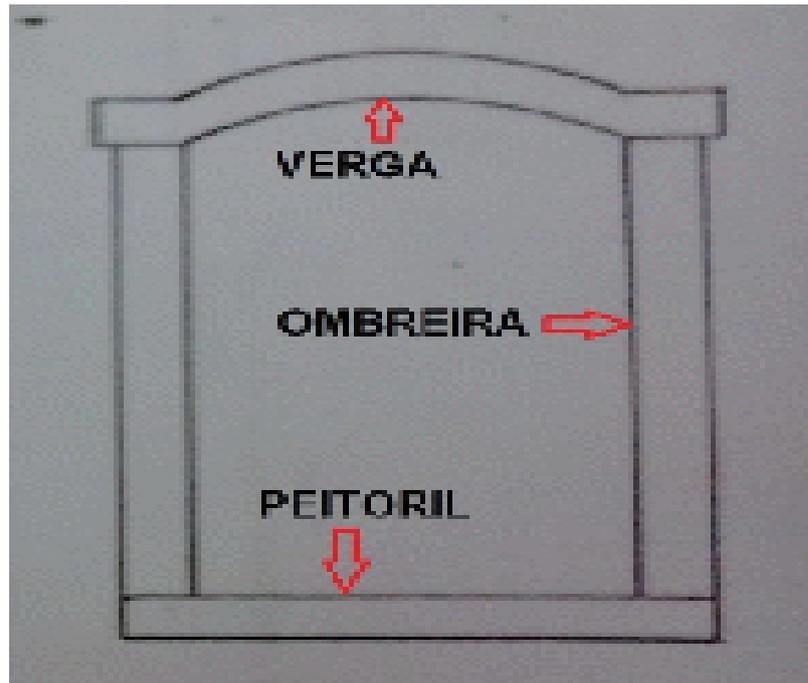


Figura 15 - Elementos da esquadria de janelas.

Fonte: <<http://dc435.4shared.com/doc/ZyHILJ4h/preview.html>>

Os marcos podem ser de madeira ou de pedra e ressaltarem no plano da parede. Nas construções de estrutura autônoma os marcos são de madeira maciça, os de pedra são encontrados apenas nas paredes de maior espessura. Apenas a partir do século XIX surgem os marcos de tábuas junto com outro elemento para acabamento, chamado de alizar, que encobre a junção entre o topo das tábuas do marco com o plano da parede.

Os vãos podem ser classificados segundo sua categoria, sua forma, o material de que são feitos e o seu acabamento, e podem ser considerados os tipos:

- Janelas de peitoril: são as mais comuns, nas quais o vão aberto no plano da parede leva peitoril cheio. Aparecem nas paredes de pau-a-pique, adôbos ou tijolos e, mais raramente, nas de pedra e de taipa.
- Janelas rasgadas: são as janelas abertas em paredes maciças de grande espessura de modo que as esquadrias ficam colocadas na face externa das paredes, com seus quadros de menor espessura que estas.
- Janelas de canto: destinam-se à vigia, sendo que por menor necessidade de planta, podem ocorrer janelas de canto em ângulo.
- Portas: assemelham-se às janelas em seus detalhes, não tendo nem peitoril nem assentos. Podem, entretanto, quando muito altas, já no século XIX, levar bandeiras na parte de cima, fixas ou móveis, que aparecem também nas janelas. (VASCONCELLOS, 1979, p. 97)

Em construções antigas, cujas paredes são espessas, no caso de paredes de taipa de pilão e alvenaria de pedra, o rasgo do vão pode apresentar chanfros ou ser de forma ensutada (Figura 16), com o objetivo de aumentar a entrada de luz no ambiente interno. Com finalidades estéticas e para atender a necessidade de abertura das esquadrias esquadras sem

deixar que ela se esbarre na verga, é realizada um chanfro na verga, que é chamado de padieira de voo. Neste caso, quando são fixados bancos de um lado e do outro nestas aberturas, chamam-se de conversadeiras.

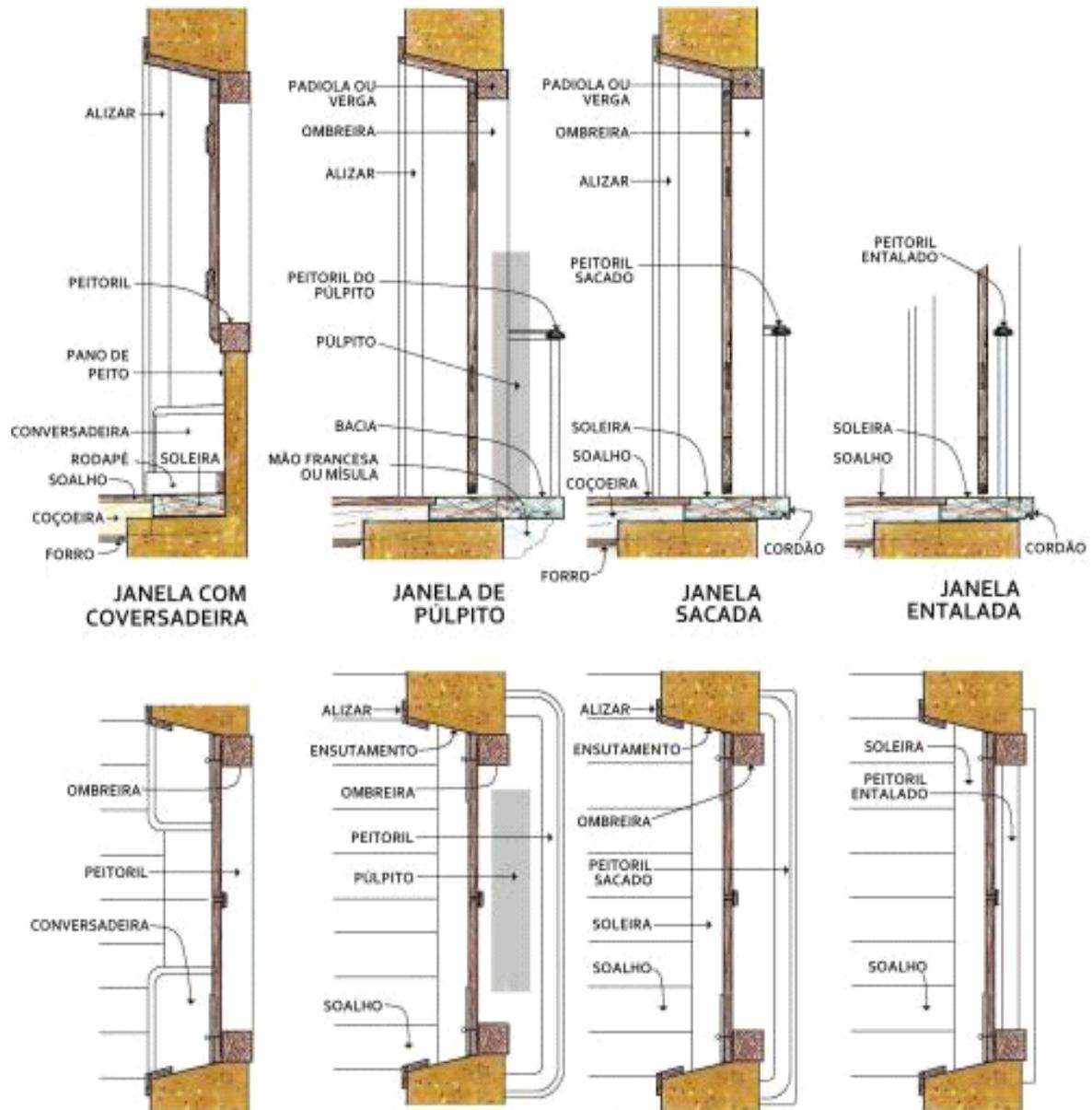


Figura 16 - Tipos de vãos.

Fonte: <<http://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2010/09/06/tecnicas-construtivas-do-periodo-colonial-iii/>>.

Nas janelas rasgadas (Figura 16) as suas folhas funcionam como portas e seu parapeito é sempre vazado, quando este é colocado entre as ombreiras chama-se parapeito entalado e janela entalada, quando ressalta o plano da fachada denomina-se janela parapeito sacado e janela sacada ou porta sacada. A sacada se apoia sobre o barroto ou sobre cães ou consolos de pedra.

A base da sacada pode ser de madeira ou de pedra e recebe diferentes designações de acordo com a permissão ou não de trânsito entre os vãos. Sacada corrida (Figura 17) “diz-se daquela à qual corresponde mais de uma porta de acesso, ou várias janelas rasgadas por inteiro” (ÁVILA, 1980, p. 83) e a sua base é definida como balcão em alguns casos, pode ser chamada de bacia por apresentar uma largura insuficiente no seu sentido maior, não permitindo o trânsito. Enquanto a sacada isolada (Figura 18) ou janela de púlpito “por oposição, diz-se daquela à qual corresponde uma única porta de acesso, ou uma janela rasgada por inteiro” (ÁVILA, 1980, p. 83) e a sua base é chamada de bacia. Executadas em madeira, as sacadas isoladas são as mais velhas.

As bacias podem ser singelas, retangulares, apenas frisadas, almofadadas ou perfiladas. Agenciam-se sobre o prolongamento dos barrotes do soalho ou cabeças destes, mergulhadas e irmanadas com as do piso, revestidas de tábuas nos tôpos e por baixo. Podem compor-se também em balanço de pedra por inteiro ou apenas assentar sobre cães de cantaria. O balanço, porém, é sempre diminuto, só raramente ultrapassando 0.30m e não permitindo o trânsito entre os vãos, senão com dificuldade. Quando passam destes limites não são mais sacadas e sim balcões. (VASCONCELLOS, 1979, p. 105)



Figura 17 – Sacada corrida.  
Fonte: Ávila, 1980, p. 84.



Figura 18 – Sacada isolada.  
Fonte: Ávila, 1980, p. 84.

A proteção de meia altura que delimita as sacadas é de madeira, ferro, pedra ou cerâmica, chamado de guarda-corpo.

Quando de madeira, o guarda-corpo pode ser de balaústres torneados, com um só ou duplo pau de peito, de balaústres de tábuas recortadas ou treliças, com ou sem almofada na parte superior. Em muitos casos o guarda-corpo é de alvenaria ou pau a pique com parapeito de cantaria ou de madeira e, sendo de pedra, pode ter parapeito recortado ou torneado. Quando é usado o ferro, prefere-se o ferro batido em varas

verticais simples ou com pequeno perfil, de seção quadrada ou circular. Pode o ferro ser em barras, formando desenhos, com as junções em rebites ou com luvas de chumbo, ou ainda, com ferro chato, laminado, também compondo desenhos. Estes desenhos incluem, às vezes, elementos em relevo, chapas repuxadas ou fundidas em metal ou chumbo, formando flores, inscrições e outros elementos decorativos vindo, depois, os ferros fundidos e os mistos, com fundição e laminados. (VASCONCELLOS, 1979, p. 105-106)

Quanto às vergas, podem ser retas ou alteadas. No período colonial, primeiro aparecem em forma reta ou de nível, apoiando alinhadas às ombreiras; com a influência joanina surgem de forma alteada ou em canga de boi, quando o arco é em círculo não pleno, também chamado de arco abatido. As alteadas adquirem formas diversificadas no século XIX, em curva e recurva, em arco pleno, e com o advento do gosto neogótico, em ogivas e em ponta (Figura 19). O trabalho ornamental que pode aparecer sobre as vergas acompanhando-as é chamado de sobreverga (Figura 20), quando margear a face externa dos marcos com uma moldura, é identificado como filetes decorativos.

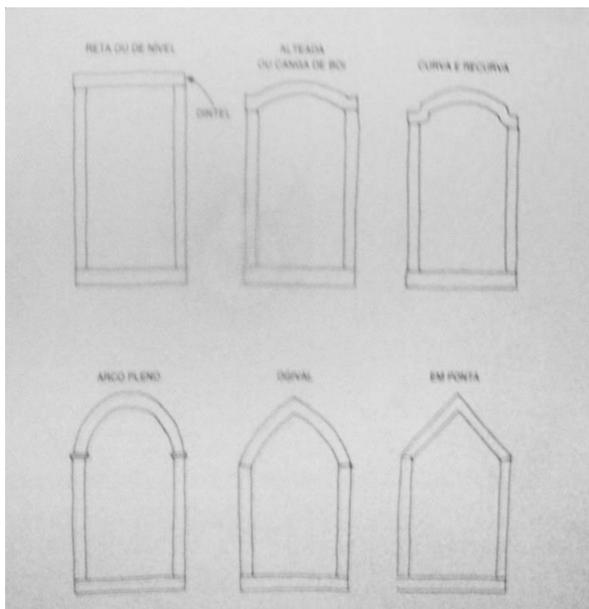


Figura 19 – Tipos de vergas.  
Fonte: Ávila, 1980, p. 96.



Figura 20 – Sobreverga.  
Fonte: Paula e Rozenwajm, 2008, p. 61.

O fechamento das janelas são em folhas, que podem ser cegas, vazadas ou envidraçadas (Figura 21). Há folhas cegas tabuadas e engradadas, as primeiras se apresentam em plano único com junta seca, em meio fio ou macho e fêmea, em calha e sobreposta; e as engradadas apresentam o plano formado por quadros almofadados, estes podem ser rebaixados, salientes ou moveis, quando abre para dentro e forma o postigo. São de origem mourisca as janelas com folhas vazadas ou treliçadas de madeira, chamam de gelosia quando esta folha gira em torno do eixo vertical e em torno do eixo horizontal chama-se rótula; há

ainda folhas compostas de taquara trançada, chamada urupema. Generalizou-se no final do século XVIII, a substituição das janelas anteriores pelas janelas envidraçadas ou a combinação de ambas, com a bandeira fixa encaixilhada. Entre as janelas envidraçadas temos a guilhotina e a janela de em caixilharia inteira ou partilhando seu terço inferior com as venezianas.

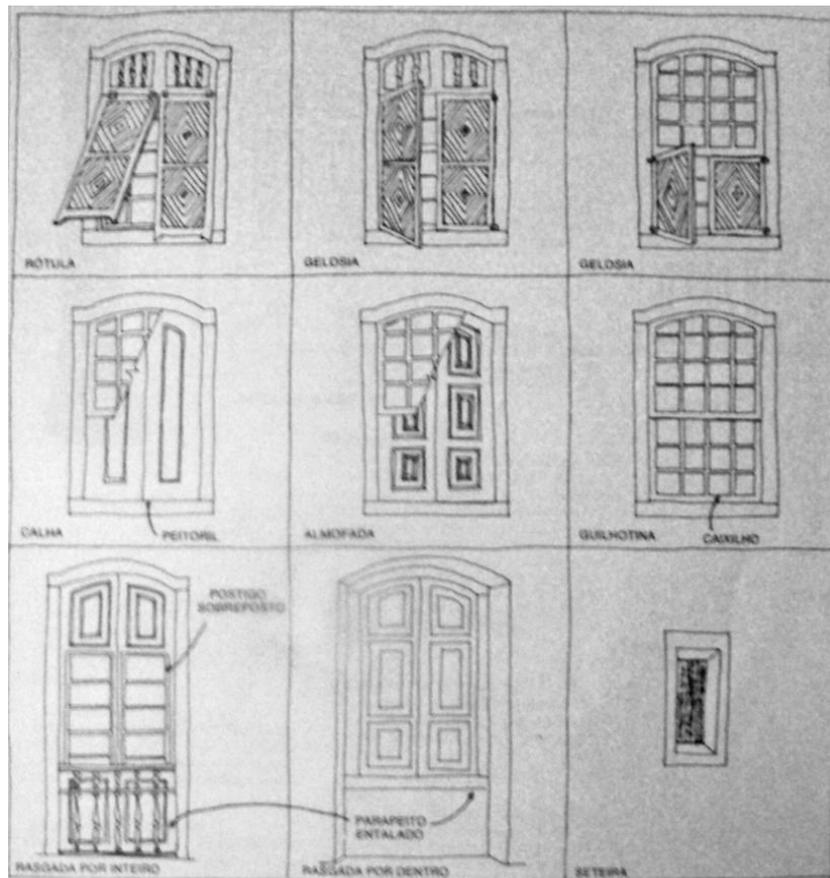


Figura 21 – Tipo de fechamento das janelas.  
Fonte: Ávila, 1980, p. 56.

No que se refere às cores das esquadrias, Salomão de Vasconcellos (1947, p. 17) ao explicar sobre a vista conjunto arquitetônico de Mariana descreve os portais e janelas com a cor azul e rosa e o casario branco e amarelo. Já no século XIX, os tons claros, ocre, azuis e rosas e tonalidades equivalentes começam a enfeitar os parâmetros externos das habitações (VASCONCELLOS, 1977, p. 199).

## 5 ESTUDOS DE CASOS

### 5.1 Análise contextual do entorno

No período colonial, a cidade de Mariana foi referência como centro administrativo e religioso. Atualmente, é uma atração turística pelas numerosas construções de caráter civil e religiosa concentradas no bairro antigo.

A Rua Dom Silvério, outrora, foi um simples caminho de acesso ao Pelourinho, depois designada Rua Nova. Hoje faz a ligação do largo de São Pedro dos Clérigos com a Praça Minas Gerais, ao longo de sua via encontram-se edificações históricas e referenciais, como o Hotel e o Colégio Providência, a Arquiconfraria de São Francisco e um solar colonial. A percepção do seu conjunto arquitetônico é favorecida pela ausência de arborização na via e pela fiação elétrica ser subterrânea.

Fazendo a ligação entre as Praças Minas Gerais e Gomes Freire está a Rua João Pinheiro, dentre as edificações que a caracterizam está a ex-residência do Conde de Assumar. A Praça Gomes Freire (Figuras 22-23) recebeu diferentes denominações, respectivamente, Largo da Cavallhada, Largo do Rócio e Jardim Municipal; residiram ouvidores, intendentess do ouro, juízes-de-fora, coronéis, capitães, advogados, políticos, enfim, pessoas influentes e com poder aquisitivo. Todas as construções merecem destaque, como referência está a antiga residência do Dr. Gomes Freire de Andrada e o Hotel Central.



Figura 22- Vista da Praça Gomes Freire com o coreto.  
Fonte: Album do Lirim, s/d.



Figura 23- Vista da Praça Gomes Freire (Jardim Municipal).  
Fonte: Album do Lirim, s/d.

Situada na Praça Gomes Freire, em Mariana, MG, encontra-se a Casa do Arcebispo que foi projetada por Éolo Maia, Jô Vasconcellos e Sylvio de Podestá. A casa está localizada nesta cidade e possui valor arquitetônico indiscutível, com construção fortemente regulada pelo SPHAAN.



Figura 24 - Casa do Arcebispo situada na Praça Gomes Freire  
Fonte: [www.vitrovius.com.br](http://www.vitrovius.com.br)

## Segundo Carlos Eduardo Dias Comas

Éolo, Jo e Sylvio, que projetaram a Casa Episcopal, ganharam atenção como campeões pós-modernistas, mas a propriedade da etiqueta é questionável tanto genericamente quanto no caso. As estratégias de projeto da Casa do Arcebispo se filiam, no plano simbólico, a uma tradição *Beaux-Arts* revisitada modernamente por Kahn ao invés de Corbusier. Iconograficamente, rememoram precedentes via a alusão que recria sem copiar – e a alusão iconográfica a precedentes eruditos e populares é procedimento corriqueiro nos anos heróicos, no Ministério da Educação ou no Hotel de Ouro Preto.

A novidade dessa construção não está no cunhal metálico que denota contemporaneidade e evoca a tradição da arquitetura erudita colonial, mas na utilização do imaginário popular sincrético, híbrido, exuberante, ingênuo, eclético, festivo da cidade interiorana de hoje como fonte de inspiração arquitetônica (COMAS, ANO, p. )

Éolo nasceu em Ouro Preto, Minas Gerais, “foi um expoente do pós-modernismo arquitetônico brasileiro e um dos arquitetos mais proeminentes de sua geração. Em Belo Horizonte trabalhou e viveu a maior parte dos seus 60 anos - prematuramente interrompidos pela sua morte em 2002”.

O antigo caminho de Itaverava foi chamado de Rua da Olaria, por ter recebido a primeira fábrica de telhas em 1713; e recebeu as primeiras construções por volta de 1725, se tornando ponto de referência para a morada das principais famílias. Residiram nesta rua a geração Vasconcellos, conselheiros, capitães-mores, advogados, governadores, dentre outras personalidades. Atual Rua Dom Viçoso. A Rua Frei Durão também foi chamada de Rua da Sé e de Rua Conde da Conceição (Figura 25).



Figura 25 – Casas à Rua Conde da Conceição.  
Fonte: Mariana Imagens, s/d.

## 5.2 Inventário

No entorno da Praça Gomes Freire e das ruas próximas (Figura 26) foram selecionadas cinquenta edificações para a construção do inventário. Os dados que caracterizam as edificações apresentam-se em fichas, as informações foram obtidas a partir de visitas *in loco* e pesquisas, sejam elas com os próprios moradores ou em documentos.

## Mapa de Identificação dos Objetos de Estudo

Figura 26 – Mapa das edificações selecionadas para o inventário.  
Fonte: A autora, 2014. Mapa da Prefeitura Municipal de Mariana adaptado.

As informações obtidas foram trabalhadas, a melhor forma de apresentá-las é em diferentes mapas temáticos. O primeiro tema são os tipos de vergas (Figura 27) são diversificados: verga reta, verga alteada, verga ogival, verga em curva e recurva e verga em arco pleno. A identificação de mais de um tipo de verga na mesma edificação ocorreu dentre as que apresentam dois pavimentos. Foram consideradas apenas as vergas das janelas, pois em alguns casos se difere as vergas das janelas e das portas de uma mesma edificação.

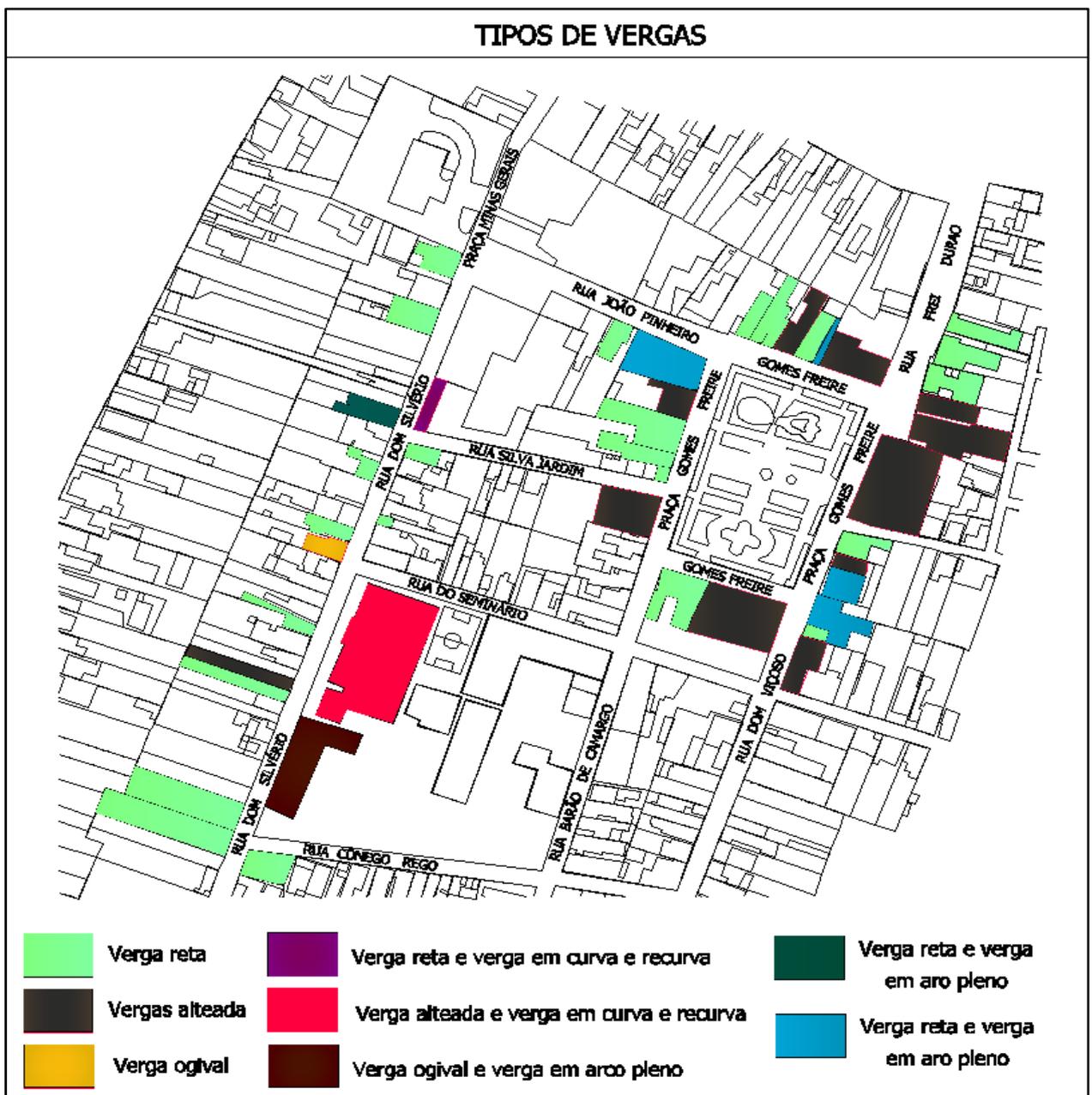


Figura 27 – Mapa do tipo de vergas da janelas.

Fonte: A autora, 2014. Mapa da Prefeitura Municipal de Mariana adaptado.

A Figura 28 mostra um mapa da tipologia das janelas, que foram classificadas em janelas de peitoril e janelas com parapeito, ressaltando não há janelas com parapeito entalado dentre as edificações selecionadas para o inventário. Predominam as janelas de peitoril, as sacadas aparecem em algumas dos imóveis de dois pavimentos; quando identificadas como janelas de parapeito e janelas de peitoril, esta geralmente se encontra no pavimento térreo.

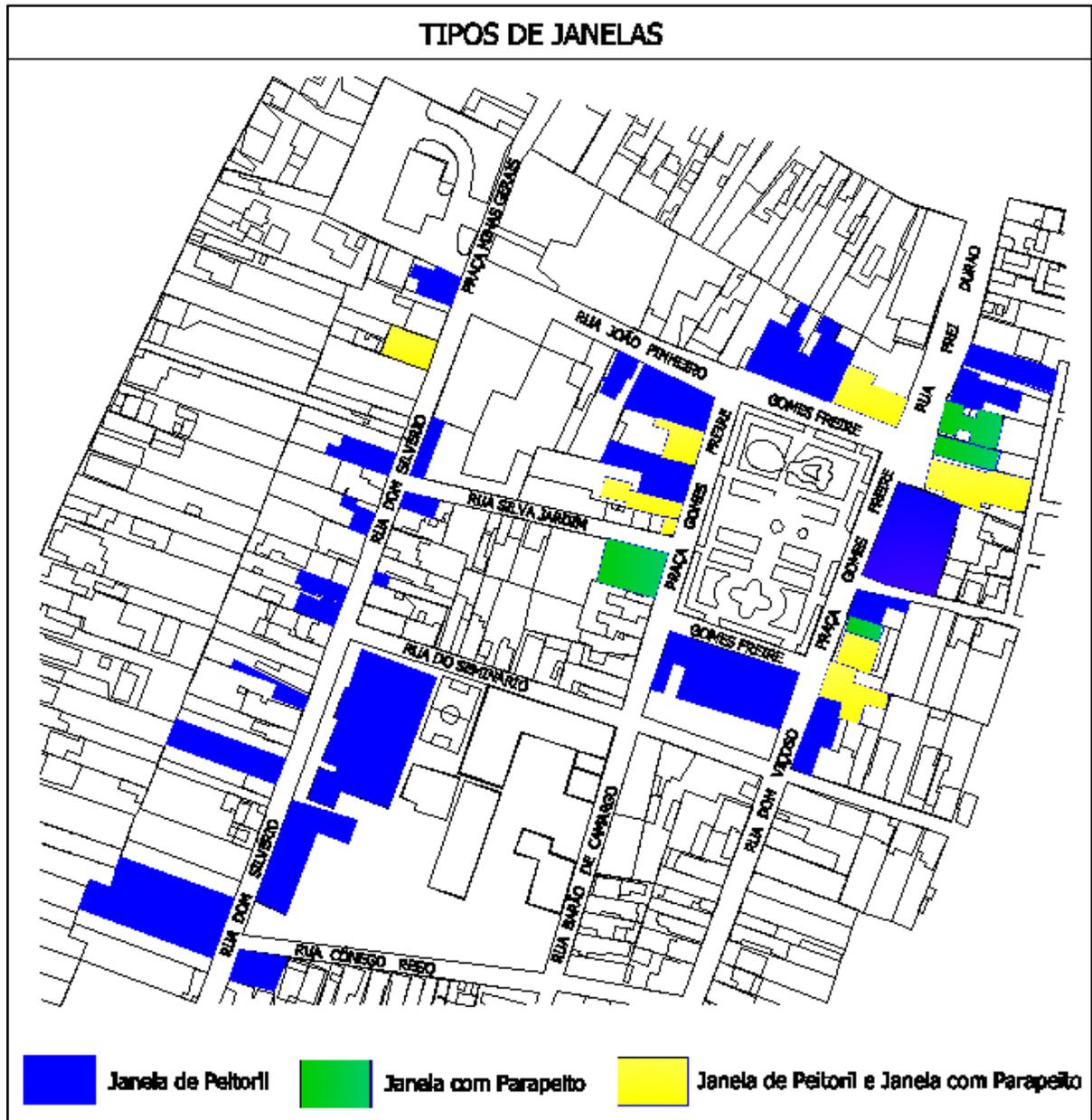
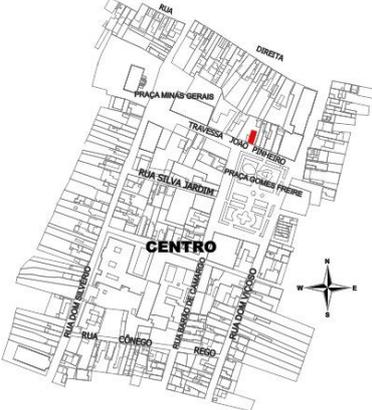
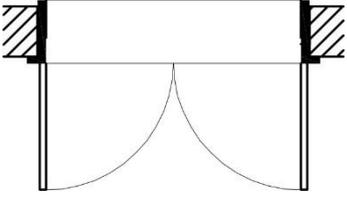
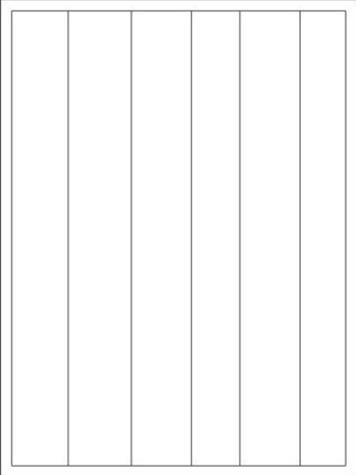
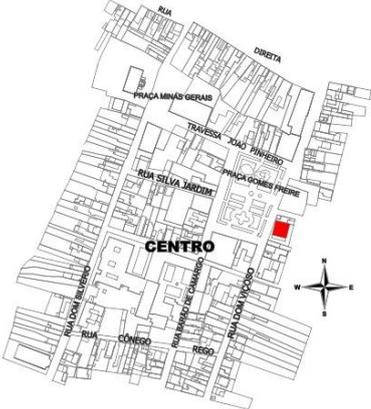
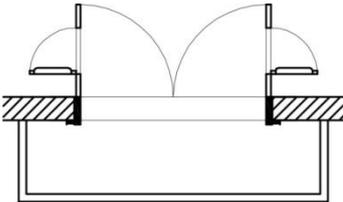
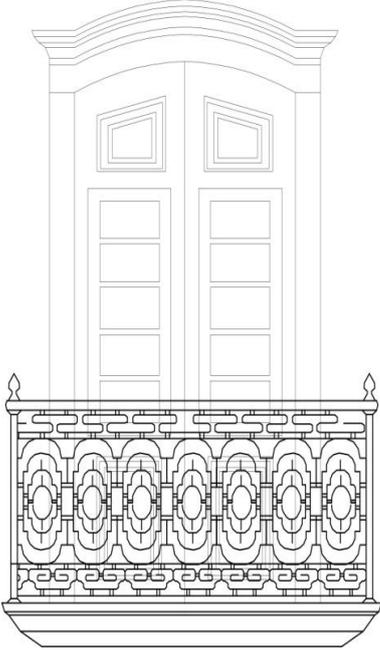


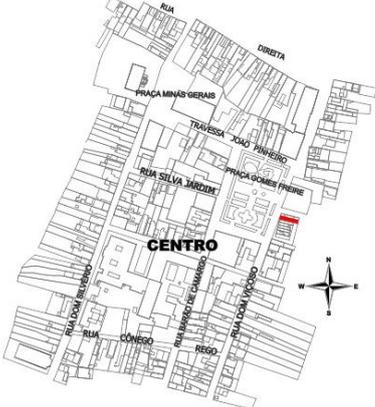
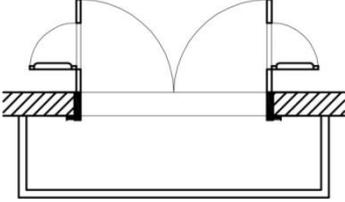
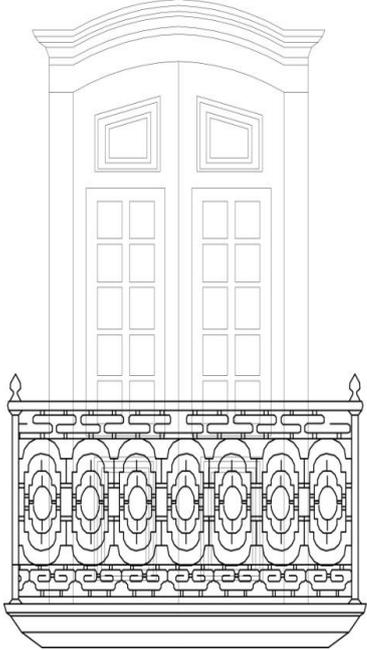
Figura 28 – Mapa da tipologia das janelas.

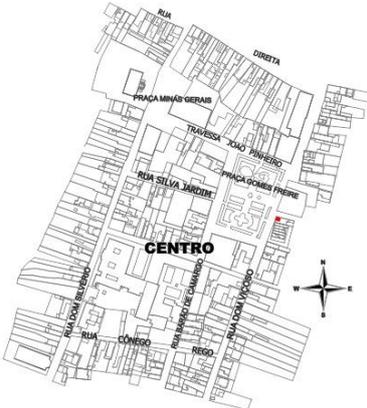
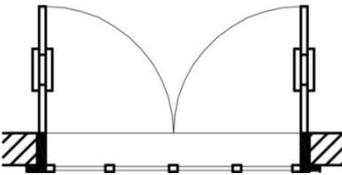
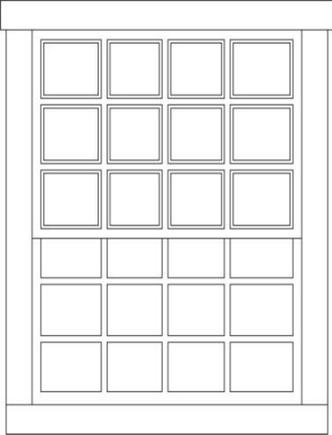
Fonte: A autora, 2014. Mapa da Prefeitura Municipal de Mariana adaptado.

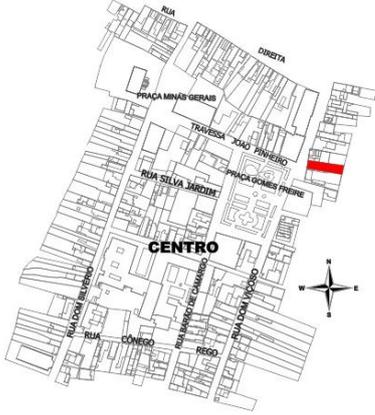
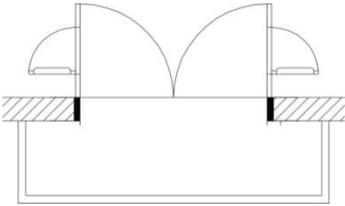
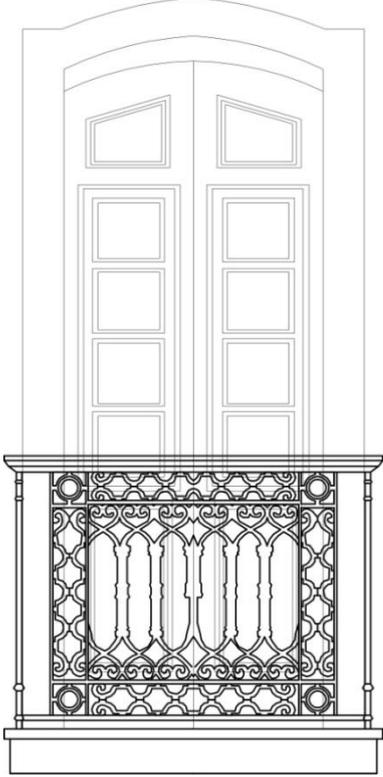
Dando seguimento aos tipos de janelas, o Quadro 1 os diversos tipos de janelas encontradas no estudo, sua localização e descrição e o uso atual.

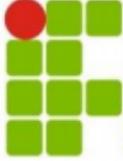
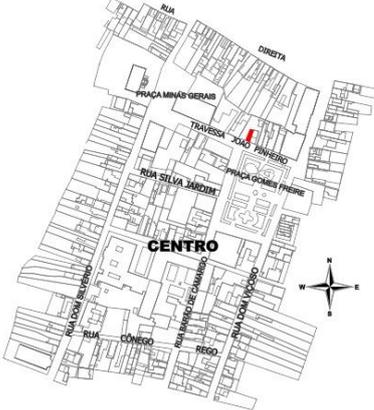
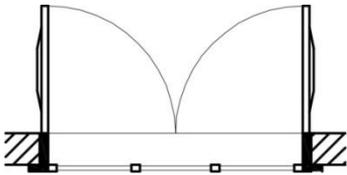
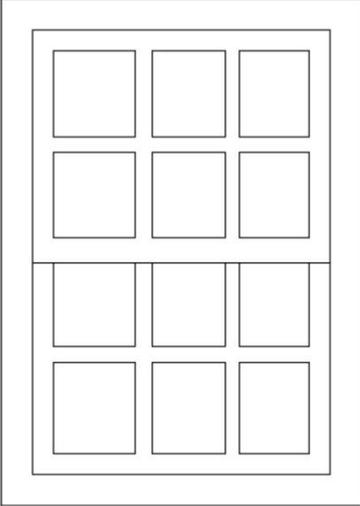
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Praça Gomes Freire, 48, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XVIII.</p> <p>Apresenta janela de peitoril com o marco de madeira reduzido para apoiar as folhas, com a esquadria não aparente.</p> <p>Janela em madeira, de verga reta, vedada por duas folhas em tabuado.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>1</b></p>

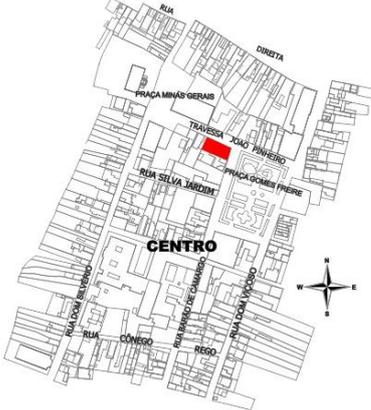
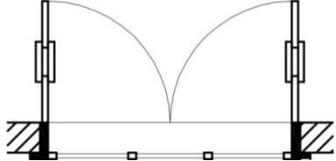
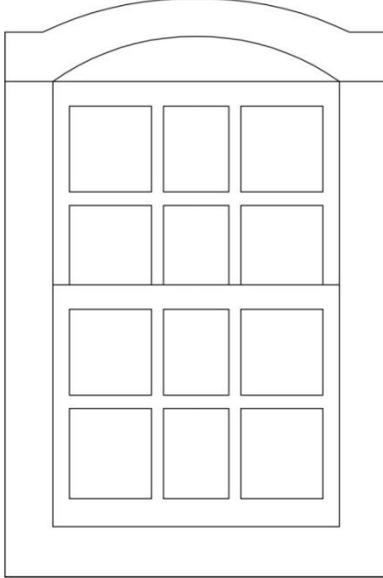
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO</b> – Praça Gomes Freire, 240, Centro - Mariana   Centro Histórico</p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta apenas janela rasgada por inteiro.</p> <p>Janela em madeira, de verga e sobreverga em canga de boi e o gradil em ferro, vedada por duas folhas com almofadas na parte inferior e superior, e na parte central postigo envidraçado.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Residencial no pavimento superior e comercial no térreo.</p>	<p><b>2014</b>   <b>2</b></p>

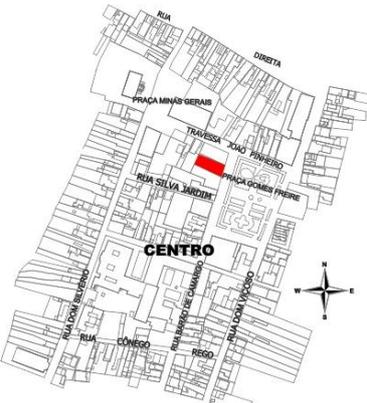
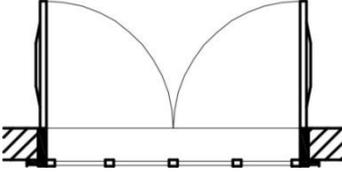
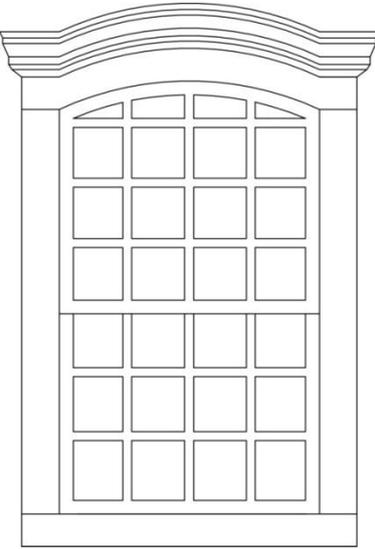
 <p><b>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS</b> Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Praça Gomes Freire, 250, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XIX.</p> <p>Possui apenas janela rasgada por inteiro.</p> <p>Janela em madeira, de verga e sobreverga em canga de boi e o gradil em ferro; vedada por duas folhas com almofadas na parte inferior e superior, e na parte central postigo envidraçado.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Comercial.</p>	<p><b>2014</b>      <b>3</b></p>

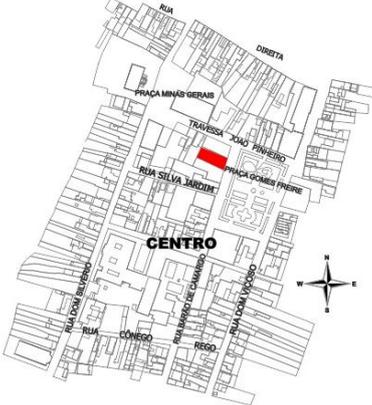
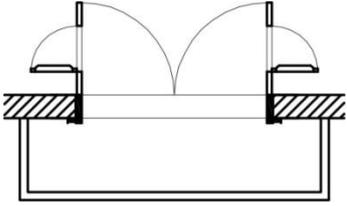
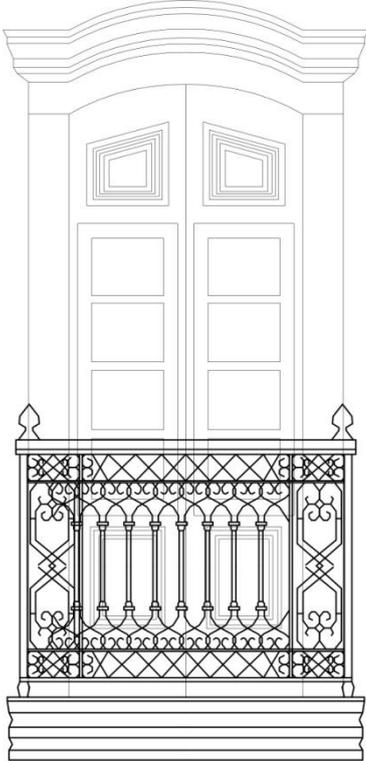
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Praça Gomes Freire, 256, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XIX.</p> <p>Possui apenas janela de peitoril.</p> <p>Janela em madeira, de verga reta, fechamento externo em guilhotina com 12 caixilhos, e internamente por duas folhas em saia-camisã.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>4</b></p>

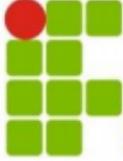
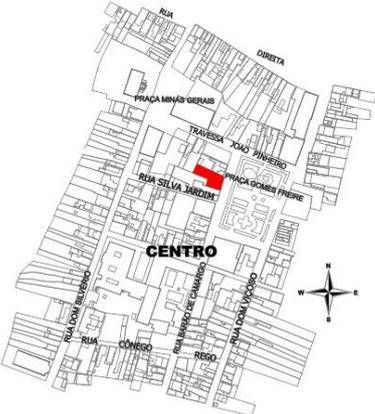
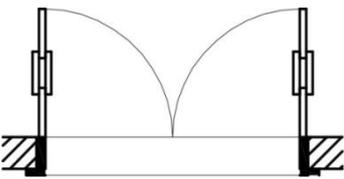
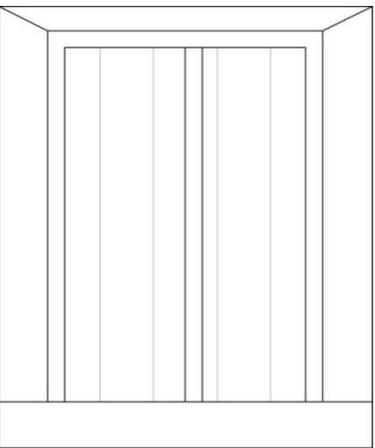
 <p><b>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS</b> Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO</b> – Praça Gomes Freire, 32, Centro - Mariana   Centro Histórico</p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta apenas janela rasgada por inteiro e com sacada individual.</p> <p>Janela em madeira, de verga em canga de boi e o gradil em ferro, vedada por duas folhas com almofadas na parte inferior e superior disposta na horizontal na parte central postigo envidraçado.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Comercial</p>	<p><b>2014</b>      <b>5</b></p>

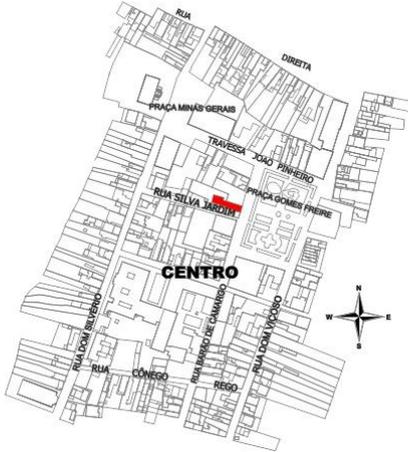
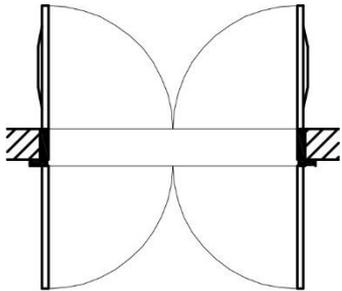
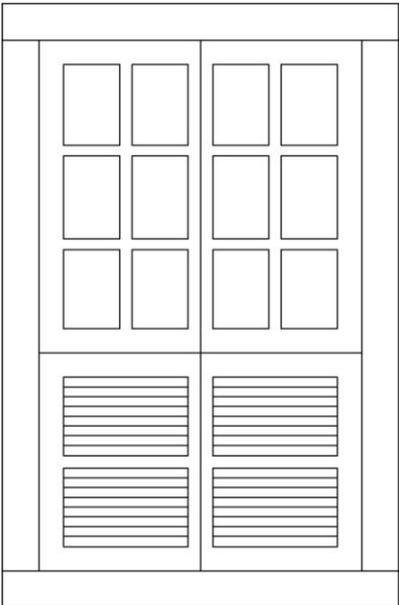
 <p><b>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS</b> Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Praça Gomes Freire, 50, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XIX.</p> <p>Possui apenas janela de peitoril.</p> <p>Janela em madeira, de verga reta, fechamento externo em guilhotina com 6 caixilhos, e internamente por duas folhas almofadadas.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>6</b></p>

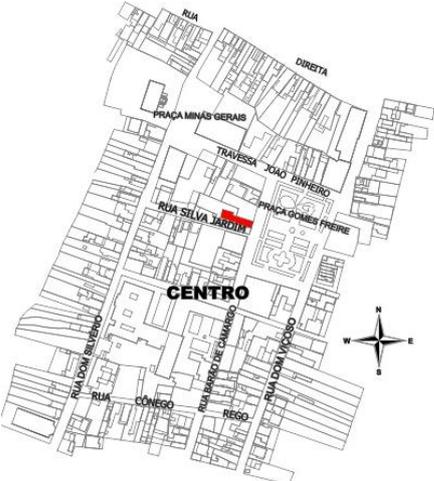
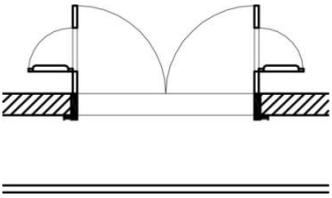
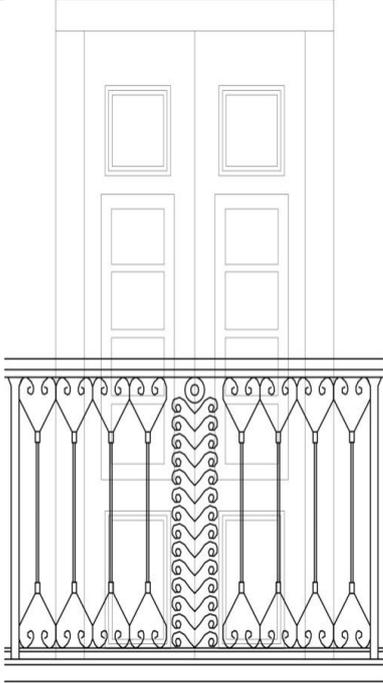
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Praça Gomes Freire, 92, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XIX.</p> <p>Possui apenas janela de peitoril.</p> <p>Esquadria em madeira, de verga alteada, com bandeira fixa em madeira; fechamento externo em guilhotina com 6 caixilhos, e internamente por duas folhas em saia-camisa.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Comercial.</p>	<p><b>2014</b>   <b>7</b></p>

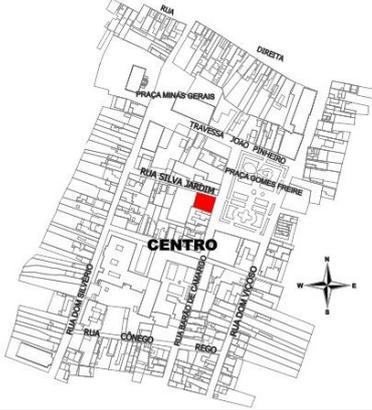
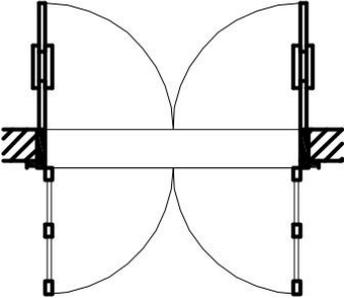
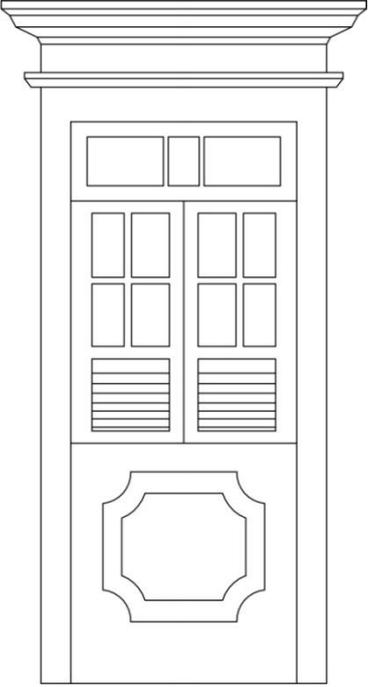
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO</b> – Praça Gomes Freire, 102, Centro - Mariana   Centro Histórico</p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela rasgada por inteiro e com sacada individual no segundo pavimento e janela de peitoril em ambos os pavimentos.</p> <p>Janela em madeira, de verga e sobreverga em canga de boi, fechamento externo em guilhotina com 12 caixilhos, e internamente por duas folhas almofadadas.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Comercial</p>	<p><b>2014</b>      <b>8</b></p>

 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Praça Gomes Freire, 102, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela rasgada por inteiro e com sacada individual no segundo pavimento e janela de peitoril em ambos os pavimentos.</p> <p>Janela em madeira, de verga e sobreverga em canga de boi e o gradil em ferro, vedada por duas folhas com almofadas na parte inferior e superior, e na parte central postigo envidraçado.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Comercial.</p>	<p><b>2014</b>   <b>9</b></p>

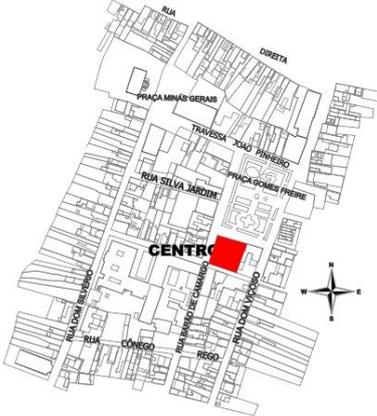
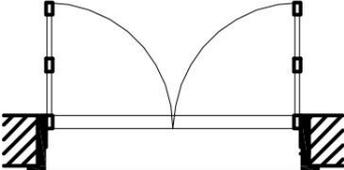
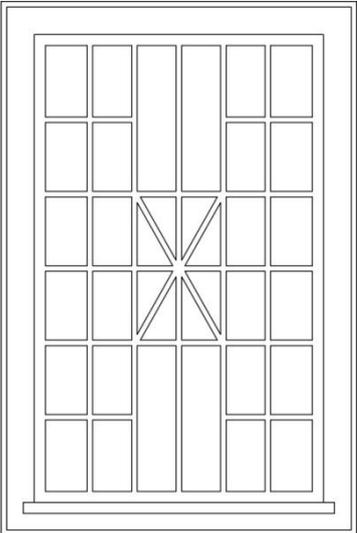
 <p><b>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS</b> Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Praça Gomes Freire, 108, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XIX.</p> <p>Possui apenas janela de peitoril.</p> <p>Esquadria de cantaria em quartzito, de verga reta, fechamento por duas folhas em saia-camisa.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>10</b></p>

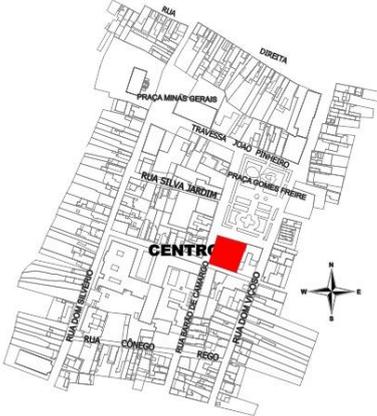
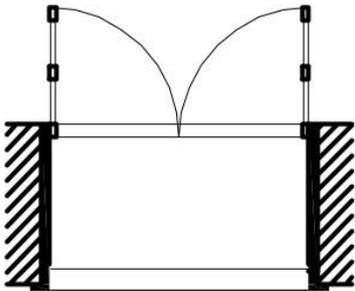
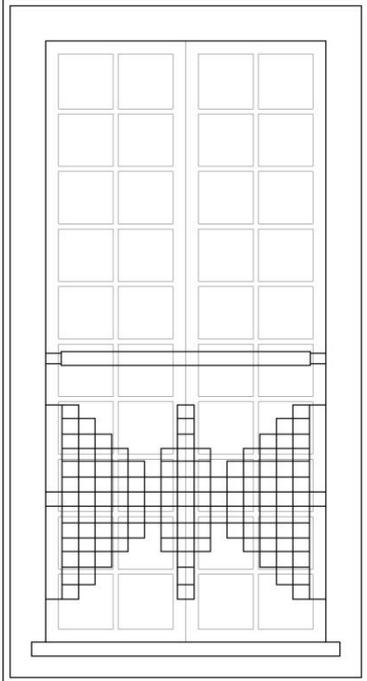
	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Praça Gomes Freire, 116, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela rasgada por inteiro e com sacada corrida no segundo pavimento, e janela de peitoril no térreo.</p> <p>Esquadria em madeira, de verga reta, bandeira fixa encaixilhada, fechamento externo em duas folhas com veneziana, e internamente com duas folhas almofadadas.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Comercial.</p>	<p><b>2014</b>   <b>11</b></p>

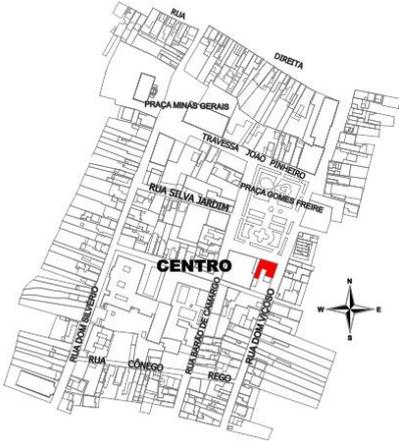
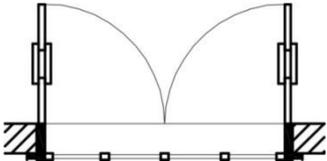
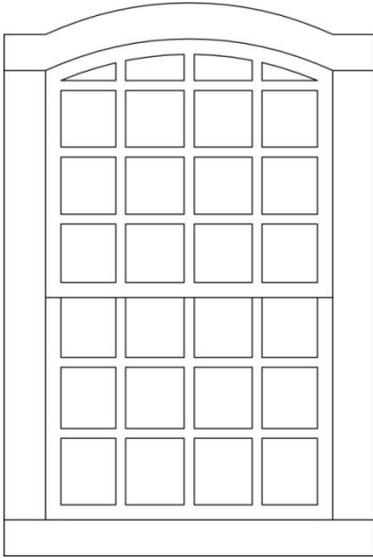
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Praça Gomes Freire, 116, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela rasgada por inteiro e com sacada corrida no segundo pavimento, e janela de peitoril no térreo.</p> <p>Janela em madeira, de verga reta e o gradil em ferro, vedada por duas folhas com almofadas na parte inferior e superior, e na parte central postigo envidraçado.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>12</b></p>

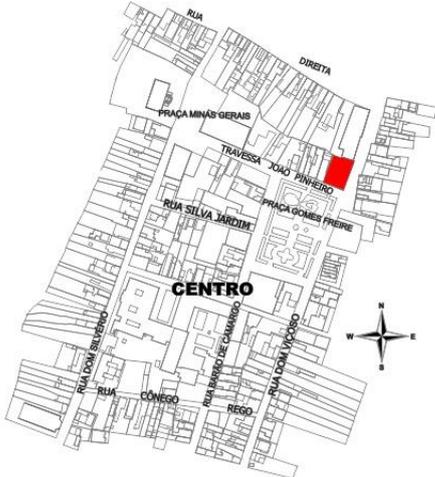
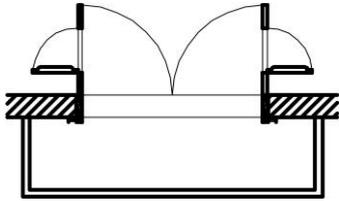
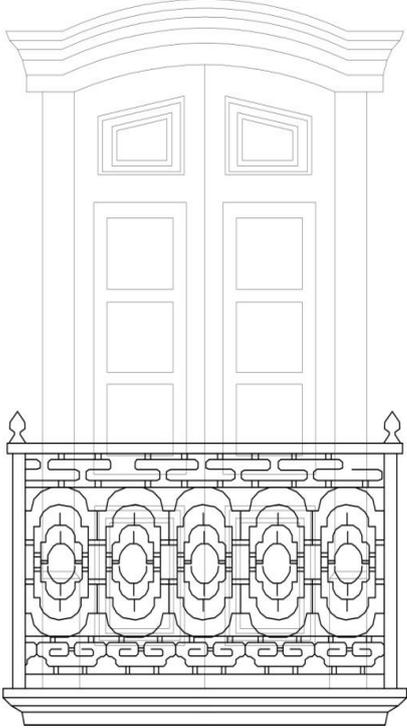
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Praça Gomes Freire, 152, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b></p> <p>Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XVIII.</p> <p>Apresenta janela rasgada por inteiro e com sacada individual no segundo pavimento, e janela de peitoril no térreo.</p> <p>Esquadria em cantaria, de verga e sobreverga reta, peitoril de cantaria trabalhada, com bandeira fixa encaixilhada, vedada por duas folhas envidraçadas e com veneziana no terço inferior.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>13</b></p>

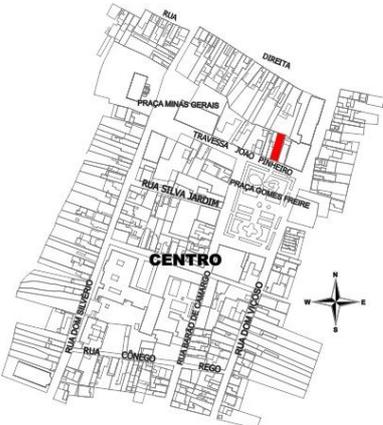
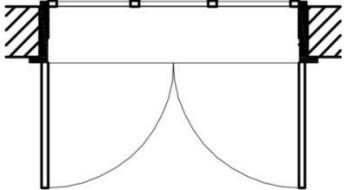
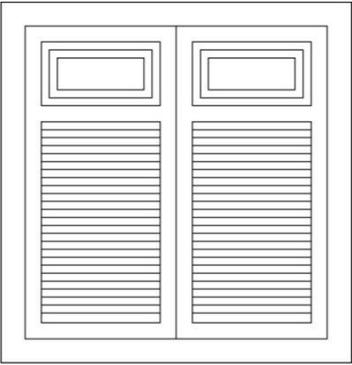
**Uso Atual**  
Comercial.

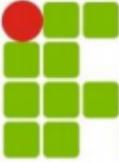
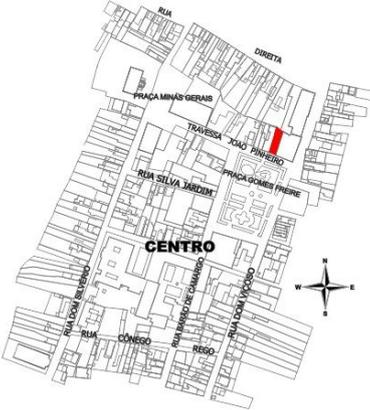
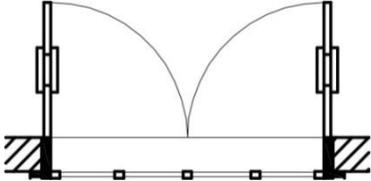
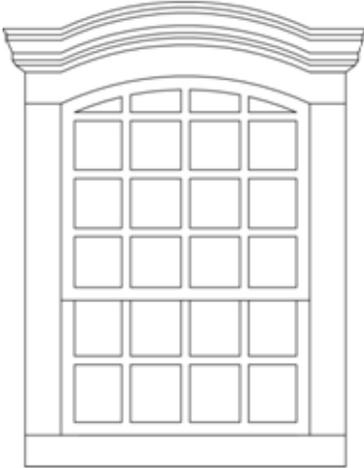
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Praça Gomes Freire, 200, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XX.</p> <p>Apresenta janela rasgada por inteiro com parapeito entalado no segundo pavimento, e janela de peitoril no térreo.</p> <p>Marco reduzido para apoiar as folhas, fechamento em duas folhas envidraçadas; possui grade de proteção estilizada.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>14</b></p>

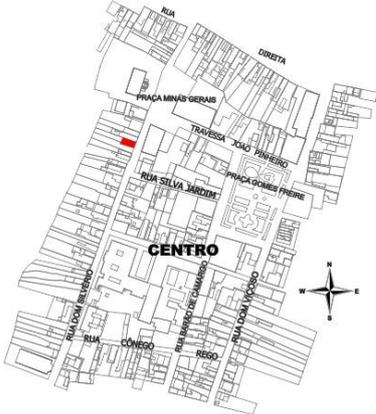
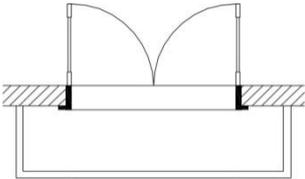
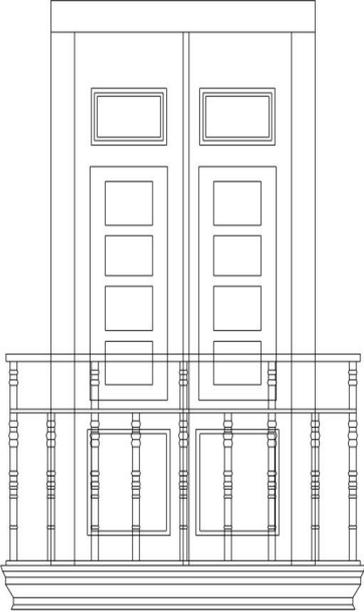
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO</b> – Praça Gomes Freire, 200, Centro - Mariana   Centro Histórico</p> 		
		<p><b>Descrição</b></p> <p>Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XX.</p> <p>Apresenta janela rasgada por inteiro com parapeito entalado no segundo pavimento, e janela de peitoril no térreo.</p> <p>Marco reduzido para apoiar as folhas, fechamento em duas folhas envidraçadas; o parapeito entalado é caracterizado por um ferro roliço e gradil com formas contemporâneas.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>15</b></p>

 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Praça Gomes Freire, s/n, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XVIII.</p> <p>Possui apenas janela de peitoril.</p> <p>Esquadria em madeira, de verga alteada, fechamento externo em guilhotina com 12 caixilhos, e internamente por duas folhas em saia-camisa.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>16</b></p>

 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO</b> – Praça Gomes Freire, 4, Centro - Mariana   Centro Histórico</p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela rasgada por inteiro e com sacada individual no segundo pavimento.</p> <p>Esquadria em madeira, de verga e sobreverga em canga de boi, guarda corpo com gradil em ferro, vedada por duas folhas com almofadas na parte inferior e superior, e na parte central postigo envidraçado.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>17</b></p>

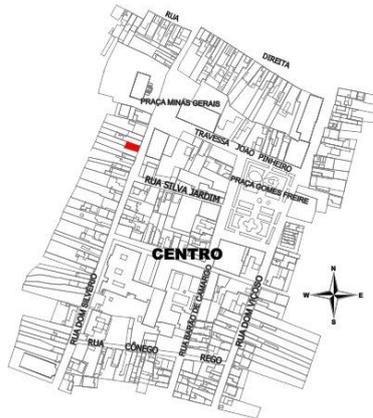
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Praça Gomes Freire, 26, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XVIII.</p> <p>Apresenta janela de parapeito.</p> <p>Esquadria em madeira, de verga reta, vedada externamente por duas folhas de veneziana e com almofada no terço superior, e internamente fechamento em guilhotina com 6 caixilhos.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>18</b></p>

 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Praça Gomes Freire, 1, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela de parapeito.</p> <p>Esquadria em madeira, de verga e sobreverga em canga de boi, fechamento externo em guilhotina, e internamente por duas folhas em saia-camisa.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>19</b></p>

 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Dom Silvério, 18, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela rasgada por inteiro e com sacada individual no segundo pavimento, e janela de peitoril no térreo.</p> <p>Janela em madeira, rasgada por inteiro, do tipo sacada, vedada por duas folhas com almofadas na parte inferior e superior disposta na horizontal, e na parte central postigo envidraçado.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>20</b></p>

# JANELA

**LOCALIZAÇÃO – Rua Dom Silvério, 18, Centro - Mariana | Centro Histórico**



## Descrição

Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XIX.

Apresenta janela rasgada por inteiro e com sacada individual no segundo pavimento, e janela de peitoril no térreo.

Janela em madeira, rasgada por inteiro, do tipo sacada, vedada por duas folhas com almofadas na parte inferior e superior disposta na horizontal, e na parte central postigo envidraçado.

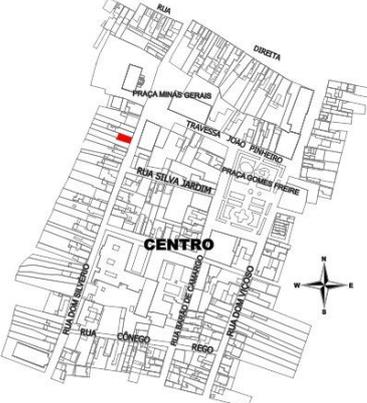
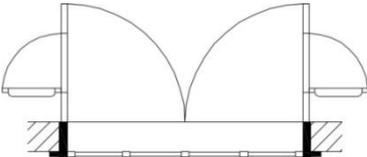
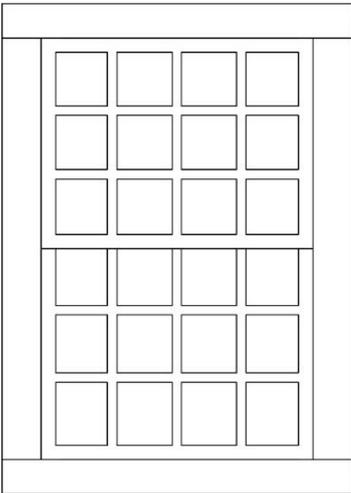
## Uso Atual

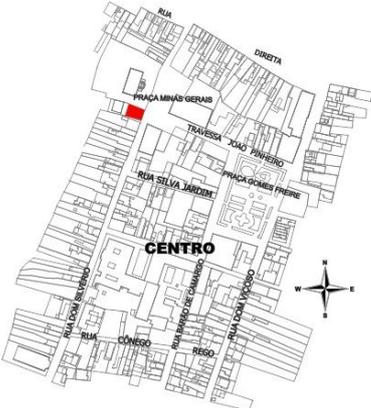
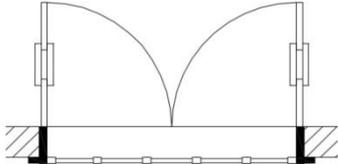
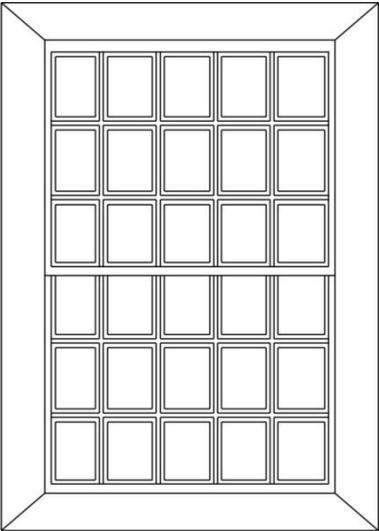
Residencial no segundo andar e comercial no térreo.

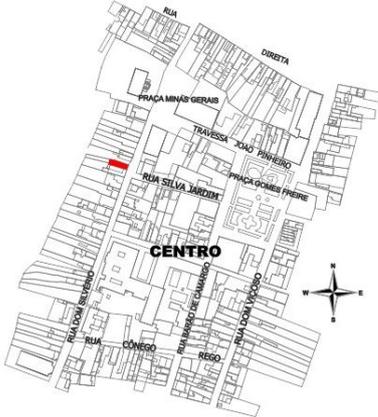
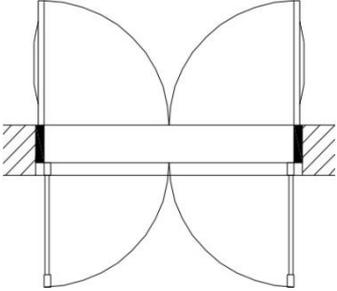
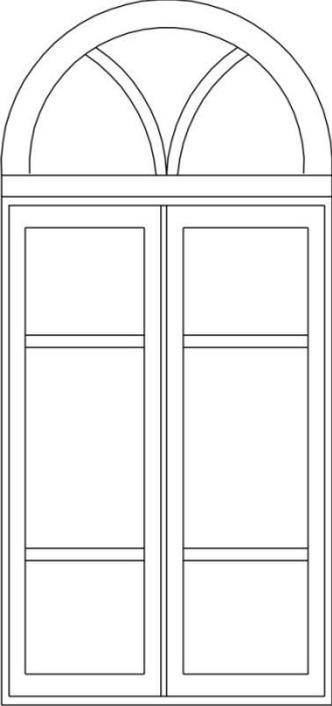
**Orientador:** Alexandre Mascarenhas  
**Discente:** Carmem da Boaventura

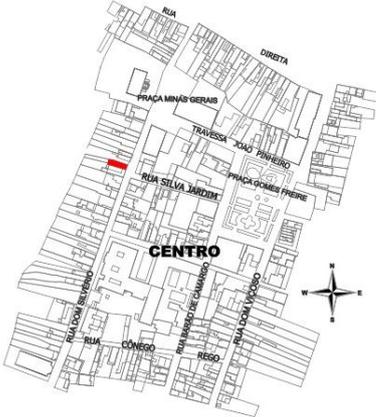
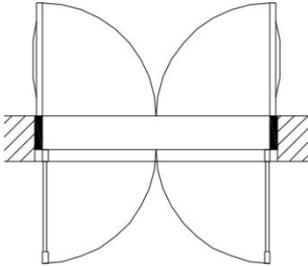
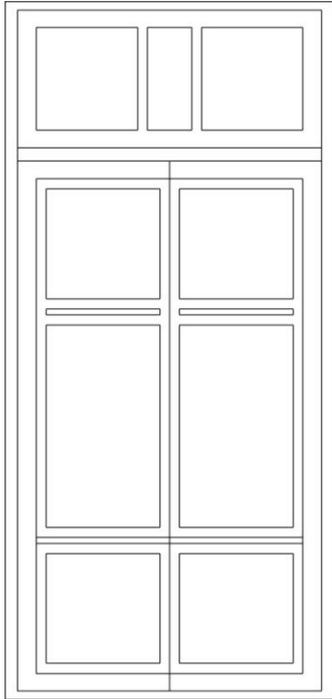
**2014**

**20**

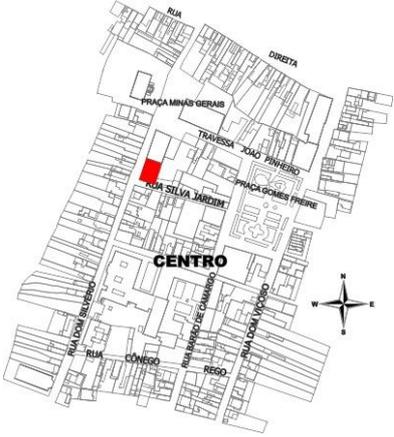
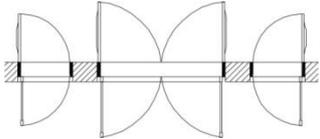
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO</b> – Rua Dom Silvério, 18, Centro - Mariana   Centro Histórico</p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela rasgada por inteiro e com sacada individual no segundo pavimento, e janela de peitoril no térreo.</p> <p>Esquadria em madeira, de verga, com fechamento externo com guilhotina e interno por duas folhas almofadada (na posição vertical).</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Comercial (no térreo) e residencial (no segundo pavimento).</p>	<p><b>2014</b>   <b>21</b></p>

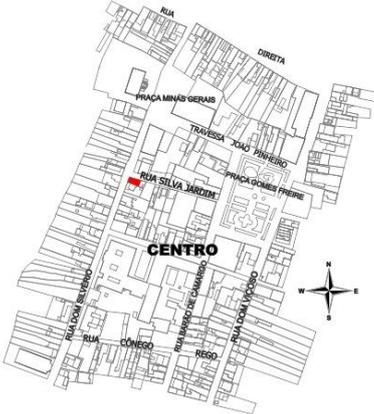
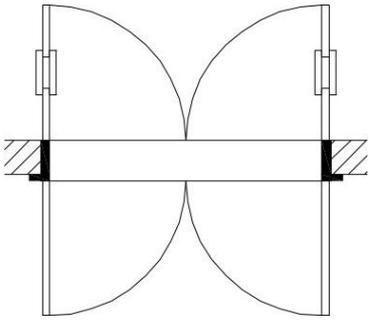
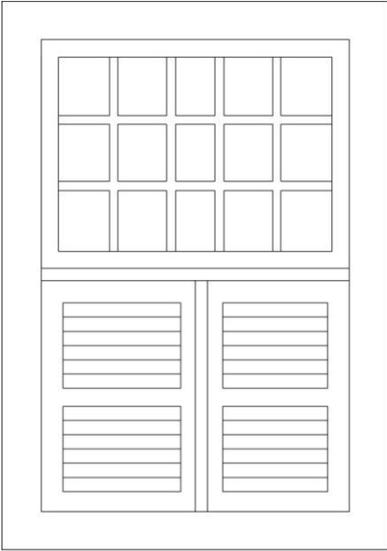
 <p><b>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS</b> Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Dom Silvério, 57, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela em madeira, de verga reta, com fechamento externo em guilhotina e interno com duas folhas do tipo saia e camisa.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Comercial.</p>	<p><b>2014</b>   <b>22</b></p>

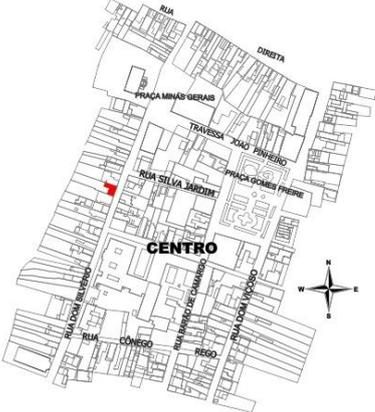
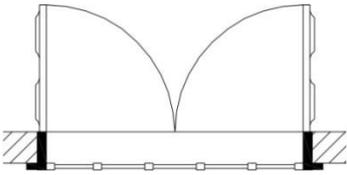
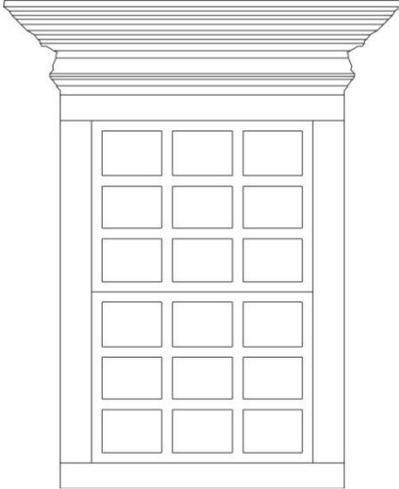
 <p><b>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS</b> Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Dom Silvério, 40, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela em argamassa de cimento, com verga em arco pleno, com fechamento externo em duas folhas envidraçadas e bandeira fixa também envidraçada. Internamente vedada por duas folhas almofadadas (posição vertical).</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>23</b></p>

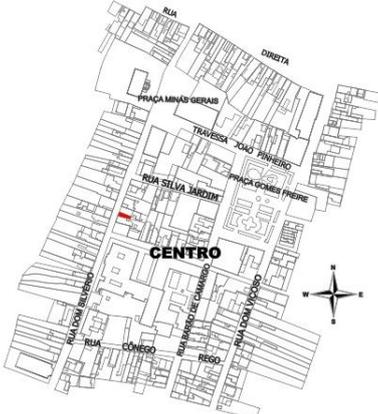
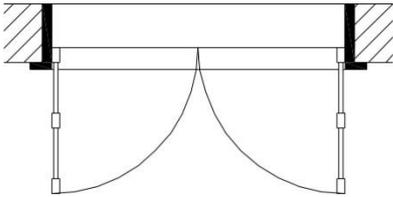
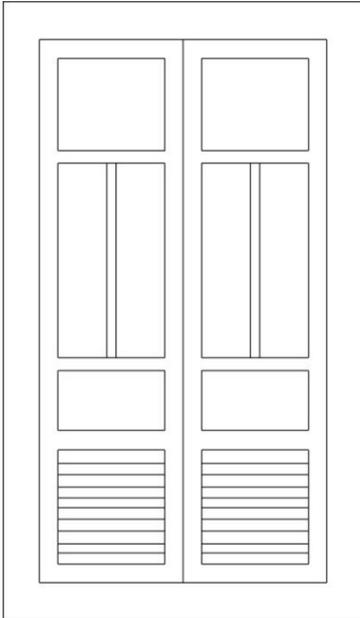
 <p><b>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS</b> Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Dom Silvério, 40, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela em argamassa de cimento, com bandeira e verga retas, com fechamento externo em duas folhas envidraçadas e bandeira fixa também envidraçada. Internamente vedada por duas folhas almofadadas (posição vertical).</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>24</b></p>

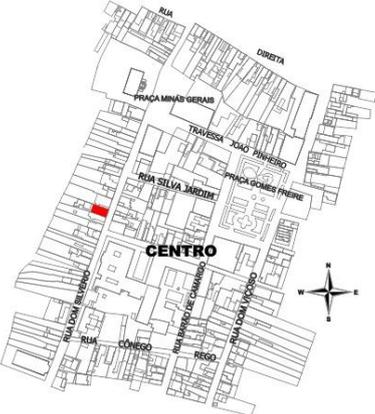
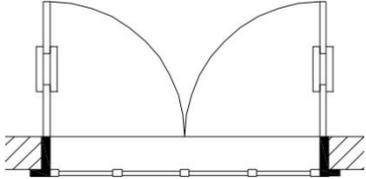
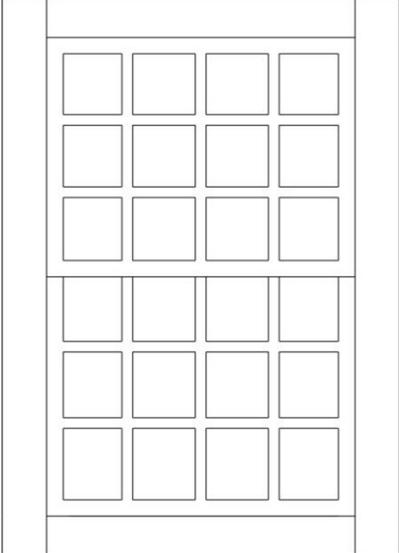
**Uso Atual**  
Residencial.

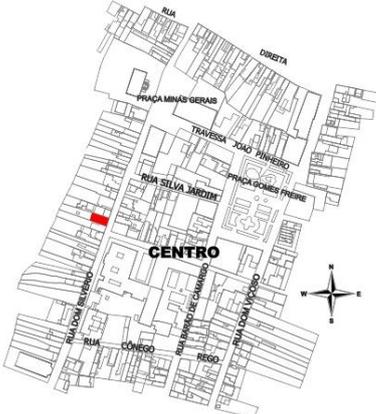
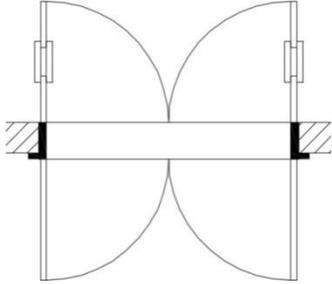
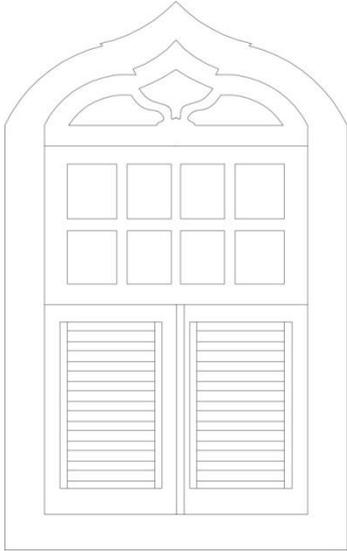
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Dom Silvério, 51, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela tripla, onde a demarcação de seus intervalos são em alvenaria. A janela central é em duas folhas em caixilho e teu terço inferior constituído em veneziana.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>25</b></p>

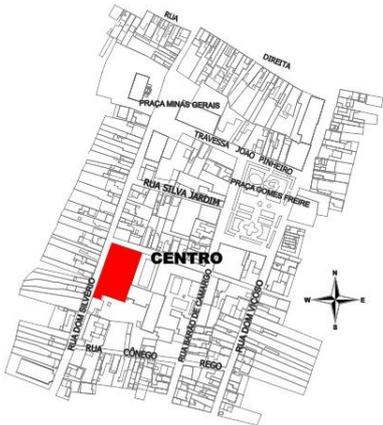
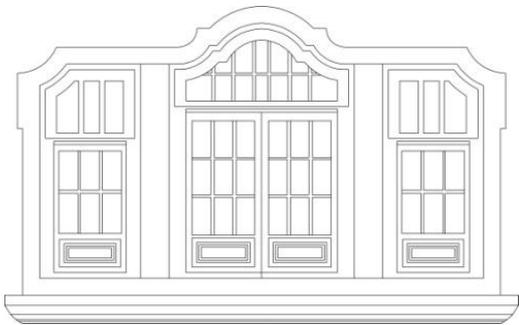
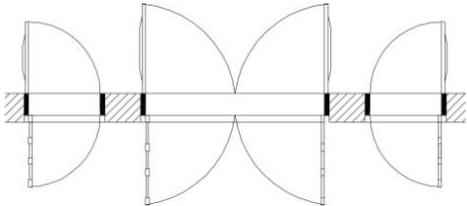
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Dom Silvério, 79, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela em madeira, de verga e ombreiras reta, com bandeira fixa em caixilho e duas folhas em veneziana, já internamente por duas folhas do tipo saia e camisa.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Comercial.</p> <p><b>2014</b></p>	<p><b>26</b></p>

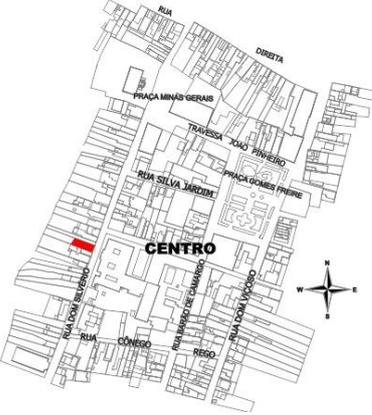
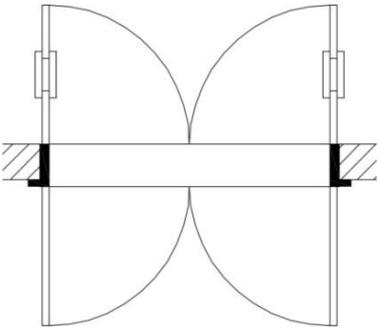
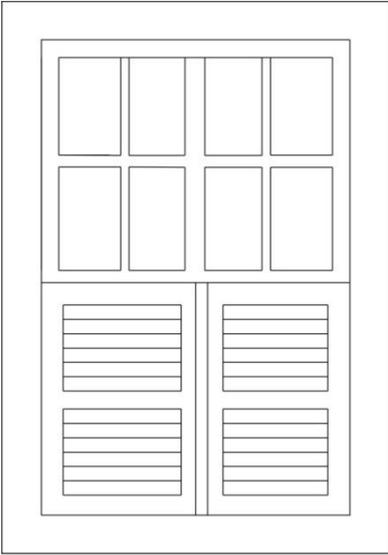
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Dom Silvério, 98, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela em madeira, de verga reta, com sobreverga também em madeira, recortada no estilo cimalha. Seu fechamento externo é dado por guilhotina, e internamente por duas folhas em madeira almofadada.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Residencial.</p>	<p><b>2014</b>   <b>27</b></p>

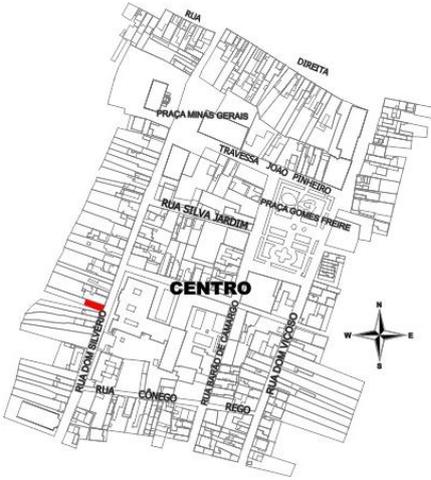
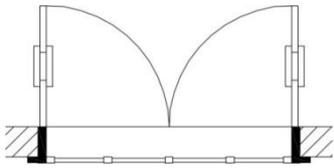
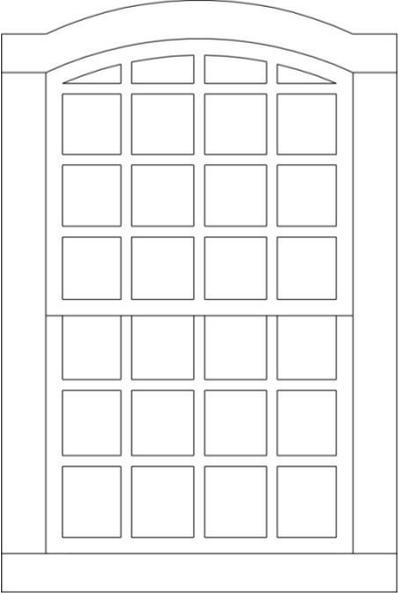
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO</b> – Rua Dom Silvério, 123, Centro - Mariana   Centro Histórico</p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela em argamassa de cimento com vergas retas, com duas folhas em madeira envidraçada com seu terço inferior em veneziana.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>28</b></p>

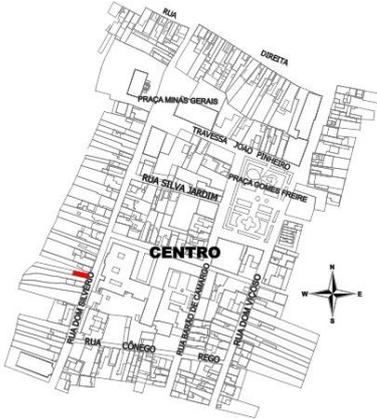
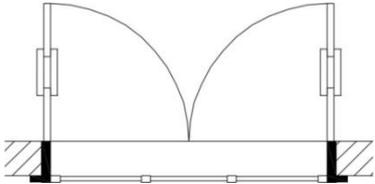
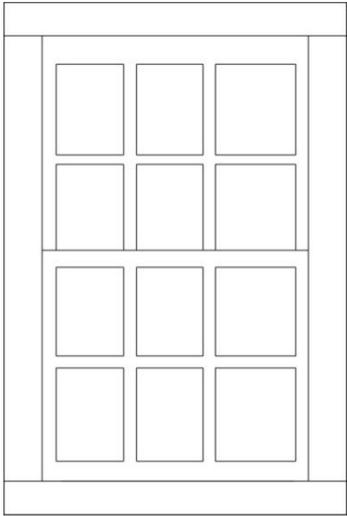
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Dom Silvério, 128, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela em madeira, de verga reta, com fechamento externo em guilhotina e interno com duas folhas do tipo saia e camisa.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Residencial.</p>	<p><b>2014</b>   <b>29</b></p>

 <p><b>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS</b> Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Dom Silvério, 132, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela em madeiras, de verga ogival, com bandeira dupla fixas (sendo que a primeira com estilo da verga e outra em caixilho) e duas folhas em veneziana, já internamente o fechamento é dado por duas folhas do tipo saia e camisa.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Residencial.</p>	<p><b>2014</b>   <b>30</b></p>

 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Dom Silvério, 161, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b></p> <p>Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela tripla, onde a demarcação de seus intervalos são em alvenaria. A janela central é em duas folhas em caixilho e teu terço inferior constituído por uma almofada na posição horizontal (o mesmo acontece para as demais, sendo as janelas laterais constituída por uma única folha). Já as bandeiras ambas fixas e envidraçadas possuem um estilo particular composto de curvas e retas. Suas ombreiras, vergas e peitoril, são constituído em estuque.</p>	
		<p><b>Uso Atual</b> Comercial.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>31</b></p>

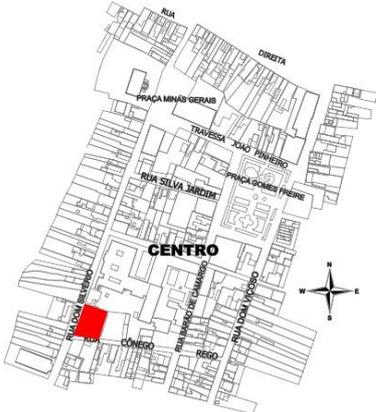
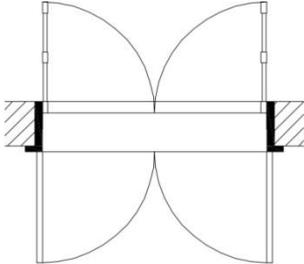
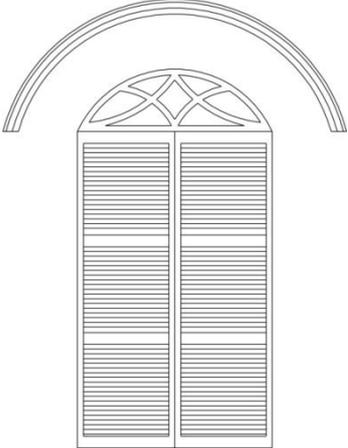
 <p><b>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS</b> Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Dom Silvério, 168, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela em madeira, de verga reta, com bandeira fixa em caixilho e duas folhas em veneziana, já internamente por duas folhas do tipo saia e camisa.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Residencial.</p>	
		<p><b>2014</b></p>	<p><b>32</b></p>

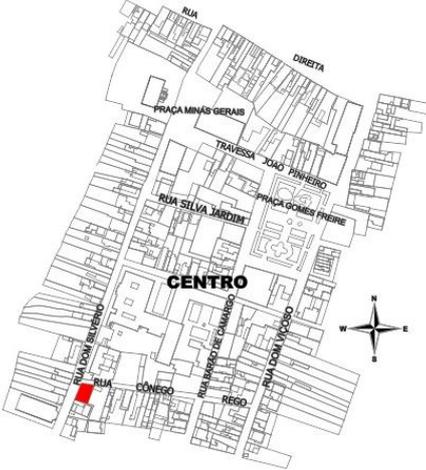
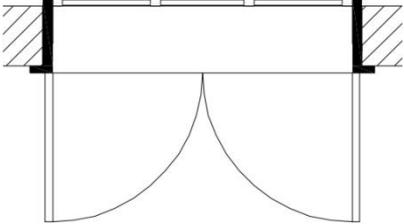
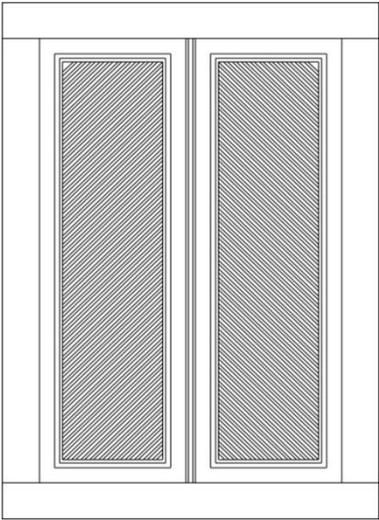
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Dom Silvério, 198, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela em madeira, de verga em capa e cangalha com fechamento externo em caixilho, e internamente em duas folhas do tipo saia e camisa.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>33</b></p>

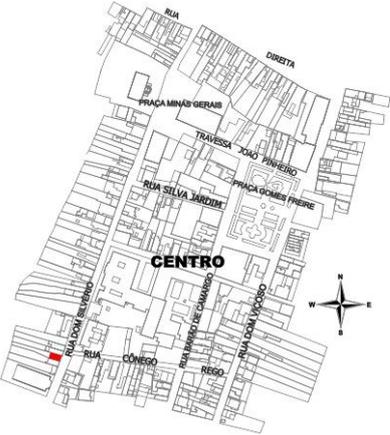
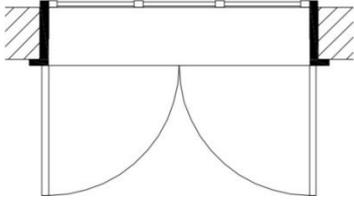
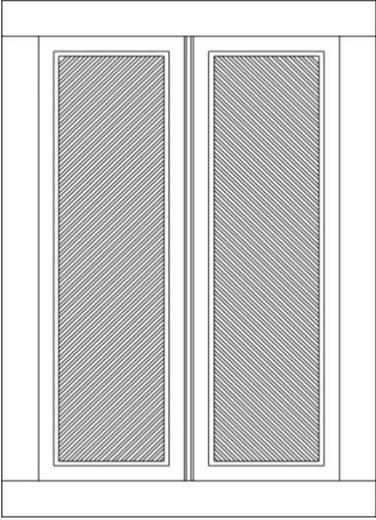
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO</b> – Rua Dom Silvério, 200, Centro - Mariana   Centro Histórico</p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela em madeira, de verga e ombreira reta, com fechamento externo em guilhotina e interno com duas folhas do tipo saia e camisa.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>34</b></p>

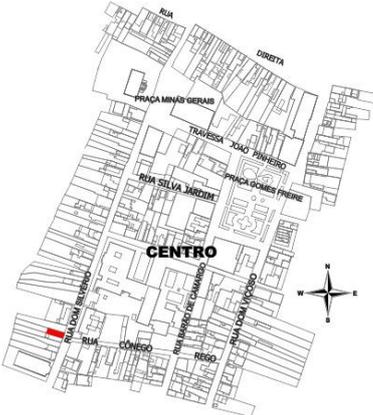
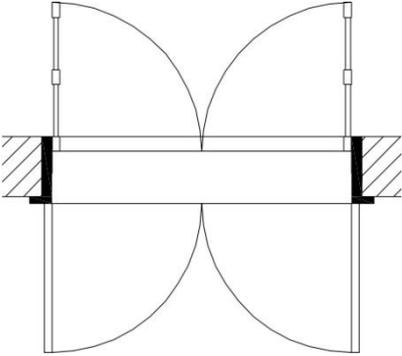
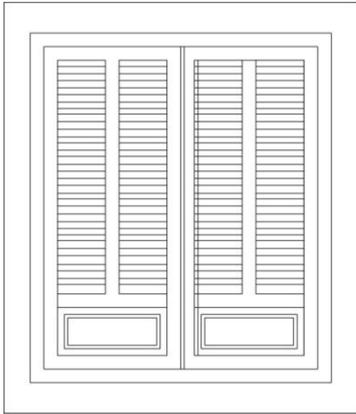
2014

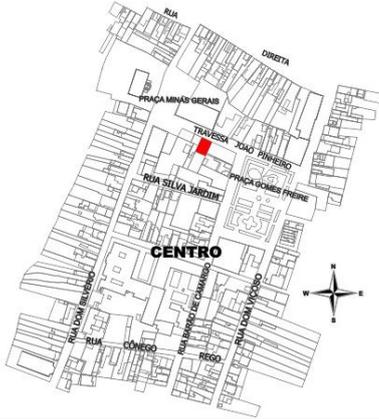
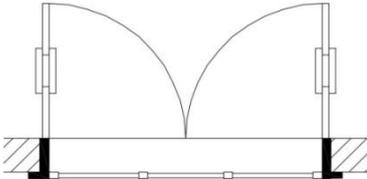
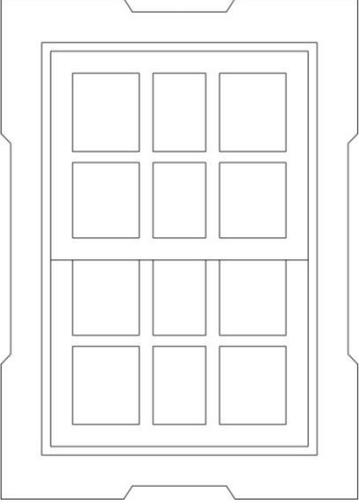
34

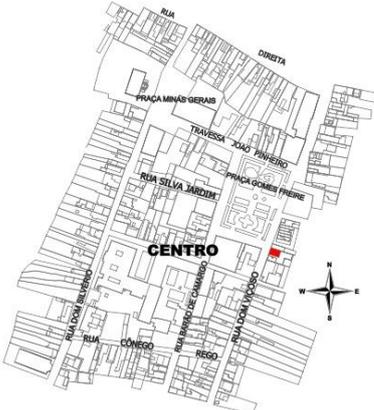
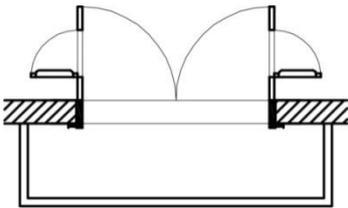
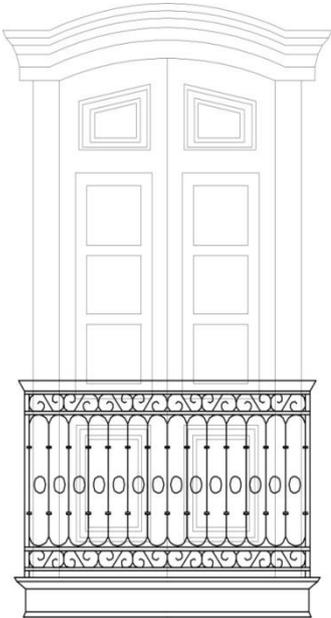
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Dom Silvério, 233, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b></p> <p>Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela em madeira, de verga em arco pleno, com ornamentação em estuque também em arco pleno, imitando uma cimalha pintada na cor azul. Seu fechamento externo é dado por duas folhas em veneziana e uma bandeira fixa e envidraçada, já internamente duas folhas em caixilho.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Comercial.</p>	<p><b>2014</b>   <b>35</b></p>

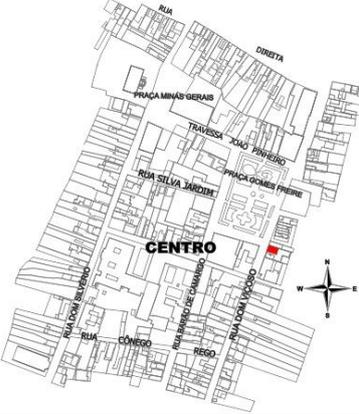
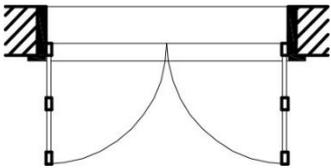
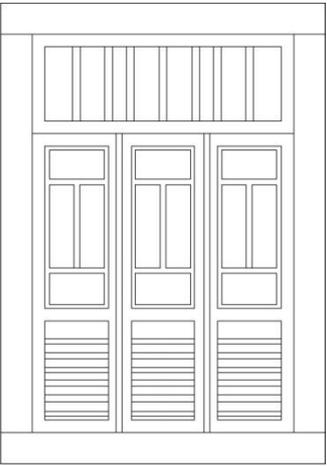
 <p><b>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS</b> Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Dom Silvério, 281, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela em madeira, de verga reta, com fechamento em duas folhas em muxarabi, já internamente com guilhotina.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Residencial.</p>	
		<p><b>2014</b></p>	<p><b>36</b></p>

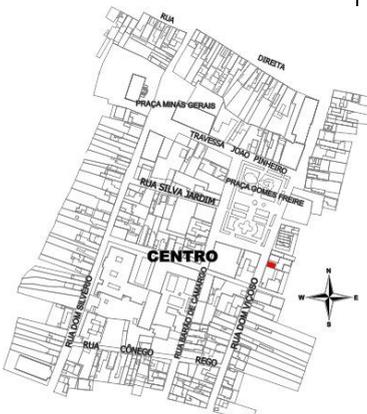
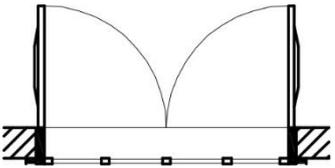
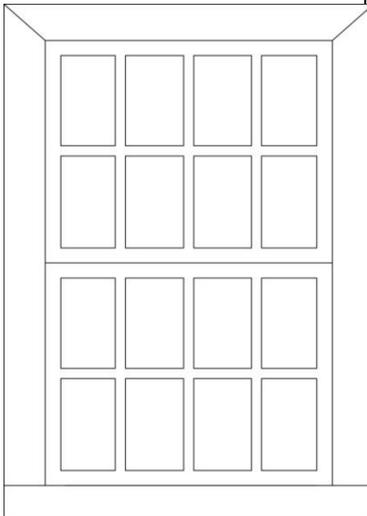
 <p><b>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS</b> Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Dom Silvério, 254, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela em madeira, de ombreiras e verga reta, com fechamento em duas folhas em muxarabi, já internamente com guilhotina.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Residencial.</p>	<p><b>2014</b>   <b>37</b></p>

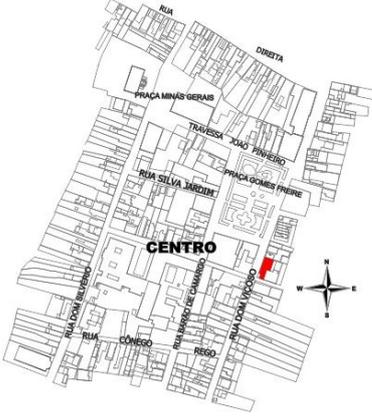
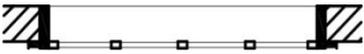
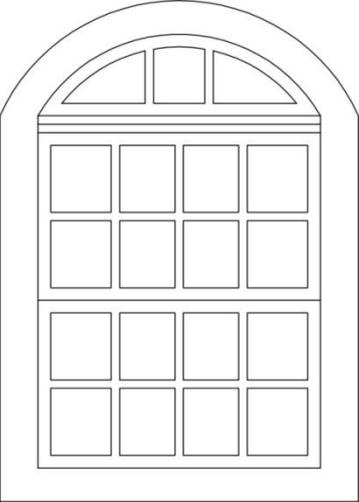
	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Dom Silvério, 250, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela em madeira, de verga reta, de quatro folhas, sendo as externas em veneziana e terço inferior constituído em uma almofada na posição horizontal, já internamente com duas folhas em caixilho.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Residencial.</p>	<p><b>2014</b>   <b>38</b></p>

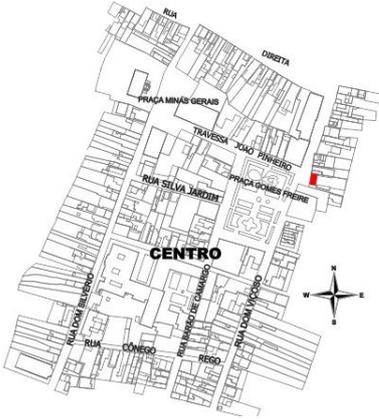
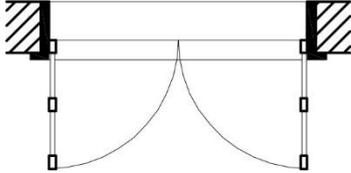
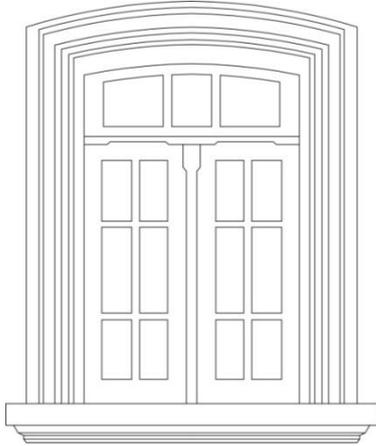
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Travessa João Pinheiro, 31, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela em argamassa de cimento, com ombreiras e verga reta com guilhotina em madeira e interna por duas folhas em saia e camisa.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Comercial.</p>	<p><b>2014</b>   <b>39</b></p>

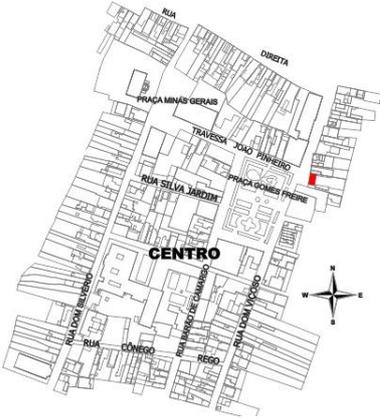
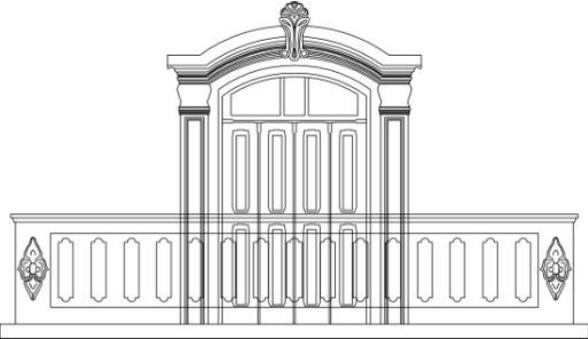
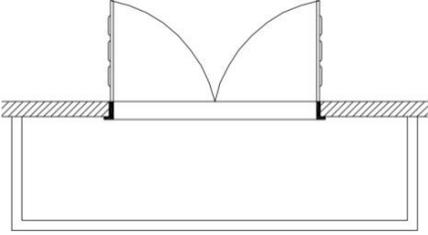
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO</b> – Rua Dom Viçoso, 3, Centro - Mariana   Centro Histórico</p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela rasgada por inteiro e com sacada individual no segundo pavimento, e no térreo janela de peitoril..</p> <p>Esquadria em madeira, de verga e sobreverga em canga de boi, guarda corpo com gradil em ferro, vedada por duas folhas com almofadas na parte inferior e superior, e na parte central postigo envidraçado.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Residencial (pavimento superior) e comercial (no térreo).</p>	<p><b>2014</b>      <b>40</b></p>

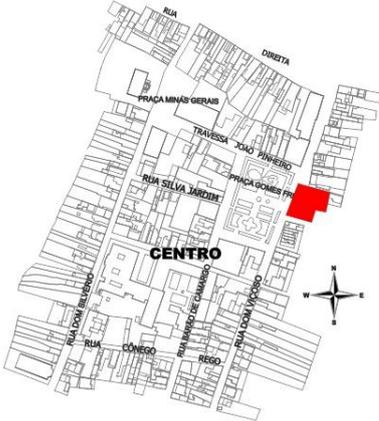
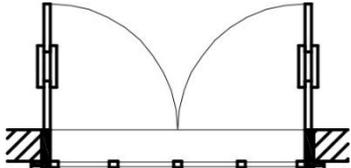
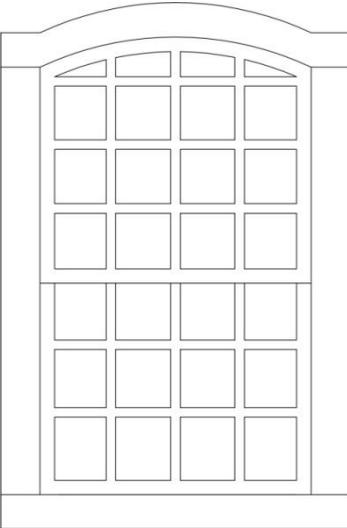
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Dom Viçoso, 9, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela rasgada por inteiro e com sacada individual no segundo pavimento, e no térreo janela de peitoril.</p> <p>Esquadria em madeira, de verga reta, com bandeira fixa envidraçada, vedada por duas folhas encaixilhadas e com veneziana no terço inferior.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>41</b></p>

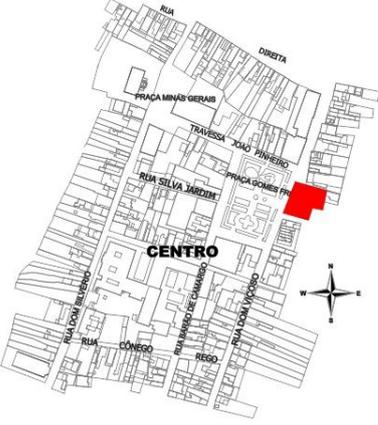
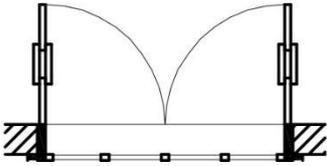
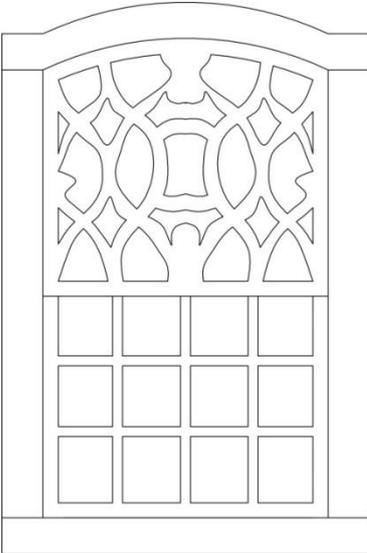
	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Dom Viçoso, 17, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril no pavimento superior.</p> <p>Esquadria de madeira, com verga reta com guilhotina em madeira e interna por duas folhas almofadadas.</p> <p><b>Uso Atual</b> Comercial.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>42</b></p>

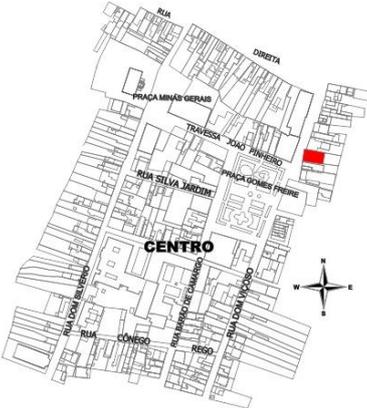
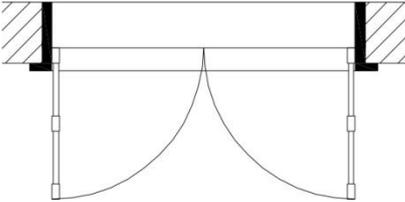
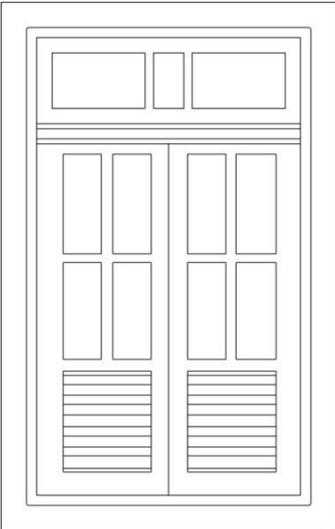
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Dom Viçoso, 23, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b></p> <p>Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril no pavimento superior.</p> <p>Esquadria de madeira, com verga em arco não pleno, bandeira fixa envidraçada, fechamento com guilhotina de 8 caixilhos.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>43</b></p>

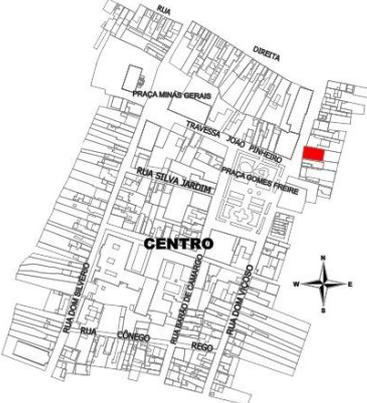
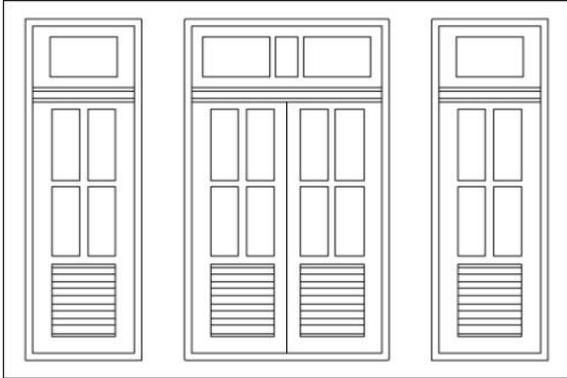
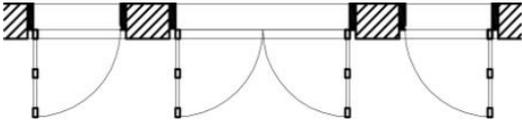
	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Frei Durão, 22, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril e rasgada por inteiro no pavimento superior.</p> <p>Alizar argamassado e saliente, marco reduzido para apoiar as folhas, bandeira fixa em vidro, fechamento com duas folhas encaixilhadas.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Comercial.</p>	<p><b>2014</b>      <b>44</b></p>

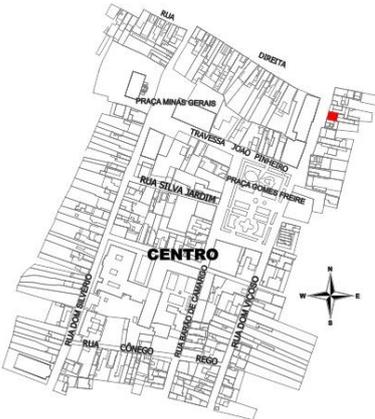
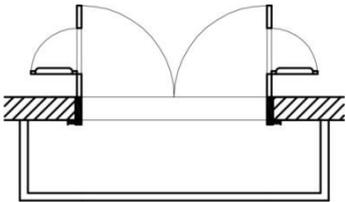
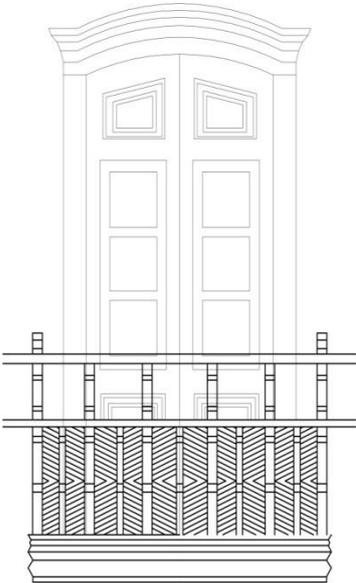
 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Frei Durão, 22, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b></p> <p>Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril e rasgada por inteiro no pavimento superior.</p> <p>Janela sacada, rasgada por inteiro, de ombreiras retas e verga em arco abatido, com sobreverga, vedada por duas folhas almofadadas (na vertical), com uma bandeira fixa e envidraçada também em verga de arco abatido. E também em arco abatido, recortada tipo cimalha tendo ao centro um ornamento onde ambos são trabalhadas em estuque.</p>	
		<p><b>Uso Atual</b> Comercial.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>45</b></p>

	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Frei Durão, 296, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XVIII.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela em madeira, de verga alteada, com fechamento externo em guilhotina, e internamente em duas folhas do tipo saia e camisa.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>46</b></p>

	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1 style="text-align: center;">JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Frei Durão, 296, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XVIII.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela em madeira, de verga alteada, com fechamento externo em guilhotina (a parte superior da guilhotina apresenta caixilhos estilizados), e internamente em duas folhas do tipo saia e camisa.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Comercial.</p>	<p style="text-align: center;"><b>2014</b>      <b>47</b></p>

 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Frei Durão, 66, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela em argamassa de cimento, com ombreiras e verga reta, com bandeira fixa em madeira e envidraçada (com vidros coloridos), com duas folhas também em madeira e envidraçada (com vidros incolor), seu terço inferior em veneziana.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b> Residencial.</p>	<p><b>2014</b>   <b>48</b></p>

	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Frei Durão, 66, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b> Edificação térrea, provavelmente do século XX.</p> <p>Apresenta janela de peitoril.</p> <p>Janela tripla em argamassa de cimento, com verga reta, com bandeira fixa em madeira e envidraçada (com vidros coloridos). A janela central tem duas folhas também em madeira e envidraçada (com vidros incolor), seu terço inferior em veneziana. As janelas laterais têm as mesmas características, mas são de apenas uma folha.</p>	
		<p><b>Uso Atual</b> Residencial.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>2014</b></p>	<p><b>49</b></p>

 <p>INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS Campus Ouro Preto</p>	<p>IFMG – Instituto Federal Minas Gerais – Ouro Preto   TCC 2014</p> <p><b>“Tipologia das esquadrias do século XVIII ao XX em Mariana/MG”</b></p>	<h1>JANELA</h1>	
	<p><b>LOCALIZAÇÃO – Rua Frei Durão, 92, Centro - Mariana   Centro Histórico</b></p> 		
		<p><b>Descrição</b></p> <p>Edificação de dois pavimentos, provavelmente do século XIX.</p> <p>Apresenta janela rasgada por inteiro e com sacada individual no segundo pavimento.</p> <p>Janela em madeira, de verga e sobreverga em canga de boi e o guarda corpo de balaústre e treliça, com pau de peito duplo; vedada por duas folhas com almofadas na parte inferior e superior, e na parte central postigo envidraçado.</p>	
<p><b>Orientador:</b> Alexandre Mascarenhas <b>Discente:</b> Carmem da Boaventura</p>		<p><b>Uso Atual</b></p> <p>Comercial (no térreo) e residencial (no segundo pavimento).</p>	<p><b>2014</b>   <b>50</b></p>

### **5.3 Análise construtiva, estética e temporal**

#### **5.3.1 Relação entre Vergas e Tipos de Janelas | Relações entre prováveis épocas e construção e outros aspectos**

Nas primeiras construções, do ponto estético, as fachadas são simples: aparência de robustez onde os cheios prevalecem sobre os vazios. Na medida em que os acabamentos das fachadas melhoram, o número de vãos aumenta. Seguindo as proporções das plantas e dos cômodos, as janelas quadradas são assentadas centralizadas na altura da parede. No pavimento superior dos sobrados o acabamento é mais apurado e com o aperfeiçoamento das técnicas e da produção arquitetônica, os vãos começam a predominar sobre os cheios.

Pode-se observar uma disposição simétrica nas fachadas em meados do século XVIII, as janelas são agrupadas de forma regular de um lado e do outro e acima de uma portada. O número de portas e janelas era proporcional às dimensões das fachadas, possibilitando também a caracterização da tipologia das casas baixas em janela e porta, morada inteira, meia morada, meia morada e comércio,  $\frac{3}{4}$  de morada ou morada e meia.

Relacionar as características das edificações torna-se complexo devido as influencias que estas sofrem de acordo com a evolução das técnicas construtivas, dos novos materiais que surgem, da necessidade de modernizar em busca de status.

Mariana, a primeira cidade de Minas Gerais possui edificações antigas, a construção de uma época, uma intervenção de outro período, uma reforma com novos materiais, uma substituição por um modelo de lançamento. É evidente que há exemplares bem conservados e com características originais, provavelmente isto se deve ao fato de ter sido adotada medidas e políticas de preservação.

Dentre as construções analisadas temos algumas com elementos construtivos parecidos, mas quando comparado com outras, as diferenças são gritantes.

As vergas retas predominam entre os objetos de estudo, embora seja o tipo mais antigo utilizado nas construções. A sua incidência nas janelas de peitoril é maior, quando estas são de parapeito, nota-se o emprego de vergas alteadas. Quando a edificação tem dois tipos de janelas a forma da verga se diversifica, sendo em canga-de-boi, reta ou apresentando as duas formas na mesma construção.

A respeito das vergas, também é possível observar que na Rua Dom Silvério há três edificações que chamam atenção: o Colégio e o Hotel Providência e o Centro Pastoral Monsenhor Vicente Dilácio. O Colégio é o mais antigo entre os três, de 1849, tem verga alteada e em curva e recurva. Esta verga posteriormente é adotada na edificação do Centro Pastoral, que data o século XX. Ambas são janelas em três fases (confirmar o termo que aparece nas fichas) e (acrescentar características presentes nas fichas, falar da argamassa). Ainda na mesma edificação vale salientar o emprego da verga reta em outra janela, mas com uma moldura também em argamassa, que quebra a ortogonalidade da janela com sua forma estilizada, concordando com a curva e recurva. Já o hotel, executado com traços ecléticos possui janelas apenas de parapeito, as do térreo com verga original e as do pavimento superior em arco pleno.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho evidenciou a importância de se conhecer a análise tipológica das esquadrias das cidades barrocas mineiras, mais especificamente da cidade de Mariana, dos séculos XVIII ao XX, sendo que esse conhecimento é valioso não só para os profissionais da área de arquitetura e construção civil, como também historiadores e a sociedade mineira como um todo, já que a mencionada cidade possui enorme importância para o estado (e para o Brasil), pois foi a primeira vila, primeira capital, sede do primeiro bispado e primeira cidade a ser projetada em Minas Gerais. Ademais, deve ser entendida como um cenário importante em um período de descobertas não só da riqueza mineral, mas também da religiosidade, de projetos arquitetônicos e de grandes artistas. A região guarda relíquias e casarios coloniais que contam parte da história do país e é palco de personagens representativos da cultura, arquitetura e obras artísticas brasileiras.

Diante dessa realidade tão rica, o estudo demonstrou a história da cidade de Mariana, como se deram sua urbanização e povoamento, os hábitos e os estilos de vida dos moradores e a cultura que tanto contribuíram para os estilos arquitetônicos e a construção civil da região. Mas, o que mais chamou a atenção foram a religiosidade do povo que deixou sua marca em construções como a Catedral de Nossa Senhora da Conceição, as Igrejas de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco de Assis e outras edificações, como o Velho Seminário que foi a primeira construção educacional mineira, inspirado nos famosos mosteiros portugueses.

A pesquisa também ofereceu a oportunidade de se conhecer a vida e o caminho percorrido pelos os artistas e os artesãos, artífices, ferreiros, serralheiros, mestres pedreiros e os mestres carpinteiros no período colonial, quais as normas tinham que ser seguidas na confecção de suas obras, como eles trabalhavam, quais suas funções. Dentre os oficiais, está o Aleijadinho, que trabalhou em Mariana como arquiteto, escultor e entalhador do Chafariz da Samaritana e das imagens de Sant'Ana, S. João Nepomuceno, S. Joaquim e dois bustos relicários. Outro artista que esse trabalho permitiu o conhecimento foi Manuel da Costa Ataíde, pintor e natural de Mariana, fundamental nos acabamentos das Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Rosário e São Francisco de Assis, além da Câmara.

Pode-se dizer que o objetivo desse trabalho, que era o de identificar as esquadrias mais usuais, estabelecendo vínculos com a época de construção e os materiais empregados, além de consolidar o conhecimento sobre a evolução das esquadrias e importância para a identidade das construções, que caracteriza uma forma de preservação do bem cultural e transmissão de

seus significados para as atuais e futuras gerações, foi plenamente alcançado, diante dos esclarecimentos que aprofundada pesquisa bibliográfica proporcionou e a partir dos resultados dos estudos de casos, que abrangeram a análise dos principais pontos da cidade de Mariana, principalmente pelo fato de ter sido referência para outras cidades mineiras, no período colonial, como centro administrativo e religioso e pelas numerosas e ricas construções de caráter civil.

Também foi realizado um inventário no entorno da Praça Gomes Freire e de suas ruas próximas, onde foram selecionadas quarenta e cinco edificações. Os dados que caracterizam essas edificações foram obtidos a partir de visitas *in loco* e pesquisas, sejam elas com os próprios moradores ou em documentos, o que colaborou para o enriquecimento dessa pesquisa e de maior entendimento dos tipos e das características das janelas, sacadas e vergas tão fundamentais na análise construtiva, estética e temporal das construções e edificações da região.

Por fim, é importante ressaltar que esse trabalho não pretende esgotar os estudos sobre uma temática tão importante, mas que possui escassos trabalhos sobre o patrimônio histórico da cidade de Mariana, mas ser um incentivo a outras pesquisas e também servir de consulta a acadêmicos e profissionais das áreas de arquitetura, engenharia, história, sociologia, *design*, decoração, e para quem tiver interesse sobre um tema tão fascinante e que faz parte da vida não só dos mineiros, mas dos brasileiros em geral.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **O bom Wash Rodrigues**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.
- ÁVILA, Affonso. GONTIJO, J. M. M; MACHADO, R, G. **Barroco Mineiro Glossário de Arquitetura e Ornamentação**. São Paulo: Cia Melhoramentos, 1980.
- AZEVEDO, Valéria Silva Vicente de (org.). **Iconografia paulistana em coleções particulares**. São Paulo: Sociarte, 1999.
- BARRETO, Paulo Thedim. Casas de Câmara e Cadeia. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 9-198, 1947,
- BASTOS, Rodrigo Almeida. **Regularidade e Ordem das Povoações Mineiras no século XVIII**. São Paulo: SHCU, 2006.
- BORSOI, Diogo Fonseca. O mundo urbano colonial: norma e conflito em Mariana/MG (1740 a 1808). **Revista Espacialidades**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, 2011.
- BOSCHI, Caio C. **O barroco mineiro: artes e trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BRASILEIRO, Vanessa Borges. **Sylvio de Vasconcellos: um arquiteto para além da forma**. 2007. 432 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte, 2007.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2005.
- BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Sistema de produção da arquitetura na cidade colonial brasileira - Mestre de ofício, "riscos" e "traças". **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 321-361, jan.-jun. 2012.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Cultura Barroca e manifestações do Rococó nas Gerais**. Ouro Preto: FAOP/BID, 1998.
- CAVALCANTI, Carlos; AYALA, Walmir, org. **Dicionário brasileiro de artistas plásticos**. Brasília: MEC/INL, 1973/1980.
- FONSECA, Cláudia Damasceno. O Espaço Urbano de Mariana: sua formação e suas representações. Ouro Preto: Editora da UFOP, 1998.
- GONTIJO, Ronaldo Masotti. Sylvio de Vasconcellos, o professor. **Revista Vão Livre**, Belo Horizonte, ano I, n. 1, p.25-26, jun. 1999.
- MARTINS, Judith. **Dicionário de artista e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Publicações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1974.

MARTINS, Mônica de Souza N. **Entre a Cruz e o Capital:** as Corporações de Ofícios no Rio de Janeiro após a chegada da Família Real (1808-1824). Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2008.

MELLO, Suzy de. **Barroco Mineiro.** Rio de Janeiro: Brasiliense, 1984.

MELLO, Suzy de. Retrato em branco e preto. **Revista Vão Livre**, Belo Horizonte, ano 1, n. 1. p.18-22, jun. 1979.

NIENHUIS, Pe. Humberto. **São José:** o carpinteiro. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

PAULA, G. D; ROZENWAJM, U. K. **Cadernos Ofícios:** Carpintaria. Ouro Preto: FAOP, 2008.

SCULLY, Vincent Joseph. **Arquitetura moderna:** a arquitetura da democracia. Tradução de Ana Luíza Dantas Borges. São Paulo: Cosac &Naify, 2004.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil, 1900-1990.** 2. ed. São Paulo; Edusp, 2002.

SILVA TELLES, Augusto Carlos. A Ocupação do Território e a Trama Urbana. **Revista Barroco**, Belo Horizonte, v. 10, 1978/79.

SMITH, Robert C. Arquitetura civil do período colonial. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** Rio de Janeiro, vol. 17, p. 27-126, 1969.

TARASANTCHI, Ruth Sprung. **Pintores paisagistas em São Paulo (1890-1920).** São Paulo: Editora da USP, 1986.

VASCONCELOS, Salomão de. **Breviário Histórico e Turístico da Cidade de Mariana.** Biblioteca Mineira de Cultura, vol. XVII, 1947.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Arquitetura no Brasil:** sistemas construtivos. 5ª ed. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1979.

VASCONCELLOS, Sylvio de. Aprendendo desde cedo. **O Estado de Minas**, Belo Horizonte, 26 mai. 1976. 2ª seção, p.1

VASCONCELLOS, Sylvio de. Contribuição para o estudo da Arquitetura Civil em Minas Gerais II. **Arquitetura e Engenharia**, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 42-49, jul./ago., 1946.

VASCONCELLOS, Sylvio de. Contribuição para o Estudo da Arquitetura Civil em Minas Gerais IV. **Arquitetura e Engenharia**, Belo Horizonte, v. 1, n. 5, p. 79-81, set./out. 1947.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Sistemas construtivos adotados na arquitetura no Brasil.** Belo Horizonte: Separata, 1951.

VASCONCELLOS, Sylvio de. Olhe esta foto: você não sente saudade do tempo que Belo Horizonte era assim? Nós temos algumas coisas a dizer a respeito. **O Estado de Minas**, Belo Horizonte, 19 abr. 1974. Turismo, p. 1.

VASCONCELLOS, Sylvio de. Inquérito nacional de arquitetura. **Arquitetura**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 33-40, jan. 1963.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Arquitetura no Brasil**: sistemas construtivos. 4. ed. rev. Belo Horizonte: Del Rey, 1981.

VASCONCELLOS, Sylvio de. As cidades, a planificação e a vã filosofia. **O Estado de Minas**, Belo Horizonte, 10 set. 1967. 3ª seção, p.4.

VASCONCELLOS, Sylvio de. A família mineira e a arquitetura contemporânea. **O Globo**, Rio de Janeiro, 31 jan. 1961. p. 18.

VEIGA, Afonso Costa Santos. **José Pereira Arouca**: Mestre pedreiro e carpinteiro. 2. ed. Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda, 1999.